



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Enézia de Cássia de Jesus

**Traduções transatlânticas: a recepção do *Pequeno Manual Antirracista* de Djamila Ribeiro  
em língua francesa**

Florianópolis

2023

Enézia de Cássia de Jesus

**Traduções transatlânticas: a recepção do *Pequeno Manual Antirracista* de Djamil  
Ribeiro em língua francesa**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Processos de Retextualização.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Sheila Maria dos Santos, Dr.<sup>a</sup>.  
Coorientador: Prof. Kall Lyws Barroso Sales, Dr.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de  
Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC

Jesus, Enézia de Cássia de

Traduções transatlânticas: a recepção do Pequeno Manual Antirracista de Djamila Ribeiro em língua francesa / Enézia de Cássia de Jesus ; orientadora, Sheila Maria dos Santos, coorientadora, Kall Lyws Barroso Sales, 2023.

98 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução afrodiaspórica. 3. Pequeno Manual Antirracista. 4. Recepção. 5. Djamila Ribeiro. I. Santos, Sheila Maria dos . II. Sales, Kall Lyws Barroso . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

Enézia de Cássia de Jesus

**Traduções transatlânticas: a recepção do *Pequeno Manual Antirracista* de Djamila  
Ribeiro em língua francesa**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 18 de agosto de 2023,  
pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof<sup>a</sup> Luana Antunes Costa, Dr<sup>a</sup>

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB

Prof<sup>a</sup> Marie-Hélène Catherine Torres, Dr<sup>a</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado  
adequado para obtenção do título de mestra em Estudos da Tradução.

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Prof<sup>a</sup>. Dirce Waltrick do Amarante, Dr<sup>a</sup>

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Prof.<sup>a</sup> Sheila Maria dos Santos, Dr<sup>a</sup>

Orientadora

Florianópolis, 2023

À Dora (*in memoriam*)

E José Enéas

Que me ensinaram a navegar no mar vida  
para além das águas de Milagres.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em especial a minha querida orientadora Sheila Maria pelas instruções e oportunidades concedidas.

Agradeço ao meu querido coorientador Kall Sales, pessoa pela qual tenho grande admiração, obrigada pelas instruções e por ainda durante a graduação me mostrar o caminho dos Estudos da Tradução.

Agradeço igualmente às professoras Marie-Hélène e Luana Antunes por gentilmente aceitarem o convite para fazer parte da banca de defesa.

Agradeço a minha família, em especial ao meu pai e minha irmã por todo apoio e por sempre acreditar em mim.

Agradeço ao meu companheiro Vinícius, que esteve comigo em todas as horas me dando todo suporte possível, por cuidar da Luna, da nossa casa.

Agradeço a todos meus amigos, a minha amiga Poliana por seu olhar cuidadoso com meu texto e parceria, a minha amiga Júlia por todo apoio emocional, ao meu amigo Alex pelos memes e figurinhas e a mais nova do time, minha amiga Catarina, por todo acolhimento em terras longínquas e pelo chimarrão.

Agradeço à CAPES pelo financiamento da bolsa, que me permitiu assim poder me dedicar inteiramente a minha pesquisa.

Obrigada!

E deixe os Portugais morrerem à míngua.  
'Minha pátria é minha língua.'

Caetano Veloso (1984, s/p)

## RESUMO

Cumpre-nos salientar que esta pesquisa tem como objetivo analisar como se deu a recepção da tradução do *Pequeno Manual antirracista*, de Djamila Ribeiro, dentro do que se insere a tradução de textos teóricos/literários para a língua francesa, que discutem o feminismo negro, e que contribuem para ampliar a recepção do conceito de “lugar de fala” e para a difusão do pensamento crítico latino-americano atravessando o Atlântico Negro. Partimos do pressuposto de que, no Brasil, há uma predominância no consumo de obras de cunho teórico/filosófico de autores e de autoras da Europa. Dessa forma, analisar uma obra que faz o movimento inverso, experienciar o que podemos chamar de exportação de conhecimento, nos auxilia a compreender: o interesse de países de expressão francesa na produção teórica brasileira; o impacto das traduções de Djamila Ribeiro para a construção de narrativas contra hegemônicas; a importância da reflexão acerca da tradução de textos brasileiros não literários; e o desenvolvimento de reflexões antirracistas a nível internacional. Desse modo, apresentaremos uma perspectiva de leitura crítica dentro dos Estudos da Tradução, principalmente dos estudos descritivos sobre paratextos e paratraduções atrelados à obra, notadamente em sua segunda edição em escrita inclusiva. Para tanto, daremos maior atenção ao trabalho desenvolvido pela tradutora-escritora Paula Anacaona, que se dedica à literatura e às discussões da/na periferia, com uma perspectiva de fazer circular, principalmente, a escrita de textos que estão à margem. Utilizamos como base teórica obras de autores e autoras que tratam da tradução e da relação entre culturas, tendo como método investigativo a pesquisa bibliográfica no campo dos estudos da tradução, principalmente nas reflexões sobre: paratextos, paratraduções e discurso de acompanhamento, tal como apresentadas por Genette (2009), Torres (2011), Yuste-Frías (2011) e Sales (2014). Além disso, refletimos sobre o papel do tradutor, a importância deste como testemunha intercultural, apoiados, principalmente, nas reflexões de Berman (1991, 2002), Edwin Gentzler (2009), Lambert (2011) e Carrascosa (2017) sobre a tradução de textos afrodiáspóricos, associando-a ao seu movimento de travessia do Atlântico por vias da tradução, sustentamo-nos nas teorias da tradução que se preocupam em confrontar as distribuições de espaços e em ressituar o sujeito colonial, desse modo trazemos para nossa discussão as contribuições teóricas de Spivak (2010) e Quilomba (2019).

**Palavras-chave:** tradução; *Pequeno Manual Antirracista*; Recepção; Paratextos; Paratradução.

## RÉSUMÉ

Il faut souligner que cette recherche vise à analyser la réception de la traduction du *Pequeno Manual antirracista*, par Djamila Ribeiro, au sein dans lequel la traduction de textes théoriques/littéraires en français, qui traite du féminisme noir, et qui contribue à élargir la réception du concept de « place de la parole » et diffuser la pensée critique latino-américaine à travers l'Atlantique noir. Nous partons de l'hypothèse qu'au Brésil, il existe une prédominance de la consommation d'œuvres à caractère théorique/philosophique par des auteurs hommes et femmes d'Europe. Ainsi, analyser une œuvre qui fait le mouvement inverse, éprouvant ce que l'on peut appeler l'exportation des savoirs, nous permet de comprendre : l'intérêt des pays francophones pour la production théorique brésilienne ; l'impact des traductions de Djamila Ribeiro pour la construction de récits contre- hégémoniques ; l'importance de réfléchir sur la traduction des textes brésiliens non littéraires; et le développement de réflexions antiracistes au niveau international. Ainsi, nous présenterons une perspective de lecture critique au sein des études de la traduction, principalement des études descriptives sur les paratextes et les paratraductions liées à l'œuvre, notamment dans sa deuxième édition en écriture inclusive. À ce propos, nous donnerons une plus grande attention au travail développé par la traductrice-écrivaine Paula Anacaona, qui se dédie à la littérature et aux discussions de/dans la périphérie, dans la perspective de faire circuler, principalement, l'écriture de textes qui sont sur le marge. Nous utilisons comme base théorique les travaux d'auteurs qui traitent de la traduction et de la relation entre les cultures, en utilisant comme méthode d'investigation la recherche bibliographique dans le domaine des études de traduction, principalement dans des réflexions sur : les paratextes, les paratraductions et le discours d'accompagnement, tel que présenté par Genette (2009), Torres (2011), Yuste-Frías (2011) et Sales (2014). De plus, nous réfléchissons sur le rôle du traducteur, l'importance de ce rôle en tant que témoin interculturel, en nous basant principalement sur les réflexions de Berman (1991, 2002), Edwin Gentzler (2009), Lambert (2011) et Carrascosa (2017) sur la traduction des textes afrodiasporiques, en l'associant à son mouvement d'outre-Atlantique par la traduction, nous nous appuyons sur des théories de la traduction soucieuses de confronter les distributions d'espaces et de em changeant le sujet colonial de son espace, nous apportons ainsi à notre discussion la théories des contributions de Spivak (2010) et Quilomba (2019).

**Mots-clés:** Traduction; *Petit Manuel Antiraciste et féministe*; Réception; Paratexte; Paratraduction.

## ABSTRACT

It should be noted that this research aims to analyze the reception of the translation of the *Pequeno Manual Antirracista*, by Djamila Ribeiro, within which the translation of theoretical/literary texts into French, which discuss black feminism, and which contribute to broaden the reception of the concept of “place of speech” and to the diffusion of Latin American critical thinking across the Black Atlantic. We start from the assumption that, in Brazil, there is a predominance in the consumption of works of a theoretical/philosophical nature by men and women authors from Europe. In this way, analyzing a work that makes the opposite movement, experiencing what we can call the export of knowledge, helps us to understand: the interest of French-speaking countries in Brazilian theoretical production; the impact of the translations of Djamila Ribeiro for the construction of counter-hegemonic narratives; the importance of reflection about the translation of non-literary Brazilian texts; and the development of anti-racist reflections at an international level. In this way, we will present a critical reading perspective within translation studies, mainly descriptive studies on paratexts and paratranslations linked to the work, notably in its second edition in inclusive writing. To this end, we will pay greater attention to the work developed by the translator-writer Paula Anacaona, who is dedicated to literature and discussions of/in the periphery, with a perspective of circulating, mainly, the writing of texts that are on the margins. As a theoretical basis, we used the works of men and women authors who deal with translation and the relationship between cultures, using bibliographical research in the field of translation studies as an investigative method, mainly in reflections on: paratexts, paratranslations and accompanying speech, as presented by Genette (2009), Torres (2011), Yuste-Frías (2011) and Sales (2014). In addition, we reflect on the role of the translator, the importance of this role as an intercultural witness, based mainly on the reflections of Berman (1991, 2002), Edwin Gentzler (2009), Lambert (2011) and Carrascosa (2017) on the translation of Afro-diasporic texts, associating it with their movement across the Atlantic by means of translation, we are based on theories of translation that are concerned with confronting the distributions of spaces and with the resituating the colonial subject, thus bringing to our discussion the theoretical contributions of Spivak (2010) and Quilomba (2019).

**Keywords:** Translation; *Pequeno Manual Antirracista*; Reception; Paratexts; Paratranslation.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1- Índice no texto de partida e na tradução na ordem que são apresentados .....	68
Quadro 2- Elementos de paratradução.....	72
Quadro 3 - Quadro comparativo (escrita standard e escrita inclusiva) .....	81

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa da tradução italiana .....	69
Figura 2: Capa da tradução francesa.....	73
Figura 3: Capa da edição francesa.....	82
Figura 4: Capa da edição brasileira .....	69
Figura 5: Ficha catalográfica 2ª edição PMA .....	68
Figura 6: Ficha catalográfica da 1ª edição do PMA .....	77
Figura 7: Ficha catalográfica da 2ª edição do PMA .....	77
Figura 8: Pronomes possessivos - escrita inclusiva.....	79
Figura 9: Pronomes demonstrativos - escrita inclusiva.....	80
Figura 10: Pronomes pessoais - escrita inclusiva .....	80
Figura 11: Feminização de nomes - escrita inclusiva.....	80
Figura 12: Verbetes do dicionário da Academia francesa - <i>professeur</i> - 9ª edição .....	87
Figura 13: Verbetes do dicionário da Academia francesa - <i>médecin</i> - 9ª edição.....	87

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. VOZES - MULHERES NEGRAS E A TEORIZAÇÃO BRASILEIRA SOBRE RAÇA, GÊNERO E CLASSE.....</b>	<b>18</b>
2.1 <i>VOZES-MULHERES</i> NOS FEMINISMOS AFRO-LATINO AMERICANOS EM TRADUÇÃO.....	19
2.2 DJAMILA RIBEIRO EM ROTA NOS FEMINISMOS NEGROS TRADUZIDOS.....	26
2.3 EPISTEMOLOGIAS DO SUL: O PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA.....	31
<b>3. VOZES-MULHERES NEGRAS TRADUZIDAS: RECEPÇÃO DE DJAMILA NO MUNDO FRANCÓFONO .....</b>	<b>41</b>
3.1 GÊNERO, RAÇA E CLASSE EM TRADUÇÃO: <i>O PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA</i> EM SOLO FRANCÊS .....	44
3.2 COM A PALAVRA, PAULA ANACAONA, TRADUTORA DE DJAMILA RIBEIRO .....	51
3.3 FRANÇOISE VERGÈS, FEMINISMOS EM PARATRADUÇÕES DECOLONIAIS .....	58
<b>4. PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA: REFLEXÕES ENTRE LÍNGUAS .....</b>	<b>63</b>
4.1 POR UMA CRÍTICA PRODUTIVA DO PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA.....	64
4.2 TRADUZINDO GÊNEROS: A LINGUAGEM INCLUSIVA COMO POLÍTICA DAS TRADUÇÕES...77	
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>90</b>

## 1. INTRODUÇÃO

“O que esboçamos aqui faz parte de um plano de fuga de quem ainda está à beira do cais de um antiquíssimo porto, rabiscando traços sobre a superfície de um pedaço de papel gasto e mirando o sol que está por acordar no Oriente.”

Denise Carrascosa

Este trabalho tem como propósito examinar como se dá a recepção na França da tradução e da retradução de Paula Anacaona da obra *Pequeno Manual Antirracista* (2020; 2021), de Djamila Ribeiro. Segundo Sousa (2011), podemos afirmar que toda obra traduzida é um híbrido cultural e sua tradução deve ser acompanhada e justificada por meios que sustentem sua passagem para a língua de chegada. É acreditando nesse híbrido cultural o qual compõem uma obra traduzida que damos início a nossa reflexão. Todavia, gostaríamos de destacar e informar ao leitor que outros textos sobre as obras de Ribeiro, no campo dos Estudos da Tradução, já foram publicados. Além do meu trabalho de conclusão de curso, intitulado *A tradução do Pequeno Manual Antirracista de Djamila Ribeiro para língua francesa* (2022)<sup>1</sup>, existem ainda outros dois trabalhos sobre a recepção das obras da filósofa além-fronteiras brasileiras, a saber: *Djamila Ribeiro, lugares de fala em tradução italiana* (2021)<sup>2</sup> e *Da che luogo parli? Djamila Ribeiro, lugares de fala em tradução* (2020)<sup>3</sup>.

No presente trabalho, deter-nos-emos, principalmente, nas questões paratextuais e nos elementos que conduzirão à leitura e à recepção do texto enquanto tradução. É importante salientar que, no tocante à recepção da obra de Ribeiro, daremos maior atenção ao trabalho desenvolvido pela tradutora-escritora-editora Paula Anacaona, buscando observar quais foram os meios, os objetivos e as estratégias utilizadas na tradução da obra e, a partir disso, analisar de que modo essas escolhas foram tomadas e justificadas a partir da recepção francesa de uma obra diaspórica. Nesse sentido, é significativo ressaltar que a tradutora também se dedica à

---

<sup>1</sup> Jesus, Enézia de Cássia de. *A tradução do Pequeno Manual Antirracista de Djamila Ribeiro para língua francesa*. Trabalho de Conclusão de Curso. UFAL, 2022.

<sup>2</sup> Guerini, A.; Buonsante, G. *Djamila Ribeiro, lugares de fala em tradução italiana*. Revista de Letras, v. 2, n. 40, 9 nov. 2021.

<sup>3</sup> Buonsante, G. *Da che luogo parli? Djamila Ribeiro, lugares de fala em tradução*. Dissertação de mestrado. Veneza: Università Ca' Foscari Venezia, 2020.

literatura e às discussões sobre a periferia, com uma perspectiva de fazer circular a escrita de textos que são destaque nas discussões sobre raça, gênero e classe no Brasil.

Testemunhamos significativa notoriedade dada a Djamila e suas obras, no presente momento, tanto em âmbito nacional quanto internacional, evidenciado pelo movimento de ocupação de espaços outrora inalcançáveis para uma escritora feminista negra, o que reforça a relevância desta pesquisa. Para tanto, apresentaremos sumariamente a produção de Djamila Ribeiro, intelectual negra, mestra em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), cuja dissertação teve como centro a reflexão sobre as feministas Simone de Beauvoir e Judith Butler, das quais ela refina as análises ao ampliar o debate com a exposição do lugar da mulher negra na sociedade. Em 2016, a escritora assumiu o cargo de secretária-adjunta de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo. Em novembro de 2017, começou a liderar um instituto sem fins lucrativos, Espaço Feminismos Plurais, que visa formar intelectualmente e profissionalmente, além de propor atendimento terapêutico para pessoas pertencentes a grupos vulnerabilizados. Participou da publicação do livro *Mulheres, raça e classe* (2016), de Angela Davis, no qual cooperou como escritora do prefácio. Em 2019 foi reconhecida como uma das 100 mulheres mais influentes do mundo e laureada com o prêmio Prince Claus Fund.

Partimos do pressuposto de que, apesar de muitos movimentos de mudanças epistemológicas no Brasil, ainda há uma predominância no consumo de obras de cunho teórico/filosófico de autores e de autoras da Europa e dos EUA (Norte global). Dessa forma, analisar uma obra que faz o movimento inverso, ou seja, uma reflexão teórica construída no Brasil que chega à França, faz-nos experienciar o que podemos chamar de exportação de conhecimento, e nos ajudar a compreender: 1) o interesse da França na produção teórica brasileira; 2) o impacto das traduções de Djamila Ribeiro para a construção de narrativas contra hegemônicas; 3) a importância da reflexão acerca da tradução de textos brasileiros não literários; e 4) o desenvolvimento de reflexões antirracistas a nível internacional. Ter esse olhar para escritoras brasileiras cujos textos trazem reflexões críticas das pautas antirracistas propõe uma descolonização de pensamento, tomando por empréstimo a expressão de Ngugi Wa Thiong'o (1987). Escolhemos, assim, analisar como se dá a recepção do *Pequeno Manual Antirracista*, de Ribeiro, em língua francesa, partindo das relações entre Brasil e França, pois:

Se hoje o Brasil é um país reconhecidamente importante na França, por seu dinamismo político e econômico, sua força musical e cultural, de modo geral, a nossa literatura, contudo, apesar das inúmeras traduções e retraduições de grandes obras, continua sendo vertida de modo descuidado, o que impede a descoberta pelos franceses, e pelos falantes e leitores da língua francesa, do lugar real que deve ocupar a literatura brasileira do polissistema literário ocidental (SOUSA, 2011, p.14).

Conforme o que postula Sousa, há interesse da França na produção cultural brasileira, e a esta podemos elencar atualmente um interesse crescente pela produção teórica brasileira, principalmente no que concerne às reflexões sobre gênero, sexualidade, raça e classe. Todavia, Françoise Vergès, assim como Grada Kilomba e Katiúscia Ribeiro, trazem à tona a predominância do conhecimento eurocêntrico. No livro *Um feminismo decolonial* (2020), por exemplo, o texto intitulado “crítica dos epistemicídios”, a autora franco-argelina Françoise Vergès, dá destaque ao apagamento dos saberes, estéticas, técnicas e filosofias dos povos colonizados frente a uma imposição do consumo de pensadores eurocêntricos. Podemos constatar, tanto no prefácio de Françoise Vergès para o livro *Petit Manuel Antiraciste et Féministe* quanto no depoimento da tradutora e editora Paula Anacaona, onde ambas apresentam a questão do consumo de obras não eurocêntricas e salientam a importância da leitura de autoras e autores oriundos do Sul global, ao discorrerem sobre a pertinência do pensamento de Djamila Ribeiro para o mundo francófono, como veremos posteriormente em nossa análise.

Portanto, no capítulo 1, procuraremos colocar em evidência, a partir de um breve percurso histórico, autoras negras – Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Carla Akotirene – que, juntas com autoras que tratam do feminismo negro norte-americano, tiveram grande influência na formação social e filosófica de Djamila Ribeiro a respeito das questões raciais, de gênero e classe. À vista disso, estabeleceremos um diálogo entre o pensamento dessas autoras e o de Djamila Ribeiro. Assim, buscaremos dar evidência a trajetória de Djamila Ribeiro, sua recepção no Brasil e no exterior, sobretudo no que tange mais especificamente as duas edições (tradução e retradução) em solo francês, uma em língua francesa corrente e a outra em língua inclusiva. Além disso, a nível de comparação, trataremos em particular a retradução do *Pequeno Manual Antirracista* para o italiano, que foi publicado em 2022 pela editora Capavolte, sobre o título *Piccolo manuale antirazzista e femminista*. Com isso, nosso aporte teórico para esse primeiro momento é baseado nas pesquisas e apontamentos feitos por Alex Ratts e Flávia Rios (2010), Elizabeth Viana (2006) e Rosane da Silva Borges (2009), além das obras das autoras e das entrevistas por elas concedidas.

O segundo capítulo é destinado à discussão teórica, visto que nossa pesquisa se dedica aos Estudos da Teoria da Tradução e aos estudos descritivos sobre paratextos e paratraduções. Utilizamos como base obras de autores e autoras que tratam da tradução e da relação entre culturas. O método investigativo que está sendo utilizado no presente trabalho é a pesquisa bibliográfica, no campo dos Estudos da Tradução, principalmente nas reflexões sobre:

paratextos, paratraduções e discurso de acompanhamento, tal como apresentadas por Genette (2009), Marie Hélène Torres (2011), Yuste-Frías (2011) e Kall Sales (2014). Ademais, refletiremos sobre o papel do tradutor, a importância deste no processo de tradução e na construção de um horizonte tradutivo, apoiados, principalmente, nas reflexões de Antoine Berman (1991, 2002), José Lambert (2011) e Denise Carrascosa (2017) sobre a tradução de textos afrodiaspóricos, de igual modo, trataremos também as contribuições de Gisèle Sapiro e Johan Heilbron (2009) e Itamar Even-Zohar (1990) no que diz respeito às relações e tensões entre margem e centro nos Estudos da Tradução.

O terceiro capítulo terá como intuito selecionar e analisar os elementos paratextuais e de paratradução que circundam o *Pequeno Manual Antirracista*, na edição francesa, configurando-os da seguinte maneira: a) análise dos elementos paratextuais – capa, folha de rosto, prefácio, notas de rodapé, posfácio, entrevistas e palestras – do livro *Pequeno Manual Antirracista*, traduzido e editado por Anacaona, com o objetivo de analisar as decisões editoriais da obra em francês, de modo a considerar que a tradução é uma nova autoria e procurando circunscrever a partir disso as motivações e o que essas decisões dizem respeito da recepção e b) análise da segunda edição, cujo formato é uma retradução da primeira edição do *Pequeno Manual Antirracista* em escrita inclusiva.

## 2. VOZES - MULHERES NEGRAS E A TEORIZAÇÃO BRASILEIRA SOBRE RAÇA, GÊNERO E CLASSE

“Que as vozes dispersas afrodiaspóricas [...] se ponham em volta do fogo e que suas chispas e uivos se acendam como vaga-lumes e crepitam em direção ao céu noturno da contemporaneidade para fazer acender, fulgurante, um Atlântico Negro.”

Denise Carrascosa

Antes de adentrarmos ao estudo específico das traduções do *Pequeno Manual Antirracista* (doravante PMA), de Djamila Ribeiro, traçaremos um modesto percurso pelo pensamento de teóricas negras e brasileiras sobre os estudos feministas e antirracistas. Desse modo, ofereceremos ao leitor uma contextualização histórica sobre o tema proposto nas reflexões feitas por Djamila Ribeiro. Isto é, evidenciaremos o quanto seu ponto de vista, no que diz respeito especialmente ao racismo e ao lugar da mulher negra, dialoga com as inquietações e reflexões de outras pensadoras negras, cujas vozes também são essenciais para fundamentar os movimentos sociais antirracistas e anti-coloniais, das quais a obra de Djamila Ribeiro é herdeira, salientando assim a travessia que a autoria realiza, permitindo o ecoar dessas vozes em terras estrangeiras, carregando consigo a herança do pensamento de suas antecessoras.

A escritora em algumas palestras faz questão de rememorar e enfatizar a inegável importância das obras das teóricas negras brasileiras, tais como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Carla Akotirene, nos debates sobre gênero, raça e classe, chamando atenção para o determinante papel da tradução não só para um maior reconhecimento dessas teóricas, mas também para acentuar que aqui, no Sul global, essas inquietações no tocante a gênero, raça e classe são evocadas. À vista disso, Djamila Ribeiro faz a seguinte afirmação:

[...] nosso objetivo é traduzir esses livros, trazer os pensamentos de pensadores e pensadoras afro-brasileiras, rompendo com essa visão, com essa dependência do Norte global, a gente está refazendo a travessia transatlântica de uma outra forma, e é muito importante, não é fácil obviamente, porque é um projeto independente, totalmente independente (RIBEIRO, 2021, s/p).<sup>4</sup>

Para tanto, entendemos que é de suma importância compreender e conseguir perceber não apenas com um olhar sensível, mas também crítico, a tangente entre as discussões de Ribeiro e de suas antecessoras, na medida em que estas também tiveram suas obras traduzidas

<sup>4</sup> Disponível em <<<https://www.youtube.com/watch?v=7FtkC1leDr8>>>. Acesso: julho de 2023.

e levadas a outras culturas, apesar de que em números de venda e de distribuição, a obra PMA atingiu níveis internacionais, de tal modo que estudaremos a tradução e a retradução em língua francesa. Portanto, Ribeiro acaba atingindo tamanha repercussão, levando assim consigo todas essas vozes diaspóricas que compõem suas ideias para além mar. A esse aspecto, Djamila tomando como exemplo a trajetória de Lélia Gonzalez, aponta que:

Ela não é colocada nesse debate como uma pensadora decolonial, apesar de ter sido uma pensadora decolonial. Lélia Gonzalez desde a década de 80, vinha articulando as opressões de classe, raça e gênero, pensava na interseccionalidade, a exploração capitalista aliada à exploração de raça e de gênero. O feminismo negro estadunidense que é muito importante para nós, agente tem grandes referências no Norte de outras autoras [...] é um pensamento contra-hegemônico inegavelmente, mas muitas vezes, *por [essas mulheres] estarem produzindo nos Estados Unidos acabam tendo um domínio dessa narrativa, e acaba não aparecendo o pensamento de outras feministas negras, sobretudo as que estão localizadas no Sul do mundo, como Lélia Gonzalez, por mais que tivesse já pensando de maneira interseccional nos 80, acaba não sendo posicionada nesse lugar, porque as políticas de tradução também são políticas coloniais* (RIBEIRO, 2021, s/p - grifo nosso)<sup>5</sup>.

Ao levar em consideração os diversos impactos causados pelos sistemas de opressão sobre as mulheres negras, as filósofas Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Carla Akotirene evidenciam a importância de refletir sobre as consequências epistemológicas presentes nas *ex-colônias*, a influência que os países colonizadores produziram/produzem na forma de organização das relações e a necessidade de desmistificar a *violência epistêmica* engessada na história única dos países colonizados, como apontam Spivak (2010), Ribeiro (2017), Carneiro (2016) e Kilomba (2019), além da predominância do conhecimento eurocêntrico que Françoise Vergès também traz à tona, quando afirma,

Com efeito, o preço a ser pago foi e continua sendo pesado. O sistema contra o qual lutamos relegou à inexistência saberes científicos, estéticos e categorias inteiras de seres humanos. Este mundo europeu nunca conseguiu ser hegemônico, mas ele se apropriou, sem hesitar e sem se envergonhar, de saberes, estéticos, técnicos e filosofias de povos que ele subjuguava e cuja civilização ele negava (VÈRGES, 2020, s/p).

Por conseguinte, nos tópicos subsequentes deste capítulo, acompanharemos as reflexões e inquietações das filósofas supramencionadas: Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Carla Akotirene.

## 2.1 VOZES-MULHERES NOS FEMINISMOS AFRO-LATINO AMERICANOS EM TRADUÇÃO

Começamos, assim, por uma das principais pensadoras e ativistas do Brasil, Lélia Gonzalez, pioneira nas reflexões referentes ao lugar que a mulher negra ocupa na sociedade.

---

<sup>5</sup> Disponível em <<<https://www.youtube.com/watch?v=7FtkC1leDr8>>>. Acesso: julho de 2023.

Posteriormente, trataremos as contribuições e a importância de Sueli Carneiro e de Carla Akotirene.

Lélia Gonzalez, a filha de seu Acácio, um operário negro, e de dona Urcinda, uma indígena analfabeta que trabalhava como empregada doméstica, nasceu em 1º de fevereiro de 1935, em Belo Horizonte. À vista disso, Ratts e Rios (2010) destacam que no limiar da década de 40 no Brasil, para Lélia Gonzalez: “As barreiras de classe, de raça e de gênero foram duras para toda família, no entanto, pôde frequentar o jardim de infância. Naquele tempo, isso era uma exceção para crianças pobres e negras”. (RATTS; RIOS, 2010, p. 24). Ademais, ainda segundo o autor e a autora, a filósofa soube e pôde aproveitar dos meios acadêmicos: formou-se em história e filosofia, respectivamente em 1958 e 1962, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na época conhecida como Universidade Estadual da Guanabara.

Posteriormente, Gonzalez fez mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e, concomitantemente, deu início a sua carreira como professora, passando por diversos níveis educacionais, lecionando em colégios e universidades entre as décadas de 60 e 90 (*cf.*, RATTS; RIOS, 2010, p.40).

No entanto, segundo Viana (2006), a autora adentrou nas temáticas concernentes ao lugar de ocupação da mulher negra no Brasil após a perda e afastamento de alguns parentes, a saber, sua mãe, seu marido de origem espanhola, Luiz Carlos, do qual Lélia herdou o sobrenome Gonzalez, a prisão de sua irmã e, seguidamente, a separação de seu segundo marido (*cf.*, VIANA, 2006, p. 74). Todos esses acontecimentos foram responsáveis para que Gonzalez mudasse de perspectiva e procurasse, nos estudos da psicanálise, a compreensão de si como *indivíduo social*, participando de cursos e eventos voltados para a questão racial.

[...] a psicanálise me chamou para os meus próprios mecanismos de racionalização, de esquecimento, de recalçamento, etc. Foi inclusive a psicanálise que me ajudou neste processo de descobrimento da minha negritude [...] (RATTS; RIOS, 2010, p. 61).

A partir de então, a filósofa expande suas participações em eventos com essa mesma temática, o que desembocou no seu envolvimento em movimentos políticos que partilhavam dos mesmos interesses sociais, ou seja, ela dá início a difusão e ampliação de sua rede, tanto de conhecimento quanto de participações em grupos e eventos, como destaca Viana:

Em 1978, introduz as temáticas sobre a Mulher Negra – focando seu papel na força de trabalho – e sobre as Religiões Afro-Brasileira e a Educação. Expande sua atuação para as capitais dos estados de Minas Gerais e Bahia em função da criação do Movimento Unificado contra a discriminação Racial [...], e integra a sua primeira Comissão Executiva Nacional/CEN (1978– 1982), legitimada pela sua atuação no

Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo (VIANA, 2006, p. 75).

Na mesma época de sua atuação na Comissão Executiva Nacional, Gonzalez se envolveu diretamente na política, candidatando-se ao cargo de deputada federal pelo Partido Trabalhista (PT), em 1982, com os objetivos de alcançar as classes minoritárias, sobretudo a inserção social da mulher negra: “Lélia declarou em vários discursos que sua campanha era para ‘a maioria silenciada’.” (RATTS; RIOS, 2010, p.117). Esse novo espaço de convivência proporcionou o encontro da pesquisadora com vários pensadores que partilhavam dos mesmos ideais.

No que toca às ideologias nacionais, Gonzalez comungava juntamente com outros intelectuais negros — a exemplo de Abdias do Nascimento, Joel Rufino, Beatriz Nascimento — e brancos antirracistas — como Florestan Fernandes e Octavio Ianni — a ideia de que a superação do mito da democracia racial era a condição necessária não apenas para o combate ao racismo, mas também para o estabelecimento da verdadeira democracia (política) no país (RIOS; LIMA, 2020, s/p).

Tanto no Brasil quanto em outros países, a autora compareceu a diversos eventos de caráter acadêmico, e/ou atuando como ativista em reuniões, manifestações e palestras. Cumpre-nos destacar sua participação nas Universidades estadunidenses, por meios de palestras e conferências, nas quais Gonzalez fazia questão de não ter intérpretes, “Preferia batalhar e errar antes de correr o risco de ver suas palavras mal interpretadas” (RATTS; RIOS, 2010, p. 133). No que diz respeito a tradução, Gonzalez escreveu e publicou textos em inglês, francês e espanhol, além de contribuir como tradutora no Brasil, traduzindo do francês para o português as seguintes obras:

Curso Moderno de Filosofia, RJ, (1966) Compêndio Moderno de Filosofia, - A Ação, volume 1. RJ, (1966) e O Conhecimento volume 2 -, História dos Filósofos Ilustrada Pelos Textos, RJ, (1968) de Denis Huisman e André Vergez, Ed. Freitas Bastos, e também, num total de quatro livros, Freud e Psicanálise, de Octave Mannoni, ed. Ed. Rio, RJ, 1977 e nessa última exerceu a função Editora-Assistente (1974-1975) (VIANA, 2006, p. 51).

A sua produção intelectual traz aproximações filosóficas de autores e autoras de outros países, ou seja, sua obra reúne temas que estão em consonância com outras realidades, a saber: sua reflexão no que tange ao domínio epistemológico proveniente da Europa, sobretudo nos estudos raciais, feministas e a predominância sexual ligadas às formas de opressão e hierarquização racial. Como resultado, a autora cunhou conceitos como ‘pretoquês’ e ‘amefricanidade’ (*cf.*, GONZALEZ, 1988).

Apesar de ter sido invisibilizada no Brasil após sua morte em 1994, seu legado tem sido atestado não apenas por suas publicações, mas também por várias menções feitas por outras pensadoras importantes, como exemplo temos a declaração dada pela ativista norte-americana

Angela Davis, que durante sua conferência realizada no Brasil, em 2019, pelo Sesc Pinheiros, intitulada *A liberdade é uma luta constante*, declara:

Eu sempre me sinto muito estranha, eu sinto como aquela que está sendo escolhida para representar o feminismo negro e porque aqui no Brasil vocês precisam buscar essa referência nos Estados, eu acho que eu aprendo mais com Lélia Gonzalez do que vocês aprenderiam comigo. Ela estava escrevendo sobre interseccionalidade antes do termo se tornar vigente. (ANGELA DAVIS, 2019, s/p)<sup>6</sup>.

A pertinência de sua internacionalização também foi evidenciada pelas inúmeras publicações em língua inglesa, espanhola e francesa — seja de forma oral, por meio de conferências; seja através de publicações em revistas, jornais, anais. Parte de sua produção pode ser consultada no apêndice *Lélia de Almeida Gonzalez: formação, atuação e publicações*, presente na bibliografia organizada por Alex Ratts e Flávia Rios, intitulada *Lélia Gonzalez* (2010).

Entre suas obras principais, para além dos inúmeros artigos, destacam-se *Lugar do negro* (1982), coautoria com Carlos A. Hasenbalg, pela editora Marco Zero; *Festas populares no Brasil* (1987), pela editora Index; *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*<sup>7</sup>(2020), obra póstuma organizada por Flávia e Márcia Lima, o livro *Lélia Gonzalez – Primavera Para As Rosas Negras* (2018), organizado pela União dos coletivos pan- africanistas, no qual fora publicado escritos inéditos de Gonzalez, bem como entrevistas de com pessoas de seu convívio, e, recentemente, o texto *Por um feminismo afro-latino-americano* (1988), traduzido e publicado na antologia intitulada *Pensée féministe décoloniale* (2022), através da *Éditions Anacaona*, obra composta por textos de autoras oriundas da América do Sul e que traz a discussão sobre o feminismo decolonial nas Américas, encontramos ainda a tradução em língua francesa do texto *A categoria político-cultural de Amefricanidade* que foi publicado aqui no Brasil em 1988 na revista *Tempo Brasileiro*, o texto foi traduzido sobre o título *La catégorie politico-culturelle d'amefricanité*<sup>8</sup> por Hélène Le Doaré e publicado em 2015 por *Les cahiers du CEDREF*, em 2023 a obra *Por um feminismo afro-latino-americano* foi traduzida para o espanhol com o título *Por un feminismo afrolatinoamericano* pela editora argentina Mandacaru, com tradução do Laboratorio de Traducción de la UNILA.

A segunda pensadora que gostaríamos de trazer para nossa discussão é Sueli Carneiro. Aparecida Sueli Carneiro Jacoel nasceu em 24 de junho de 1950, no bairro da Lapa, em São

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FRPQyXTEG9A&t=3148s>. Acesso: julho de 2023.

<sup>7</sup> Esta obra recebe o título de um artigo publicado por Gonzalez em 1988 em Santiago para a revista *Isis Internacional*, v.9, p. 133-41.

<sup>8</sup> Disponível em <<<https://journals.openedition.org/cedref/806>>>. Acesso: julho de 2023

Paulo. Filha de pais negros, Eva Camargo Alves e José Horácio Carneiro. Sueli é a primogênita de sua família, seu pai era ferroviário e semianalfabeto, e sua mãe era costureira de destaque, mas logo após a união matrimonial com Horário, teve de largar o emprego por imposição do marido ( *cf.*, SANTANA, 2021, p. 17). Sua mãe tinha grande apreço pela leitura, de modo que Sueli foi alfabetizada por ela e bastante incentivada a estudar. A filósofa faz questão de ressaltar que foi dos ensinamentos de seus pais sua propensão a pensar e reivindicar lugar e os papéis da mulher negra na sociedade, como destaca Borges,

A formação que os pais franquearam a Sueli e a seus irmãos não se restringiu à educação escolar formal. Um tema presente na educação familiar diz respeito à consciência racial: dona Eva e seu Horácio sempre insistiam em lembrar que por serem negros seriam discriminados, e inevitavelmente teriam de reagir diante de qualquer agravo (BORGES, 2009, s/p).

Todavia, sua “iniciação” como militante, efetivamente, só ocorrerá entre as décadas de 70 e 80, momento em que o movimento negro da época fazia “reivindicações sociais, especifica sua luta, demarca sua atuação e propõe uma ação democrática que contemple o problema do racismo [...]” (BORGES, 2009, s/p), é nesse contexto que Sueli fortalece sua militância em torno da causa pela qual dedica sua vida. Dentre os diversos eventos promovidos pelo movimento negro nesse período, destaca-se o ato feminista na Biblioteca Municipal Mário de Andrade que, ao trazer Lélia Gonzalez para suas atividades como uma das palestrantes do evento, possibilitou seu encontro com Sueli, diante do qual declarou:

[...] conhecer a Lélia Gonzalez foi um momento de revelação para mim. Até então eu já estava caminhando dentro dos espaços de mulheres e de negros, já estava com certo grau de engajamento, mas ela organizou o que faltava [...]. Com Lélia, me defini politicamente para militar na questão da mulher negra (BORGES, 2009, s/p).

Nesse ínterim, precisamente em 1971, Sueli dá início a graduação de filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e em 1988, juntamente com outras mulheres negras, com Solimar Carneiro (sua irmã), Martha Arruda, Edna Roland, Sônia Nascimento e Thereza Santos, funda o Geledés – Instituto da Mulher Negra – que tem por objetivo auxiliar a população negra, em especial as mulheres negras, através de ações educativas com projetos de capacitação, debates e palestras. O Instituto atua também com projetos de saúde e judiciais no intuito de assegurar, orientar e proteger quanto a violência racial e a violência contra a mulher. Nos anos 2000, retorna sua atividade acadêmica com mestrado e doutorado também pela Universidade de São Paulo, pois, no início da década de 80, ao dar entrada na pós-graduação para cursar o mestrado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), devido a incompatibilidade de ideias com seu orientador sobre a pesquisa e

com as demandas de sua vida como ativista (cf., SANTANA, 2021, p.116), Sueli teve de interromper sua vida acadêmica por um curto período de tempo.

Em 2018, a filósofa e ativista Djamilia Ribeiro criou o selo editorial Sueli Carneiro, fundando uma coletânea em sua homenagem. Podemos notar também sua relevância para o movimento social negro através de nomeações e prêmios a ela concebidos, a saber: Prêmio Bertha Lutz (2003); Menção Honrosa no Prêmio de direitos humanos Franz de Castro Holzwarth; Prêmio Direitos Humanos da República Francesa; Prêmio Benedito Galvão (2014); Prêmio Itaú Cultural 30 Anos (2017); Prêmio Especial Vladimir Herzog (2020); Prêmio *Lasa* pela Associação de Estudos Latino-Americanos. Tantas premiações culminaram em 2022, devido a sua vasta produção em prol da causa de pessoas negras, em homenagem, recebendo o prêmio de *Personalidade Literária do Ano* pelo Prêmio Jabuti. Seu reconhecimento e atuação romperam fronteiras e se estendem também para fora do Brasil, como cita Borges,

[...] desempenhou papel importante, com suas reflexões e ação militante, na IV conferência mundial sobre a mulher realizada em Pequim, em 1995. Na conferência Mundial contra o Racismo, a Xenofobia e Formas de Intolerância Correlata, realizada em 2001, em Bourbon; na conferência Regional das Américas (evento preparatório da participação da região americana na III conferência mundial contra o Racismo, Xenofobia e Intolerâncias correlatas, em 2001, na África do Sul, realizada em 2000, e em Santiago +5 (uma avaliação dos cinco anos da conferência Regional das Américas) (BORGES, 2009, s/p).

No que consiste a sua produção, salvo os mais de 150 artigos publicados em revistas e jornais, a autora conta ainda com as publicações dos seguintes livros: *A mulher negra brasileira na década da mulher* (1985), pela editora Nobel, *Mulheres que fazem São Paulo: a força feminina na construção metrópole* (2004), pela editora Celebris, *A cor do Preconceito* (2006), pela editora Ática, *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil* (2011), pela Selo Negro, *Escritos de uma vida* (2018), pela Editora Letramento, *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser* (2023), pela editora Zahar, esta última obra é fruto da tese de Sueli Carneiro, defendida em 2005, na USP. Vale a pena ressaltar que a publicação de seu texto, *Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero* (2019), foi traduzido e publicado em francês na antologia intitulada *Pensée Féministe Décoloniale* (2022), através da Éditions Anacaona, com o título *Noicir le Féminisme*, sua obra *Escritos de uma vida* também rompeu as fronteiras brasileira e foi traduzida em espanhol pela editora independente Mandacaru com o título *Escritos de una vida* (2022), a obra foi traduzida pelo Laboratório de Tradução da UNILA.

Tal como foi possível constatar na produção intelectual de Lélia Gonzalez, no que tange às discussões raciais e de gênero, em sua tese de doutorado Sueli pleiteia a causa contra

a opressão da mulher negra e também denuncia o domínio epistemológico provindo sobretudo da Europa. Além disso, a autora contesta as reflexões e as relações estabelecidas no movimento feminista brasileiro, no que concerne ao lugar de ocupação da mulher negra, considerando as questões raciais diante da desigualdade estabelecida entre a mulher branca de classe média ou elitizada e a mulher negra e pobre, sobre esse ponto, Gonzalez fez o seguinte alerta,

[...] o atraso político dos movimentos feministas brasileiros é flagrante, na medida que são liderados por mulheres brancas de classe média. Também aqui se pode perceber a necessidade de denegação do racismo [...]. Aqui também se percebe a necessidade de tirar de cena a questão crucial: a liberação da mulher branca se tem feito à custa da exploração da mulher negra (GONZALEZ, 1979b, p. 12).

Por fim, apresentamos Carla Akotirene, também de bastante atuação em torno das pautas antirracistas, sendo mais contemporânea. Nascida em Salvador no ano de 1980, filha de Tânia Maria Rodrigues da Silva e Carlos Antônio Santos. Carla Akotirene também é herdeira dos pensamentos e das reivindicações das outras duas intelectuais negras acima mencionadas. Akotirene possui bacharelado em Serviço Social (2008) pela Universidade Católica do Salvador, mestrado (2010) e doutorado (2022) em Estudos Interdisciplinares de Gênero, Mulheres e Feminismo pela Universidade Federal da Bahia.

Profissionalmente, Carla trabalha como assistente social na secretaria de saúde de Salvador. Em 2016 foi aprovada na seleção para ocupar o cargo de professora substituta, no curso de bacharelado, Gênero e Diversidade, na Universidade Federal da Bahia.

É autora de dois livros: *O que é Interseccionalidade?* (2018), pela Coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamila Ribeiro, e *“Ó Pa í Prezada! – racismo e sexismo tomando bonde nas penitenciárias femininas de Salvador* (2020), ambos publicados pela Editora Jandaíra. Quanto sua importância no âmbito das discussões raciais, Djamila Ribeiro destaca,

Eu acompanhava a Carla já há alguns anos, sobretudo, pelas redes sociais, já tinha lido vários dos seus artigos, conhecia seu trabalho. Então quando eu pensei essa coleção imediatamente o nome de Carla foi um dos primeiros nomes que surgiu, porque eu tinha certeza o que ela traria um peso intelectual incrível, porque eu aprendo muito com Carla Akotirene (RIBEIRO, 2022, s/p).

Além disso, esteve envolvida em diversos projetos que reivindicam a inclusão da comunidade negra nos espaços de construção do saber, buscando sempre conscientizar e agir contra os estigmas que cercam a população negra, a saber: Núcleo Makota Valdina na Universidade Católica do Salvador, que tinha como intuito fomentar políticas de permanência e combate ao racismo. Outro projeto é o Núcleo Matilde Ribeiro (Numar), cujo objetivo é promover políticas de assistência a estudantes negros e negras.

Dentre esses projetos, podemos dar destaque ao *Opará Saberes* que surgiu em 2016, idealizado pela própria Akotirene, *Opará Saberes* é um curso de extensão da UFBA que visa contribuir para a capacitação e o ingresso de pessoas negras ao mestrado e doutorado nas universidades públicas.

Acerca de sua repercussão fora do Brasil, seu livro, *O que é Interseccionalidade?* (2018), foi traduzido para o italiano e publicado sobre o título *Intersezionalità* (2022), pela editora Capovolte, o texto foi traduzido por Mônica Paese revisado por Francesa de Rosa.

Com isso, dando continuidade à nossa reflexão, o próximo tópico terá como intuito apresentar Djamila Ribeiro e suas obras buscando, desse modo, salientar a importância do pensamento por ela propagado e o elo com as filosofas acima citadas.

## 2.2 DJAMILA RIBEIRO EM ROTA NOS FEMINISMOS NEGROS TRADUZIDOS

Devemos destacar o quanto é importante perceber a herança de outras intelectuais negras na obra de Djamila Ribeiro. Isso tudo corrobora com o esforço de Ribeiro de dar destaque, de fazer referência e de divulgar os trabalhos de outras pensadoras importantes na reflexão sobre as questões raciais e de gênero:

Como mulher negra, há vários anos, venho desenvolvendo essa questão, e nesse tempo tenho tentado dismantelar e combater esse idealismo que desumaniza as mulheres negras. Nesse caminho, pude encontrar nas palavras de Lélia Gonzalez, uma destacada feminista brasileira, o eco do que me interessa trabalhar (RIBEIRO, 2023, s/p).

Djamila Ribeiro em seu livro *Quem tem medo do feminismo negro* (2018), que possui traços autobiográficos, ao discorrer sobre sua juventude, por exemplo, menciona que começou a estudar temas relacionados a gênero e raça após ter contato com obras feministas, em sua maioria escritas por mulheres negras, durante o período em que atuou na ONG Casa de Cultura da Mulher Negra, em Santos. Ela afirma:

Foi lá que tive a primeira oportunidade de um trabalho que valorizava minha formação, oferecida por mulheres negras feministas de fato. Redescobri minha força. Trabalhei quase quatro anos na biblioteca da Casa de Cultura, onde entrei em contato com bell hooks, Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, *Sueli Carneiro*, Alice Walker, Toni Morrison. Fui aprendendo a falar por outras vozes, a me enxergar através de outras perspectivas. (RIBEIRO, 2018, p. 25 - grifo nosso)

Em suas obras, Ribeiro constrói suas reflexões a partir da experiência da mulher negra e reclama o reconhecimento dos saberes que lhes foram negados historicamente na produção e no consumo. Diante disso, a autora endossa também o processo de internacionalização por meio

da luta transnacional, isto é, a importância de levar o pensamento das epistemologias do sul, o pensamento afro-latino- americano, outrossim, a esse respeito faz a seguinte constatação,

Quem produz pensamento crítico em português acaba ficando isolado inclusive na América Latina. Lélia Gonzalez já falava sobre isso, do Norte global se impor ao Sul, e o quanto as políticas de tradução também seguem uma lógica colonial (RIBEIRO, 2022, s/p).

Afirmções como essa nos permitem constatar que existe um processo de glutinação e consonância entre os pensamentos das filósofas mencionadas anteriormente e o de Djamila, e que essas vozes se reverberam em seu discurso, visto que elas são evocadas e frequentemente marcam presença nas obras e nas palestras de Ribeiro. As teorias propostas por essas pensadoras são centrais na articulação e nas ações dos movimentos antirracistas no Brasil.

Quanto à tradução, salientamos que as reflexões sobre o tema não se darão enclausurando a palavra em determinado gênero textual, até porque os textos de Ribeiro costumam se desenvolver de modo híbrido, com características autobiográficas na composição de sua produção densamente teórica e analítica. Dito isto, antes de adentrarmos nas discussões concernentes à teoria da tradução, apresentaremos um breve percurso bibliográfico de Djamila Ribeiro.

Djamila Taís Ribeiro dos Santos nasceu no dia 1º de agosto de 1980, na cidade de Santos, em São Paulo, onde passou a maior parte de sua vida. Este período foi mencionado em duas obras: *Quem tem medo do feminismo negro* (2018) e *Cartas para minha avó* (2021), nos momentos em que a escritora discorre sobre sua infância e sua juventude, de seu progresso mesmo diante dos episódios racistas de que foi vítima. Sobre essa fase, a autora declara:

O racismo poderia ter feito com que eu desistisse de muitas coisas na minha vida, não foi fácil ser a única aluna negra na escola de inglês, a medalhista no campeonato de xadrez; eu poderia ter o conhecimento, mas não ter a coragem (RIBEIRO, 2021, s/p).

Djamila relata que no seio familiar sempre recebeu apoio e estímulo para sua formação, tendo em seu pai um enorme incentivador de seus estudos e de sua formação (*cf.*, RIBEIRO, 2021), “Meu pai, autodidata e militante comunista e do movimento negro, exigia que tirássemos boas notas e nos obrigava a ir à escola sem falta.” (*Ibid.*, s/p). Dessa forma, graduou-se em Filosofia, em 2012, e concluiu seu mestrado em Filosofia Política, em 2015, pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), cuja dissertação teve como objeto de análise as feministas Simone de Beauvoir e Judith Butler, as quais Ribeiro examinou e se apoiou para ampliar o debate trazendo o contexto e a peculiaridade do lugar da mulher negra na sociedade.

Em seu percurso acadêmico, a filósofa participou ativamente de eventos, tanto dentro na universidade quanto fora dela, notadamente, os organizados pelo Mapô – Núcleo de Estudos

de Gênero, Raça e Sexualidade, grupo criado por Ribeiro e colegas, durante sua graduação (*cf.*, RIBEIRO, 2018). É a partir desse percurso acadêmico, que Djamila começará sua travessia pelo Atlântico, inicialmente o fato de ter conhecimento da língua inglesa lhe foi essencial “Eu mesma traduzi parte da minha pesquisa de iniciação científica e a submeti para avaliação.” (RIBEIRO, 2021, *s/p*), seu trabalho foi aceito e a estudante fez sua primeira viagem “além mar”, participando de uma conferência na Universidade do Oregon, nos Estados Unidos. Em seguida, no mestrado, foi à Argentina para outra apresentação, desta vez em um seminário na Universidade Nacional de La Plata. A respeito dessa última viagem, relatou:

Foi minha segunda experiência internacional. Senti que seria necessário dialogar mais com outras epistemologias do Sul, de conhecer mais profundamente o pensamento das intelectuais feministas da América do Sul, uma vez que em minha formação isso me foi negado (RIBEIRO, 2021, *s/p*).

Atualmente, Ribeiro é professora da PUC-SP, colunista da Folha de S. Paulo e coordenadora da coleção *Feminismos Plurais*, da editora Jandaíra. Djamila Ribeiro possui quatro livros que são destaque nas discussões sobre raça, gênero e classe no Brasil: *Lugar de fala*, publicado em 2019 pela editora Jandaíra e organizado pela *Feminismos Plurais*; *Quem tem medo do feminismo negro?*, publicado em 2018 pela Companhia das Letras, composto por um ensaio autobiográfico inédito e uma seleção de artigos publicados por Djamila Ribeiro no blog da revista Carta Capital, entre 2014 e 2017; *o Pequeno Manual Antirracista* também publicado pela Companhia das Letras em 2019, que rendeu à escritora o prêmio Jabuti em 2020 na categoria Ciências Humanas; e seu mais recente livro *Cartas para minha avó*, publicado em 2021 pela mesma editora.

Além do sucesso em território nacional, em 2018, ela esteve na lista das cem pessoas negras mais influentes do mundo com menos de quarenta anos (Mipad, na sigla em inglês) e, em 2019, foi reconhecida como uma das 100 mulheres mais influentes do mundo pela BBC. No mesmo ano, recebeu o prêmio holandês, Prince Claus Award, e também ganhou título de personalidade do amanhã pelo Programme d’invitation des personnalités d’avenir (PIPA), do Ministério da Europa e das Relações Exteriores. Em palestras, a autora participou como conferencista convidada em cidades como Madri, Paris, Barcelona, Berlim, Frankfurt, Weimar, Londres, Edimburgo, Nova York, Berkeley, Duke, Cidade do Cabo, Acra.

Por fim, Djamila Ribeiro tem participado com bastante frequência de eventos acadêmicos e literários no Brasil e no exterior, com destaque para a sua atuação na França em decorrência das traduções de parte da sua obra para a língua francesa e da acolhida muito positiva. Um exemplo que gostaríamos de citar foi a série de palestras concedidas em maio de 2020, em Bruxelas, na livraria Tullitu, e em território francês, a saber: em Rennes, aos alunos

do Lycée Chateaubriand, e também na associação Collectifs Brésils, em Toulouse, na livraria Terra Nova e na Universidade de Toulouse, com a palestra *Féminisme et décolonisation des savoirs*<sup>9</sup>, em Lille no HI Lille Stéphane Hessel e encerrando sua turnê, em Paris, na fundação Jean Jaurès, em parceria com a associação Autres Brésils com a palestra *Femmes et résistances en politique*.<sup>10</sup>

Por conseguinte, a importância de estudar sua produção se justifica também pelo crescente número de traduções que suas obras receberam. É notório o interesse, em particular da Europa, sobre as discussões feitas por Djamila Ribeiro, e o movimento tradutório em torno das obras da autora nos fornece um dado importantíssimo que ratifica esse interesse quanto às epistemologias do sul.

A autora, ao debater sobre o lugar da tradução, ou seja, o papel imprescindível que a tradução exerce na travessia das rotas atlânticas dos pensamentos afrodiaspóricos, contesta a monopolização de textos filosóficos originários ora da Europa, ora da América do Norte. A filósofa reitera ainda que muitas das reflexões que desembarcaram em solo brasileiro pelo viés da tradução já haviam sido feitas por nossas pensadoras e traz como ilustração a seguinte situação:

As feministas negras estadunidenses falam de teorias, hoje, que a própria Lélia disse nos anos 1980. Quando digo isso a elas, se surpreendem porque não a conhecem. E eu digo: “claro, vocês não traduzem a gente por aqui... A via não é de mão dupla. Nosso pensamento não é colocado no debate internacional como algo a ser considerado. Por isso, traduzir esses livros é também um movimento político de não aceitar essa invisibilização (RIBEIRO, 2022, s/p).

Até o presente momento, a produção de Ribeiro conta com oito livros traduzidos, são eles: *Quem tem medo de Feminismo*, traduzido como *Chroniques sur le féminisme noir*, e *Lugar de fala*, traduzido como *La place de la parole noire*, ambos publicados em 2019, e o *Pequeno Manual Antirracista*, publicado em 2020 sob o título *Petit manuel antirraciste et féministe*, todos em francês publicados pela Éditions Anacaona. Todas as obras aqui referenciadas fazem parte da coleção Época, dedicada às obras de brasileiros e brasileiras, e foram traduzidos por Paula Anacaona. Em italiano, publicado pela editora Capovolte, temos o *Pequeno Manual Antirracista* sob o título de *Piccolo manuale antirazzista e femminista* (2022), obra prefaciada por Igiaba Scego e traduzido por Francesca De Rosa, e *Lugar de fala* como *Il luogo della parola* (2020), com tradução de Monica Paes. Na Espanha, o livro *Lugar de fala* foi traduzido por Aline Pereira da Encarnação como *Lugar de enunciación* (2020), publicado pela Ediciones Ambulantes. Também para o espanhol, temos a tradução do *Pequeno Manual Antirracista e*

<sup>9</sup> Feminismo e decolonização dos saberes

<sup>10</sup> Mulheres e resistências na política

*Cartas para minha avó*, sobre os respectivos títulos: *Pequeno manual antirracista*, traduzido por Florencia Carrizo e *Cartas para mi abuela* com tradução de Lucía Tennina e Luciana De Mello, ambos publicados em 2023 pela editora argentina independente Mandacaru editorial. O livro *Lugar de fala* foi traduzido também para o alemão como *Wo wir sprechen: Schwarze Diskursräume* (2022), sendo prefaciado por Grada Kilomba, traduzido por Inajá Correia Wittkowski e publicado pela Edition Assemblage. Vale ressaltar que esta tradução foi em parceria com o departamento de Letras da Universidade de Mainz, Alemanha, na oportunidade, Djamilia foi então convidada a participar como pesquisadora convidada na Universidade.

A maior confluência entre essas editoras é a de propagação de textos que estão à margem, com o intuito de dar visibilidade para as discussões sobre raça, gênero e classe, o que consequentemente viabiliza cada vez mais o intercâmbio de ideias e pensamentos provenientes de distintas localidades que, pelo viés da tradução, buscam ser ouvidos e lidos em lugares onde outrora foram silenciados:

O processo de tradução de textualidades afrocentradas pode produzir formas de comunidades outras que tracem rotas separadas, que foram inviabilizadas pelas barreiras linguísticas e nacionais impostas pelo processo colonial e escravocrata racista (CARRASCOSA, 2017, p.26).

Em maio de 2020, acompanhada pelas filósofas Joice Berth e Françoise Vergès, Djamilia participa do encontro *Décolonisons le féminisme!*<sup>11</sup>, com mediação de Gerty Damburno, no qual a filósofa discute o decolonialismo feminista e se posiciona sobre a importância do recente movimento de tradução de obras de pensadoras negras brasileiras. Neste encontro, a autora faz a seguinte declaração:

Para nós que estamos no Brasil produzindo reflexões críticas aqui no Brasil é muito importante que os nossos trabalhos sejam traduzidos *já que é muito difícil tradução de não-ficção em português brasileiro para outras partes do mundo* (RIBEIRO, 2020, s/p – grifo nosso).

Por fim, queremos sublinhar ainda a atuação da ativista na recepção e popularização de obras que tratam do feminismo negro aqui, no Brasil, pela ótica da tradução, notadamente, no que consiste aos aspectos paratextuais das obras, ou seja, do discurso de acompanhamento desses textos, em conformidade com que formula TORRES (2011), no tocante aos elementos que circundam a obra traduzida.

Djamilia Ribeiro é autora do prefácio do livro *Mulheres, Raça e Classe* (2016), da ativista Angela Davis, publicado pela editora Boitempo e com tradução de Heci Regina Candiani. Também pela editora Boitempo, Djamilia escreve um dos textos de apresentação do livro *Pensamento Feminista Negro* (2019), de Patrícia Hill Collins, intitulado *Sobre o*

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ESiSaH4d1fI&t=352s>. Acesso: julho de 2023

*Pensamento Feminista Negro*. Em 2020, a autora participa da organização e publica uma apresentação na coleção de Audre Lorde, intitulada *Sou sua irmã: Escritos reunidos e inéditos*, publicada pela Ubu Editora, com tradução de Stephanie Borges.

Como a autora em repetidas vezes salienta, seu objetivo ao apresentar essas pensadoras negras é sobretudo o de resgate dessas vozes que apresentam uma reflexão antirracista e feminista. É importante frisar, dado o crescimento das produções antirracistas, o que nos permite constatar também através das traduções: “uma conectividade entre os diversos locais afrodiáspóricos que cresceram na sobrevivência e resistência de povos afrodescendentes” (CARRASCOSA, 2017, p. 20), ou seja, presenciamos um maior interesse do público no Brasil a essas reflexões, possibilitando um debate intelectual e contemporâneo, o que evidentemente chama a atenção das editoras brasileiras.

Para tanto, em nosso próximo ponto, trataremos para nossa discussão as reflexões acerca da ascensão do pensamento apresentado no *Pequeno Manual Antirracista*, tendo como ponto de partida seu lugar como obra oriunda das *Epistemologias do Sul*.

### 2.3 EPISTEMOLOGIAS DO SUL: O PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA

Acreditamos que faz-se necessário uma contextualização para que possamos entender o que vem a ser uma epistemologia do Sul e a importância desta para nossa discussão. O termo epistemologia do Sul foi primeiramente assinalado por Boaventura de Sousa Santos, no entanto fortemente difundido no Brasil através da pesquisa e da obra de Sueli Carneiro. A concepção de epistemologia do Sul está estritamente ligada aos países e regiões que foram subjugados pelo colonialismo e capitalismo, aos quais, conseqüentemente, foram impostos sob um regime de monopolização discursiva que inviabilizou toda diversidade de sujeitos ou, em outras palavras, os sujeitos foram inviabilizados por essa estratégia hegemônica de apagar epistemologicamente os saberes e culturas dos povos colonizados.

Sueli Carneiro, em sua tese de doutorado intitulada: *A Construção do Outro Como Não-Ser Como Fundamento do Outro* (2005), vai discutir as relações raciais no Brasil a partir dos conceitos de dispositivo e de biopoder cunhados por Michel Foucault, aos quais ela articula principalmente com o conceito de epistemicídio que, segundo ela: “tem se constituído no instrumento operacional para a consolidação das hierarquias raciais por ele produzidas, para as quais a educação tem dado contribuição inestimável” (CARNEIRO, 2005, p. 33).

Sendo assim, Carneiro empreenderá uma discussão circunscrevendo as questões raciais ao território brasileiro, buscando apontar a partir disso as estratégias históricas utilizadas pelo branco para a manutenção do epistemicídio, entre elas, será apontado a ideia de mistura de raças e de democracia racial, enfatizando a necessidade de desconstruí-la para encarar de frente a questão do racismo no Brasil:

Na sua versão mais contemporânea nas universidades brasileiras, o epistemicídio, cuja discussão aprofundaremos posteriormente, se manifesta também no dualismo do discurso militante versus discurso acadêmico, através do qual o pensamento do ativismo negro é desqualificado como fonte de autoridade do saber sobre o negro, enquanto é legitimado o discurso do branco sobre o negro. Via de regra a produção branca e hegemônica sobre as relações raciais dialoga entre si deslegitimando a produção dos pesquisadores e ativistas negros sobre o tema (CARNEIRO, 2005, p. 60).

A partir desse lugar, os que estão à margem reivindicam e dão espaço para que suas epistemologias, outrora suprimidas, possam emergir e serem compartilhadas. A rigor, testemunhamos uma expansão de autores e autoras que despontam entre os diversos espaços *afrodiaspóricos*, aqui levando em consideração as discussões empreendidas neste trabalho pelas autoras já citadas, propiciando condições de diálogo em seus espaços e adjacências ao cruzar fronteiras.

Isto posto, retornamos ao objeto de análise deste capítulo, o *Pequeno Manual Antirracista*. Então, a obra é composta por uma introdução, onze capítulos, mais as notas de rodapé da autora, as referências bibliográficas, um breve resumo biográfico e uma indicação bibliográfica com autores negros que são selecionados por Djamila Ribeiro.

O livro em questão se propõe a elucidar a maneira como se expressam os mecanismos do racismo estrutural no Brasil, de modo a enfatizar e a direcionar a luta antirracista, na medida em que a autora também reflete sobre possíveis forças de frear o discurso eurocêntrico no que tange ao movimento feminista – ainda que a autora faça um recorte de gênero, e ressalte que as mulheres merecem uma atenção especial, pois estas sofrem tanto pelo racismo quanto pela misoginia.

É preciso enfatizar também que o PMA é um texto híbrido, pois ele passeia por diversos gêneros, entre eles: relato pessoal, ensaio, estatística, manual e etc. Buscando assim mobilizar diferentes expressões para tocar em diferentes estratégias pelas quais o racismo estrutural se vale para se realizar e desse modo a naturalizar o racismo. É devido a absolutez dessa violência que, logo na introdução, diz Ribeiro:

Se para mim, que sou filha de um militante negro e que sempre debati essas questões em casa, perceber essas nuances é algo complexo e dinâmico, para quem refletiu pouco ou nada sobre esse tema por ser ainda mais desafiador. O processo envolve uma revisão crítica profunda de nossa percepção de si e do mundo. Implica perceber que

mesmo quem busca ativamente a consciência racial já compactuou com violências contra grupos oprimidos (RIBEIRO, 2019, p. 5).

É por essa exigência que Ribeiro admitirá como “manual introdutório” a necessidade de se fazer um debate estrutural, o que, com uma linguagem acessível e simples, acontecerá durante todo o desenrolar do livro.

Em resumo, nesses capítulos, Ribeiro busca discutir a tradição do feminismo negro com o intuito de desestabilizar a norma hegemônica, tendo em vista o poder da linguagem, eis a importância da escolha da autora em ser acessível, atravessando diversas classes sociais.

No segundo capítulo da obra em questão, *Informe-se Sobre o Racismo*, Ribeiro faz uma pequena cronologia para demonstrar como no Brasil impera um mito em que há a suposição de que o “Brasil não é racista” e que, portanto, seria preciso informar-se para começar a desnaturalizar a opressão cometida contra a população negra. O manual, então, conclui que o autoquestionamento é a atitude primeira para empreender uma luta antirracista:

[...] o autoquestionamento – fazer perguntas, entender seu lugar e duvidar do que parece “natural – é a primeira medida para evitar reproduzir esse tipo de violência, que privilegia uns e oprime outros (RIBEIRO, 2019, p. 11).

Já no terceiro capítulo, *Enxergue a Negritude*, é exposto como o negro está sempre representado nas posições subalternas, estereotipado como o inferior. É após esse apontamento – a verdadeira realidade de opressão a que estão submetidos os negros e as negras – que o quarto capítulo, *Reconheça os Privilégios da Branquitude*, traz um dos principais conceitos de Ribeiro, o lugar de fala, que propõe pensar a branquitude como um privilégio, em detrimento do negro, ao qual é dado a exclusão, segundo definição da própria autora: “o conceito de lugar de fala discute justamente o locus social, isto é, de que ponto as pessoas partem para pensar e existir no mundo, de acordo com as suas experiências em comum” (RIBEIRO, 2019, p. 18). Assim sendo, Ribeiro elucida duas exigências para a luta antirracista: “se o primeiro passo é desnaturalizar o olhar condicionado pelo racismo, o segundo é criar espaços, sobretudo em lugares que pessoas negras não costumam acessar” (*Ibid.*, p. 18).

Logo, o capítulo de número cinco, *Perceba o Racismo Internalizado em Você*, é resultado desses dois últimos passos, no qual se enfatiza a necessidade de tomar consciência do eu-racista que a opressão estrutural acarreta a cada um, fazendo assim do antirracismo uma luta diária e constante.

O sexto capítulo, *Apoie Políticas Educacionais Afirmativas*, tange a importância do apoio e da defesa das políticas públicas enquanto potencial transformador, observando, como exemplo, as cotas raciais e seu papel em garantir o acesso a espaços de construção do conhecimento.

O capítulo sete, *Transforme seu Ambiente de Trabalho*, diz respeito a como o racismo opera dentro de uma empresa ou instituição, relegando ao negro e à negra posições de desprestígio e até de humilhação, conforme algumas situações relatadas por Ribeiro que são racistas e que foram naturalizadas, a exemplo:

Argumenta-se da seguinte forma: “Veja só, não somos racistas, temos o Fulano, que é negro, trabalhando em tal departamento e, inclusive, ele adora trabalhar aqui, não é mesmo, Fulano?”. E o Fulano, talvez para manter seu emprego, talvez por que aprendeu a reproduzir o discurso da empresa, concorda (p. 26).

O oitavo capítulo, *Negros Leia Autores*, declara que, mesmo depois de superados esses obstáculos racistas elencados nos capítulos anteriores, as pessoas negras estão sujeitas às atitudes racistas mesmo ocupando os espaços considerados de poder e tratados como “ascensão”, por exemplo, o ingresso numa universidade. Nesse novo ambiente será possível notar o quanto, de maneira brutal, o saber é embranquecido e, sistematicamente, é reservado à população negra o lugar de subalterno na construção do conhecimento, de modo que, Ribeiro, em conformidade com a reflexão de Carneiro sobre epistemicídio, a autora traz o seguinte pensamento:

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado (CARNEIRO, 2005, p.97).

No nono capítulo, *Questione a Cultura que Você Consome*, a autora aborda o modo estereotipado de como a população negra é representada e ao modo como os artefatos culturais da própria negritude são retirados de sua essência.

O décimo capítulo, *Conheça seus Desejos e Afetos*, por sua vez, irá tratar mais especificamente do racismo somado ao machismo, do quanto essa soma potencializa a discriminação, ultrassexualizando as mulheres negras, que são as maiores vítimas de violência sexual.

O capítulo onze, *Combata a Violência Racial*, escancara o genocídio da população negra: “segundo dados da Anistia Internacional, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, o que evidencia que está em curso o genocídio da população negra,

sobretudo jovens.” (*Ibid.*, p. 45). Sendo que, tal população não encontra aparato nem mesmo na justiça, pois a polícia inumeráveis vezes tem no negro e na negra um alvo permanente e irreduzível, como escancara Ribeiro ao apontar as seguintes estatísticas:

Mas é preciso lembrar que a vítima preferencial tem pele negra. *O Atlas da Violência* de 2018, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revelou que a população negra está mais exposta à violência no Brasil. Os negros representam 55,8% da população brasileira e são 71,5% das pessoas assassinadas. Entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de indivíduos não negros (brancos, amarelos e indígenas) diminuiu 6,8%, enquanto no mesmo período a taxa de homicídios da população negra aumentou 23,1%. Segundo dados da Anistia Internacional, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, o que evidencia que está em curso o genocídio da população negra, sobretudo jovens (p. 45).

O último capítulo, *Sejamos Todos Antirracistas*, é uma convocação para que cada um, percebendo seu lugar de fala, possa caminhar em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

Por último, a obra possui três laudas de notas da autora, oito de referências bibliográficas, duas de biografia (sobre a autora) e, ademais, apresenta um tópico com *referências biográficas* especificamente *sobre os autores negros citados*, que compreende uma apresentação e as obras importantes de cada um deles/as, corroborando assim com uma maior difusão do pensamento desses autores e autoras, que partilham das vivências na luta antirracista, que discutindo sobre contribuem para uma melhor compreensão do racismo estrutural.

Em 2020, ao ser convidada a participar do programa Metrópolis, no canal TVCultura, para falar do seu livro *Pequeno Manual Antirracista*, Djamilia Ribeiro ressalta a necessidade de ampliar a discussão sociopolítica acerca de gênero e raça, tomando conhecimento de outras autores e autoras que estão no limbo. Ou seja, um dos objetivos da obra, segundo a autora, é “oferecer aos leitores, as pessoas que [a] me leem que conheçam outros autores que já vieram historicamente refletindo sobre isso [a questão racial e de gênero], construindo saberes sobre isso, ferramentas importantes antirracistas” (Ribeiro, 2020, s/p), e dessa forma, dar voz a outros escritores e escritoras, mostrando que aqui “no sul” há produção, que as pessoas também escrevem, no entanto, se deparam com o problema da invisibilidade dessas produções.

Embora haja diversos entraves, podemos afirmar que o *Pequeno Manual Antirracista*, por sua vez, está entre as epistemologias do sul que tiveram êxito na propagação de seus ideais em sua travessia pelo Atlântico Negro. O *Pequeno Manual Antirracista* é o terceiro livro da autora, que segundo Djamilia, foi bastante inspirado no livro do historiador

Ibram X Kendi, *Como ser antirracista*<sup>12</sup> (2019), que também traz ao leitor orientações e propostas de como ser antirracista, além dele, também teve bastante influência sobre a escrita de PMA, as publicações de sua autoria para a revista *Carta Capital*.

No Brasil, o *Pequeno Manual Antirracista* foi lançado pela editora Companhia das Letras, em 6 de novembro de 2019 e possui formato semelhante a um “livro de bolso”, o que faz jus a sua proposta de ser um manual portátil e de fácil manuseio, além de prático e didático. Em sua pré-venda em 2019, bateu o recorde de vendas, adicionando a este, em 2020, mais um recorde por se tornar o livro mais vendido do ano na loja virtual da Amazon. O livro rendeu também à escritora o prêmio Jabuti, em 2020, na categoria “Ciências Humanas”, que compreende obras que apresentam ao grande público temas relevantes e questões atuais na perspectiva das áreas da Filosofia, Sociologia, Educação, Letras e das demais áreas que constituem as Ciências Humanas, como já foi mencionado.

Ribeiro, entre 2019 e 2020, participou de diversas entrevistas em jornais e programas com o intuito de discutir seu processo de escrita e também as questões abordadas em seu manual, como por exemplo: em matérias do jornal *O Globo*, em 2019 e 2020, na revista *Carta Capital* (2019), em matéria da revista *Veja*, em 2019, no programa *TV Metrópolis*, vale ressaltar também sua participação no programa *Roda Viva*, em 2020, programa nacional de grande prestígio que convida ícones da música, política, literatura, filosofia e etc. Na ocasião, Djamila Ribeiro discorreu sobre seu manual, pontuando que seu objetivo principal foi abarcar as diferentes classes sociais.

No PMA, a filósofa desenvolve, por meio de uma linguagem clara e direta, de forma didática, um manual instruindo seus leitores, sejam aqueles iniciados no assunto ou não, questões sobre as atitudes antirracistas em diversos espaços, seja na escola, seja no trabalho, seja em casa. Ademais, seu livro tem sido fonte de pesquisas acadêmicas e estudado também em escolas, como Ribeiro destaca em sua entrevista para o programa *Roda Vida*:

[..] com esse livro eu queria atingir educadores, jovens, pessoas que nunca tiveram acesso ao tema, para que esse tema não fique não fique recluso a só uma bolha da academia ou militância, porque é um debate que diz respeito a toda sociedade e eu fico muitíssimo feliz de ver que está sendo adotado em escolas (RIBEIRO, 2019, s/p)<sup>13</sup>.

Neste momento de nossa discussão, mesmo tendo como cerne deste trabalho tratar primordialmente da recepção em solo francês, não podemos deixar de constatar os modos de recepção pelos quais a obra chega na cultura italiana, nos dando abertura para compará-la com a edição em língua francesa.

<sup>12</sup> How To Be An Antiracist.

<sup>13</sup> Disponível em: << <https://www.youtube.com/c/rodaviva/search?query=djamila%20> >>. Acesso: julho de 2023

De forma sucinta, a partir de uma apreciação descritiva dessa (re)tradução, apresentaremos os principais elementos paratextuais e de paratradução. Então, se fará pertinente elucidar para o leitor as diferenças entre tradução e retradução de uma obra de acordo com a teoria da tradução.

Conforme Berman, em seu texto intitulado *La retraduction comme espace de la traduction* (1990), após a primeira tradução de uma determinada obra, todas as outras que a sucederem são consideradas retradução independente da cultura de chegada (*cf.*, BERMAN, 1990, p.1), vale ressaltar ainda que, com isso, a tradução confere à retradução possibilidades durante o processo tradutório, ou seja, além da obra original tem-se mais um referencial, seja para uma retradução da mesma língua de chegada ou para uma outra, como é o caso da retradução do *Pequeno Manual Antirracista* para o italiano.

A editora italiana, responsável pela publicação do *Pequeno Manual Antirracista*, é a editora independente Capovolte, que tem como objetivo promover um diálogo com autores e autoras que tenham suas inquietações voltadas as questões sociopolíticas de classe, gênero e raça. Na apresentação da obra de Djamila Ribeiro, no site da editora, nota-se a importância da tradução do PMA nos projetos futuros da editora em território italiano, como podemos perceber na seguinte descrição:

[...] a presença de Djamila Ribeiro dá início ao projeto ‘Decolonizzare il sapere. Pratiche di femminismo antirazzista’, realizado pela Editora Capovolte [...]. Uma trajetória que vai levar a Editora ao longo de 2022 e de 2023 a realizar eventos na região dedicados ao tema do antirracismo e das práticas feministas”<sup>14</sup> (CAPAVOLTE, 2022, s/p)<sup>14</sup>.

No evento de lançamento do *Pequeno Manual Antirracista*, no salão do livro, em Turim, Djamila acentua que: “gostaria de saudar a editora Capovolte pelo trabalho fundamental que tem feito de traduzir escritoras negras brasileiras, de difundir o nosso pensamento”<sup>15</sup> (RIBEIRO, 2020, s/p).

Além desses dados promovidos pela editora para estimular o público para a leitura de tal obra, temos também os aparatos ligados ao discurso de acompanhamento da edição do livro, pela seguinte composição: prefácio de Igiaba Scego, que é jornalista e escritora e que tem como centro de suas discussões a imigração e cultura africana; apresenta também um outro prefácio

<sup>14</sup> “la presenza di Djamila Ribeiro danno il via al progetto “Decolonizzare il sapere. Pratiche di femminismo antirazzista”, realizzato da Capovolte [...]. Un percorso che porterà la casa editrice nel corso del 2022 e del 2023 a condurre eventi sul territorio, dedicati proprio al tema dell’antirazzismo e delle pratiche femministe”

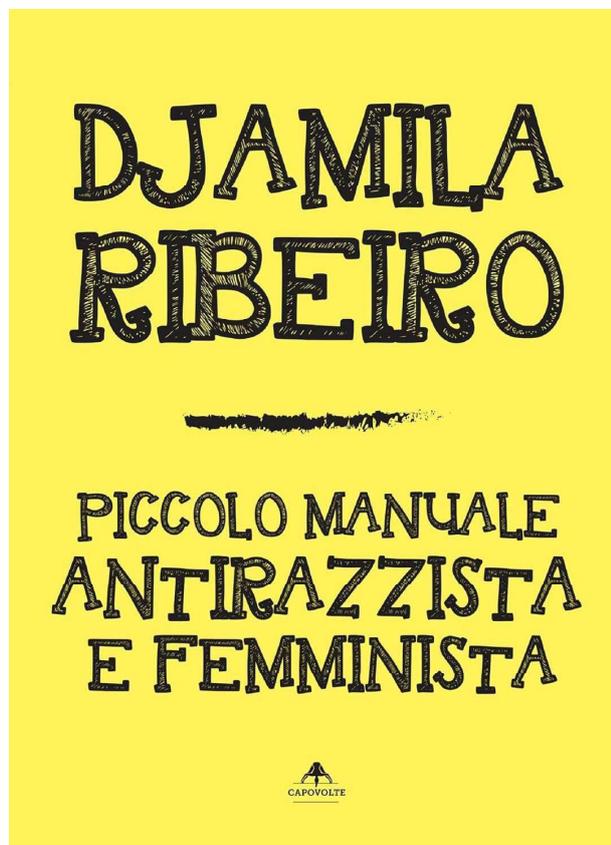
Disponível em: <[https://capovolte.it/capovolte-al-salone\\_internazionale-del-libro-con-la-filosofa-brasiliana-djamila-ribeiro/](https://capovolte.it/capovolte-al-salone_internazionale-del-libro-con-la-filosofa-brasiliana-djamila-ribeiro/)>. Acesso: julho de 2023.

<sup>15</sup>Disponível em: [https://capovolte.it/capovolte-al-salone\\_internazionale-del-libro-con-la-filosofa-rasilianadjamila-ribeiro/](https://capovolte.it/capovolte-al-salone_internazionale-del-libro-con-la-filosofa-rasilianadjamila-ribeiro/). Acesso: julho de 2023.

escrito por Djamila Ribeiro exclusivo para edição italiana, no qual a escritora discorre sobre a importância das reflexões que compõem o livro, enfatizando com isso as contribuições filosóficas para o público italiano, “Estou convicta de que este Pequeno Manual tenha um potencial incrível para a Itália, que, tal como o Brasil, se recusa a se colocar no centro das discussões com honestidade o racismo que estrutura a sociedade”<sup>16</sup> (RIBEIRO, 2022, s/p).

Ademais, ao final do texto temos o posfácio da tradutora Francesca De Rosa intitulado *E na Itália?* que convoca os leitores de italiano a refletir sobre a questão racial e de gênero em seu lugar (na Itália), assim como consta na tradução do *Pequeno Manual Antirracista* para língua francesa.

**Figura 1: Capa da tradução italiana**



Fonte: Capavolte, 2022

<sup>16</sup> “Sonno convita che questo Piccolo Manuale abbia un potenziale incredibile per l’Italia che, come il Brasile, si rifiuta di mettere in discussione con onestà il razzismo che struttura la società.”

**Figura 2: Capa da tradução francesa**

ANACAONA



# Petit manuel antiraciste et féministe

**Djamila Ribeiro**

Préface de Françoise Vergès

**Fonte:** Éditions Anacaona

Pondo em comparação as duas traduções existentes atualmente do *Pequeno Manual Antirracista*, pode-se concluir que ambas apresentam modificações quanto ao título, tendo assim o adicional da palavra “feminista” tanto em italiano quanto em francês. As traduções são assumidas, pois os nomes das tradutoras aparecem na folha de rosto dos livros. A edição italiana opta por um padrão quanto a apresentação da capa, que a torna mais próxima da edição da obra original, o que não acontece na edição francesa, que centraliza a imagem da autora e não faz diferenciação no tamanho da fonte das palavras do título.

Nota-se ainda de diferença, que, na edição francesa é assinalado na capa a autoria do prefácio, escrito por Françoise Vergès, enquanto na edição italiana essa informação é omitida

na capa, apesar dela conter dois prefácios, um da própria Djamila Ribeiro e outro de Igiaba Scego, enquanto a edição francesa possui somente um. Ambas traduções apresentam posfácios das respectivas tradutoras, e, por fim, na edição francesa temos o acréscimo de um compilado de referências bibliográficas de autores e autoras francófonas que também propõem discussões raciais e de gênero, selecionadas pela autora do prefácio, Françoise Vergès, e pela tradutora Paula Anacaona. No entanto, há de se enfatizar que esse compilado, frente ao da edição brasileira, é bastante modesto em quantidade de nomes.

Comparamos as duas edições, a francesa e a italiana, para evidenciar como a depender da cultura de chegada, a obra adequa-se a um outro tratamento editorial, a fim de atender o interesse do público e atrair os leitores da cultura em questão.

Portanto, essa pesquisa, em relação ao que tange à recepção, deve tratar os paratextos como elementos que constituirão a apresentação da obra a diferentes contextos, de modo a indicar leituras outras.

### 3. VOZES-MULHERES NEGRAS TRADUZIDAS: RECEPÇÃO DE DJAMILA NO MUNDO FRANCÓFONO

Antes de adentrarmos nas discussões diretas sobre a recepção do *Pequeno Manual Antirracista*, é de suma relevância que possamos entender o contexto no qual sua tradução se insere, sendo parte do movimento de travessia do Atlântico por vias da tradução. Para tanto, nossa reflexão irá apoiar-se, sobretudo, nas teorias da tradução que se preocupam em confrontar as distribuições de espaços e em ressituar o sujeito colonial. Pois é notória, como já foi sucintamente esboçado no capítulo anterior, a predominância e a hegemonia que, ao menos desde as grandes navegações, tem imperado ao longo dos séculos – relação de poder essa que ainda se faz presente em muitos países que foram colonizados, até mesmo nos que passaram pelo processo de independência, como é o caso do Brasil. Portanto, há de se levar em conta, neste trabalho, a forma como as sucessões de acontecimentos de natureza política, social e econômica afetaram os povos envolvidos, traçando uma linha “imaginária”, pela qual muitos ainda tentam negar a existência da dicotomia entre os países/povos colonizadores e colonizados.

A maneira pela qual os países colonizadores produziram/produzem sua ideologia para os países colonizados contém os mesmos objetivos e é diferenciada apenas em sua forma, em que outrora foi através da invasão marítima, provocando o genocídio, linguicídio<sup>17</sup> e a imposição epistemológica aos povos dominados. Todavia, na modernidade esse domínio ainda persiste por meio da imposição do pensamento eurocêntrico, que comumente ocorre de maneira mais sutil e velada, por razões políticas e capitalistas, invadindo nosso sistema educacional, temos, nossa história sendo contada por esse *Outro*<sup>18</sup> que, desejando tão somente a manutenção de sua hegemonia, procura silenciar para manter um domínio epistemológico.

Em resposta a todos esses acometimentos que genericamente foram tocados, emergiram reflexões de pensadores de teorias pós-coloniais e decoloniais latinoamericanas, que buscam primordialmente contestar e denunciar os efeitos resultantes do domínio por parte dos países do ‘primeiro mundo’. Para nossa discussão recorreremos ao pensamento de uma das principais filósofas pós-colonial e ativista Gayatri Chakravorty Spivak, que em seu livro, *Pode o Subalterno Falar?* (1985), questiona sobre como o “sujeito” é posto nas reflexões de intelectuais (europeus) que se debruçaram sobre o tema, ou seja, em como se colocam na

<sup>17</sup> Expressão de Aurox (1992) para tratar do apagamento das línguas menos ou não instrumentalizadas (p.70).

<sup>18</sup> Termo usado por Grada Kilomba em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

condição de falar por esse *sujeito subalternizado*. Spivak refuta a ideia da história única, ou seja, na narração que discorre uma história singular e verdadeira de um povo, sustentando-se na violência epistêmica. Em conformidade de pensamento Sueli Carneiro alerta,

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (CARNEIRO, 2005, p.97).

Para Spivak existem então dois tipos de *sujeito* que precisam ser levados em consideração: o sujeito “ideal”, isto é, aquele que é livre e tem autonomia para expressar-se e reivindicar seus direitos, e aquele que é *descontínuo*. A autora, por sua vez, propõe que sejam repensadas as categorias sociais utilizadas para explicar a realidade, ou melhor, questionar em que medida a base de construção das teorias que nos são impostas parte da ideia de indivíduo ou sujeito único. Spivak exorta para a existência de um discurso a favor do sujeito subalterno inválido e que tal discurso impera através de seu domínio epistêmico.

A reflexão de Spivak descrita acima nos permite fazer aproximações com o pensamento de Grada Kilomba, em seu livro *Memórias da plantação* (2019), mais precisamente no capítulo *Quem pode falar*, no qual a autora menciona Spivak justamente para questionar esta ‘impossibilidade’ de fala que é levantada. Kilomba porvez, irá afirmar que essa condição de impossibilidade de fala, é dada sobretudo pelo controle epistêmico que silenciam/inibiam seus saberes e narrativas, conforme salienta a autora quando afirma,

Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que ironicamente, tornam-se ‘especialistas’ em nossa cultura, e mesmo em nós (KILOMBA, 2019, p.51)

Outro ponto importante que gostaríamos de salientar é o conceito de *representação* abordado por Spivak, a autora faz a seguinte distinção entre dois conceitos de representação, : a) o primeiro está relacionado ao ato de falar por alguém, ser representante de outrem, como o fazem os políticos que representam um povo, ou seja, falam pelo povo, por aquele que não tem condição de se representar e que, portanto, necessitam de um emissor e b) o segundo, por sua vez, estaria vinculado ao ato da representação dramática/teatral, cuja a forma está presente, porém o conteúdo é irreal.

No âmbito dos Estudos da Tradução essas inquietações foram fortemente debatidas em prol de uma desmistificação da hegemonia eurocentrista, contestando os métodos tradicionais da tradução, de acordo com Gentzler, como marco dessas reflexões temos:

[...] os tradutores pós-coloniais [que] tentam recuperar a tradução e usá-la como estratégia de resistência, que perturba e desloca a construção de imagens de culturas não ocidentais, em vez de reinterpretá-las usando conceitos e língua tradicionais, normalizados (GENTZLER, 2009, p. 218).

Por conseguinte, nos tópicos que se seguirão, procuraremos traçar um diálogo entre as ideias filosóficas que se contrapõem ao colonialismo, ou seja, as correntes de pensamento pós-colonial e decolonial – como já suscitamos com as autoras supramencionadas – com os Estudos da Tradução a partir de uma perspectiva em que o instrumento basilar é lidar com as diferenças entre as línguas, o que também significa dizer entre as culturas. Portanto, combater o que domina a teoria da tradução, ao romper com uma noção de tradução aos moldes tradicionais (clássico), como cópia e repetição e representação do mesmo, visto desse modo, é essencial para desconstruir esse desejo por pureza e unidade que atua na epistemologia europeia, expondo dessa maneira suas estratégias discursivas para se apropriarem e apagarem os saberes de um povo estrangeiro, em prol de sua hegemonia violentamente delimitada.

Para tanto, trataremos as reflexões e contribuições de Sapiro e Johan, Itamar Even-Zohar – no que diz respeito às tensões entre centro e margem nos Estudos da Tradução –, Berman e Carrascosa, com a finalidade de elucidar a recepção do *Pequeno Manual Antirracista* por meio do aparato de tais teóricos da tradução, para assim analisarmos a adoção ao texto de Djamila através de seu manual, ou seja, o processo da tradução de seu pensamento na França.

Cabe elucidar a presença de alguns autores em nosso trabalho que vão tratar da tradução de texto literário, inclusive estudar teoria da tradução é, na maioria das vezes, se debruçar sobre a tradução literária, levando em consideração que uma bibliografia de apoio, sobretudo no que concerne história e crítica da tradução, geralmente, estará voltada para o caso da tradução na literatura. Logo, essa inclinação não nos impede de tirar lições tradutórias que podem vir a contribuir com outras áreas da sabedoria e gêneros textuais, ainda mais sendo nosso objeto de estudo, se possível for categorizá-lo tendo em vista seu hibridismo, um texto filosófico, pois segundo Castro Ramírez:

O que foi dito até aqui permite afirmar que traduzir filosofia é uma complexa operação intertextual que confronta o tradutor com uma tensão entre a história do pensamento (construída coletivamente) e a originalidade do autor de filosofia (que luta para se distinguir do resto de seus competidores na área e para impor certa “originalidade” à sua obra) (CASTRO RAMÍREZ, 2018, p. 99).

Com isso, os textos de teoria da tradução escolhidos para compor essa pesquisa mostram essenciais ao passo que estamos lidando com transmissão de um pensamento, uma reflexão, ou para usarmos o termo de Antoine Berman ‘o estar no mundo’. Em seu texto, *Traduction spécialisée et traduction littéraire*, ao fazer distinção entre esses dois caminhos de tradução, o autor coloca como textos literários todos aqueles que têm como objetivo a transmissão de experiências humanas (cf., BERMAN, 1991, p.10), desse modo, o autor afirma que “A tradução da poesia, da filosofia, dos textos religiosos, bom número de livros das ciências humanas, etc. pertencem a um outro campo da produção humana: *campo das obras*” (BERMAN, 1991, p.14), e que, segundo autor, a tarefa da tradução é de assegurar a transmissão das experiências que as compõem, pois, antes mesmo de se tornarem *literaturas* são manifestações de experiências, a tradução, por sua vez, irá nas palavras do autor “assegurar a transmissão interlinguística dessas manifestações, assegurando desse modo sua vida contínua” (*Ibid.* p.14).

Outrossim, para que possamos atingir melhor a obra em seu contexto atual, buscaremos observar quais os recursos utilizados para preparar e apresentar o texto a recepção francesa, sendo assim, nos valeremos também dos elementos editoriais, que através de diversos suportes – entrevistas, páginas da internet, jornais e etc. – o insere nesse contexto estrangeiro. Iremos nos valer das abordagens de paratradução, paratextos e discurso de acompanhamento, de Yuste Frías, Genette e Torres respectivamente, partindo do princípio de que a análise de tais elementos – de paratradução, paratexto e discurso de acompanhamento – nos conduzirão a uma análise dos componentes inerentes à obra e a seu contato com público, nos levando a compreender e visualizar quais caminhos e implicações foram resultantes da recepção da obra aqui estudada.

### 3.1 GÊNERO, RAÇA E CLASSE EM TRADUÇÃO: O PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA EM SOLO FRANCÊS.

Em um debate promovido pelo Itaú Cultural em 2020, que tinha como pauta sua discussão o lugar ocupado pelas obras literárias emergentes, em detrimento da predominante valorização dada aos textos considerados canônicos, Paula Anacaona enfatiza a importância da circulação de textos que se encontram à margem. A editora tradutora na mesma entrevista enfatiza o propósito de sua editora, *Étions Anacaona*, de estreitar os laços entre Brasil e França, possibilitando assim uma maior propagação da literatura e do pensamento brasileiro em solo

francês, tanto é que, a respeito da tradução e da recepção da obra de Djamila, Anacaona fez a seguinte declaração,

Eu lancei a Djamila Ribeiro esse ano [2020], que foi então o primeiro ensaio [...] *nos encontros da Djamila Ribeiro na verdade tinha muitas pessoas de grupos minoritários*, pessoas racializadas que a gente chama, tipo, homens e mulheres negras, homens e mulheres mulçumanas, *ou seja, muitas pessoas que não faziam parte do grupo do homem heterossexual branco de classe média*. Aí pensei ‘puxa, eu acho que *estou conseguindo impor essa intelectualidade brasileira* [...]. (ANACAONA, 2020, s/p – grifo nosso).<sup>19</sup>

Tal declaração feita pela Paula Anacaona nos permite traçar um diálogo com teóricos e teóricas que se dedicaram e ainda se dedicam aos estudos da tradução para além da intrínseca relação linguística existente entre o texto de partida e o de chegada, mas que concomitantemente lançam a possibilidade de refletir sobre o lugar da tradução enquanto intervenção cultural na construção identitária e epistemológica de um povo. Do mesmo modo, as discussões suscitadas por esses autores e autoras enfatizam ainda a relação de poder existente entre a publicação e a propagação das obras que estão no centro daquelas que são consideradas à margem no mercado editorial.

Para empreender tal discussão ao que concerne mais especificamente as relações de poder neste mercado, as contribuições teóricas de Gisèle Sapiro e Johan Heilbron, José Lambert e Itamar Even-Zohar são necessárias para entender como se deu a recepção do PMA e de que maneira a discussão sobre gênero, raça e classe na França impacta sua recepção.

Ao debruçarmo-nos sobre a tradução do PMA pela ótica da tríade (gênero, raça e classe), é de suma importância estender nossa análise nesse momento, ampliando as margens de nossa discussão e assim alcançar uma reflexão que abarque os aspectos mais sociais e culturais que circundam a tradução do PMA. Inclusive, segundo Lambert, não se deve tratar a tradução como um fenômeno puramente linguístico e sistemático apartado do seu caráter cultural e social, o autor enfatiza ainda que “Além disso, não se pode excluir a possibilidade de que as ondas de tradução venham a fazer parte de um movimento de descolonização [...]” (LAMBERT, 2011, p. 67).

A tradução do PMA implica numa tradução das ideias e das situações experienciadas na cultura de partida, não somente por serem escritas em português, mas também por terem como tema o racismo no Brasil, que, pelo viés tradutório, é compartilhado com a cultura de chegada. Não há tradução sem haver já a inauguração de uma zona de contato entre, ao menos, sendo bastante básica e simplista, duas línguas, o que também quer dizer entre culturas distintas,

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BRdteuk-q9Q>. Acesso: julho de 2023.

segundo Lambert: “Em termos culturais, a tradução é uma das respostas à inevitável questão do multilinguismo, ou diferenciação linguística.” (LAMBERT, 2011, p. 47).

No texto de Even-Zohar, *A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário* (1990), o autor formula questionamentos acerca da maneira de como a literatura traduzida é apresentada a depender do polissistema a ser estudado, ou seja, os tipos de relações estabelecidas na literatura traduzida e sua constituição como um sistema mediante as disputas centro-periféricas. A tradução, ao adentrar no polissistema da cultura alvo, adequa-se aos moldes e as exigências provenientes das literaturas que estão no centro do polissistema de chegada e, ainda segundo os apontamentos de Zohar, a depender do polissistema no qual a tradução está sendo inserida, pode ainda ocorrer o surgimento de novos moldes literários, proporcionando assim “novas características [...] até então inexistentes” no sistema literário da cultura alvo (*cf.*, EVEN-ZOHAR, 1990, p. 4), nesse último caso, o autor enfatiza que situações como estas só podem ocorrer dentro de polissistemas da cultura alvo que apresentam ‘faltas’, ou seja, que estejam em processo de ascensão, incluindo, indubitavelmente, a literatura periférica.

Outro ponto a ser observado nas considerações de Zohar é a menção que o autor faz sobre a tensão entre as relações hierárquicas que se estabelecem dentro do polissistema literário europeu, e, tal estratificação perdura desde a criação de suas literaturas (*cf.*, EVEN-ZOHAR, 1990, p. 5). Assim sendo, de acordo com suas reflexões, compreende-se que a importância da escolha da obra a ser traduzida leva em consideração o lugar que o texto ocupará na cultura alvo, a esse respeito, Zohar faz a seguinte contestação,

Fica claro que os próprios princípios de seleção de obras a serem traduzidas são determinados pela situação que rege o polissistema (alvo): os textos são selecionados de acordo com sua compatibilidade com as novas abordagens e o papel supostamente inovador que podem assumir dentro da literatura alvo.(EVEN-ZOHAR, 1990, p. 4 – grifo nosso).

Com efeito, os próprios critérios de seleção de obras que são traduzidas são estabelecidos pela situação prevalecente no polissistema local. Contudo, segundo Zohar, os polissistemas estão sujeitos a aspectos externos, diferentes fatores de ordem política, ideológica e econômica que influenciam diretamente no estabelecimento de suas posições, como afirma o autor, “As dinâmicas dentro do polissistema criam pontos de virada, ou seja, momentos históricos onde os modelos estabelecidos já não são mais viáveis para uma geração mais jovem” (EVEN-ZOHAR, 1990, p.6).

Mediante o que foi descrito acima, podemos citar como exemplo o caso da crescente procura por pensadoras negras que discorrem sobre o feminismo negro, levando-nos a concluir

que as reflexões empreendidas por Simone de Beauvoir e por outras filósofas europeias que trataram sobre o feminismo mostram-se insuficientes. Então, a depender do polissistema no qual estas obras circulam, sua pertinência vai variar, podendo ocupar a margem ou o centro. Neste caso, levando em consideração o feminismo negro, tendo em vista o desenvolvimento e aprofundamento da discussão, será requerido que outras obras circulem no centro, fazendo com que, um pensamento que outrora ocupava a margem passe a ocupar o centro. Sendo assim, temas provindos da diáspora e de comunidades historicamente tratadas subalternamente, como, por exemplo, levando em consideração nosso tópico, as discussões sobre gênero, raça e classe, que são elementos narrativos que difundem-se, a partir da margem e que devem ocupar o centro, enquanto necessidade mesma do aprofundamento da discussão que, sem esse deslocamento da margem, seria impossível de realizar.

Em momentos assim, mesmo em literaturas centrais, a literatura traduzida pode assumir uma posição central. Isso é ainda mais verdadeiro quando, num ponto de virada, nenhum item do estoque local é tido como aceitável, o que resulta num ‘vácuo’ literário. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.6)

A noção de polissistema é importante para demarcar os diversos objetivos pelos quais uma tradução pode se lançar e se direcionar, sendo assim, é preciso considerar que, na mesma medida, a definição de um objetivo é necessária para a tradução de um texto. Esse objetivo pode ser definido de diversas maneiras, pela raça, pelo gênero e pela identidade, para fazer valer um de nossos tópicos, ou, simplesmente, como chama atenção Berman, pelo *puro* objetivo da tradução, isto é, pelo ato intrínseco ao traduzir, pela paixão do gesto de abrir a própria língua para o estrangeiro: “ter definido o *puro* objetivo da tradução, além das contingências históricas. Afirmamos que tal atitude (facilmente criticável de um ponto de vista historicista) é legítima.” (BERMAN, 1991, p. 91). O puro objetivo da tradução é também chamado por Berman de objetivo ético.

É pelo objetivo ético que a tradução pode essencialmente cumprir seu papel, que é comunicar para o estrangeiro, fazendo com que a comunicação seja atingida somente por, diz Berman, um imperativo mais forte, que é o objetivo ético: “Os princípios que regem a sistemática da tradução das obras dependem de um certo objetivo, e esta tradução só será comunicação se, a priori, ela se submeter a um imperativo mais forte que toda comunicação.” (*Ibid*, p. 91). É a partir disso que Berman vai pensar a fidelidade e a exatidão como dimensões da ética: “[...] o tradutor é tomado pelo espírito de fidelidade e de exatidão. É a sua paixão, e é uma paixão ética e não literária ou estética.” (*Ibid*, p. 95). Desse modo, a relação com o estrangeiro, isto é, com o outro, se estabelece com base nos pensamentos de Levinas na obra *Totalidade e Infinito* (2008), como acentua Berman.

Gostaríamos aqui de salientar que a ideia atribuída ao conceito de fidelidade empregado por Berman difere da ideia de fidelidade defendida nos estudos clássicos da tradução, isto é, ao trabalho do tradutor como mera reprodução, em que a tradução deveria vir a ser como uma cópia do texto original, inibindo toda e qualquer interpretação.

Ao considerar a fidelidade como um gesto ético, pois ela é “animada pelo *desejo de abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua*”, Berman contrapõe as ideias mais vigentes no Ocidente que sufocaram a ética, através de uma “lógica do mesmo” (*Ibid*, p. 97) e, no entanto, chama ele ainda a atenção de que “isso não impede que o ato de traduzir obedeça a uma outra lógica, a da ética.” (*Ibid*, p. 97).

Uma outra possibilidade de pensamento quanto ao conceito de *ética* empreendido por Berman é pensar o lugar do tradutor que, ao exercer tal eticidade, firma um compromisso tanto com a cultura de partida quanto com a de chegada. No caso da tradução de PMA, feita por Anacaona, a tradutora procura atingir a fidelidade à forma e ao *sentido* do texto original quando, por exemplo, apresenta a autora de modo a preservar não apenas a configuração de seu texto, mas também as ideias e intenções lançadas por Ribeiro, se utilizando do aparato de notas, prefácios e posfácios.

As inquietações e reflexões teóricas sustentadas pelos autores supramencionados confirmam e demonstram afinidade com as teorias da tradução sociológica apresentadas por Gilèse Sapiro e Johan Heilbron, pois, nas próprias palavras da autora e do autor: “[...] a abordagem propriamente sociológica toma por objeto o conjunto das relações sociais no meio das quais as traduções são produzidas e circulam” (HEILBRON; SAPIRO, 2009, p. 15). As ideias propostas pelo autor e pela autora quanto ao lugar da tradução, parece-nos de igual modo pertinente para discussão que nos propomos fazer sobre a tradução, que é vista como um campo de ação na construção de identidades e na restrição da invisibilidade cultural mediante os fatores políticos e econômicos. (*cf.*, HEILBRON; SAPIRO, 2009, p. 16).

Todavia, a discussão não é tão simples, sendo a tradução um espaço de relações internacionais e de transferência cultural, há, predominantemente, uma concorrência mediada pela relação de força entre línguas e culturas distintas, o que evidencia a já referida tensão entre as obras centrais e periféricas, e que, segundo Sapiro e Johan:

Para compreender o ato de traduzir, é necessário então, num primeiro momento, analisá-lo como imbricado em relações de força entre países e suas línguas. Essas relações de força são de três tipos: política, econômica e cultural [...]” (HEILBRON e SAPIRO, 2009, p. 16).

Como evidência, a autora elenca elementos que estão no centro das decisões e da propagação literária, considerando a indústria de produção um aspecto puramente transcultural na medida em que as trocas de pensamento se situam no campo transnacional.

Sapiro e Heilbron advertem e atestam através de dados concernentes ao mercado internacional de livros traduzidos, o controle dos centros hegemônicos de poder, tendo em vista a predominância de obras traduzidas de língua inglesa no cenário mundial, concentrando aproximadamente metade dos livros traduzidos e assim “ocupa a posição mais central, a que podemos chamar de hipercentral” (*Ibid.*, p.17). A seguir temos o francês e o alemão ocupando, respectivamente, o segundo e o terceiro lugar, tendo entre 10 e 12% de suas obras traduzidas. Já a posição semiperiférica é ocupada por oito línguas, dentre elas o italiano e o espanhol, as demais línguas são por sua vez consideradas periféricas (*cf.*, HEILBRON; SAPIRO, 2009, p.16).

Como já vimos, os dados reforçam o domínio literário dessas línguas e, conseqüentemente, o domínio epistemológico desses países que, ao longo da história são designados como colonizadores, e que, como bem menciona Sapiro e Johan, quanto mais *central* é uma língua, maior é sua capacidade de funcionar como língua intermediária ou veicular (*cf.*, HEILBRON; SAPIRO, 2009, p.17), ademais, a medida que essa língua/cultura ocupa um lugar notável, de superioridade no sistema de tradução, maior será o número de tradução feita dessa língua e, ao mesmo tempo, menor será o número de tradução feita para esta língua, ou seja, a via nunca será de mão dupla, o domínio literário e epistemológico pertencerá, predominantemente, aos países cujos textos são levados em massa pelo viés da tradução aos países cujos pensamentos e literaturas são poucos difundidos. A esse respeito a autora e autor endossam:

Tudo parece, assim, apontar para uma relação inversa entre o grau de centralidade de uma língua no espaço internacional de traduções e a parcela de traduções na produção nacional de livros nessa língua. Quanto mais central é a produção cultural de um país, mais ela serve de referência em outros países, porém menos nessa língua. [...] Analisar os fluxos de tradução à luz das relações de força entre línguas permite também compreender melhor os efeitos das mudanças históricas. A perda do prestígio ou poder de um país e de sua língua no cenário internacional tem conseqüências sobre o nível de atividades de tradução (HEILBRON; SAPIRO, 2009, p.18).

Dessarte, as trocas linguísticas e culturais pelo viés da tradução entre os países são notoriamente desiguais, o que implica diretamente na recepção do *outro* em detrimento de uma hegemonia epistemológica, majoritariamente política e econômica. Outros elementos são destacados por Sapiro e Johan em sua discussão, como resultado desse domínio no mercado editorial, a autora e o autor sublinham a imposição epistemológica pelas línguas centrais,

afirmando que quanto mais se traduz uma determinada língua mais se exporta o conhecimento e pensamento desse *outro* central que torna-se ‘referência’ cultural, epistemológica e política para línguas que estão a margem.

As línguas dominantes, devido ao seu prestígio específico, à sua antiguidade, ao número de textos declarados universais escritos nessas línguas, são detentoras de um capital literário importante. Esta acumulação diferenciada de capital simbólico, que pode variar segundo as áreas de criação concernidas, funda uma relação de força desigual entre as culturas nacionais, que tem consequências sobre a recepção dos bens culturais assim como sobre suas funções e usos: assim, para um campo literário nacional em via de constituição, *a tradução de uma obra canônica da literatura clássica pode servir para acumular capital simbólico; inversamente; a tradução de um texto de uma literatura dominada para uma língua dominante como o inglês ou o francês constitui uma verdadeira consagração para o autor.* (HEILBRON; SAPIRO, 2009, p. 20 – grifo nosso)

A tradução, como instrumento de troca e de mediação entre culturas distintas, pode beneficiar tanto a autores e autoras quanto a seus mediadores (tradutores e editores) (*cf.*, HEILBRON; SAPIRO, 2009, p. 24), Sapiro e Johan afirmam ainda que, tal benefício não depende apenas da posição mundial da língua de partida, mas também do lugar ocupado pelo autor ou pela autora que está sendo traduzido. Como já foi apontado, o deslocamento no campo literário proporcionado pela tradução no que concerne ao centro ou à margem, modifica de igual modo sua posição no campo literário de partida, ou seja, o *status* da obra traduzida é modificado sobretudo se a cultura de chegada for das línguas tidas como centrais.

De uma maneira geral, as funções da tradução são múltiplas: instrumento de mediação e de troca, ela pode também exercer funções políticas ou econômicas, e constituir um modo de legitimação do qual tanto os autores quanto os mediadores podem ser beneficiários. O valor da tradução não depende apenas da posição das línguas, mas também da posição dos autores traduzidos e dos tradutores, tanto no campo literário nacional, quanto no espaço literário mundial (CASANOVA, 2002). A tradução para as línguas centrais constitui uma consagração que modifica a posição de um autor em seu campo literário de origem. (HEILBRON; SAPIRO, 2009, p. 24)

Cumpre-nos ainda destacar outro aspecto referente ao papel da tradução na discussão sobre gênero, classe e raça, que é sua tarefa na promoção e intervenção comunicativa entre as culturas confluentes em direção ao sujeito em comum. Ao lidar com o fluxo de ideias e narrativas inerentes a ambas as culturas, proporciona um diálogo com o *outro*<sup>20</sup> e, desse modo, torna evidente suas similaridades e diferenças, possibilitando de igual modo, um lugar comum de identificação de realidades outroradistantes, que podem encontrar paridade através da tradução. Reafirmando, dessa forma, a importância de levar a reflexão de pensadores e

---

<sup>20</sup> Nesse momento do sentido da palavra *outro* tal como discute Berman em *A tradução e a Letra ou o Alberque do Longíquo* (1991).

pensadoras brasileiras para além-mar, em outras palavras, de romper com a dependência, sobretudo epistemológica do norte global, como já foi fortemente mencionado nos capítulos anteriores deste trabalho, o que desemboca numa travessia transatlântica por intermédio da tradução.

### 3.2 COM A PALAVRA, PAULA ANACAONA, TRADUTORA DE DJAMILA RIBEIRO.

“Se traduzo palavra a palavra, torna-se absurdo; se, por necessidade, modifico por pouco que seja a construção ou o estilo, parecerá que me demito da tarefa de tradutor”

São Jerônimo

Primeiramente, antes de entrarmos na discussão que mais nos concerne, isto é, sobre a tradutora em questão, nos é importante salientar que reconhecer o lugar do/a tradutor/a exige, a depender da análise, considerar/percorrer diferentes caminhos para obtenção de um resultado convincente. Sobre essa exigência, Sales (2018) exorta que “Não é fácil, porém, dizer qual é a posição tradutiva, mas muitas vezes ela pode ser recuperada a partir das próprias traduções e também a partir das reflexões que os próprios tradutores tenham feito sobre seu processo” (p. 134). À vista disso, trataremos as contribuições teóricas de Antoine Berman (1995), Genette (2009) e Carracosa (2017), para que dessa forma possamos compreender os caminhos percorridos e as relações estabelecidas por Paula Anacaona com o texto, consigo e com o leitor/cultura de chegada.

Antoine Berman, em sua obra *Pour une critique des traductions : John Donne* (1995), esquematiza um *esboço* de um método crítico para os estudos da tradução, no qual é eleito alguns processos a serem seguidos, dentre esses processos, o autor aponta para a necessidade de “*Ir à procura do tradutor*” (BERMAN, 1995, p. 73), em outras palavras, para que se tome conhecimento do posicionamento do tradutor diante do texto traduzido, é imprescindível levar em consideração sua relação com a escrita, ou seja, se ele para além de tradutor exerce também a função de autor de alguma obra (qual é o gênero, qual é o público alvo de sua escrita, do que se trata), sua posição linguística (as relações do tradutor com as línguas estrangeiras e com sua língua materna, suas referências sociais e históricas) (*cf.*, BERMAN, 1995, p. 73).

Ainda de acordo com o que diz respeito ao tradutor, Berman discorre sobre a posição tradutória (*position traductive*), ou seja, sua relação com o texto a ser traduzido, que, segundo o autor, não se trata meramente de uma relação pessoal, mas que diz respeito ao contexto –

histórico, cultural, social – no qual este se insere, refletindo assim na maneira como o tradutor/tradutora concebe o processo tradutório, nas palavras de Berman “sua concepção e percepção do ato de traduzir” (cf., BERMAN, 1995, p. 74). Sendo assim, ainda conforme aponta Berman, a posição do tradutor é dada pela tarefa que ele concebe a si mesmo enquanto tradutor e pela forma com a qual ele concebe tal tarefa, dito de outra forma, a maneira pela qual o tradutor faz suas escolhas diante dos *discursos em jogo*, podendo ele decidir geralmente, dependendo de seu objetivo, entre ir contra a corrente ou junto com ela, como bem assinalado por Berman,

‘Concepção’ e ‘percepção’ que não são puramente pessoais, tendo em vista que o tradutor é efetivamente marcado por todo um discurso histórico, social, literário, ideológico sobre a tradução (e escrita literária). A ideologia sobre a tradução é, por assim dizer, o compromisso entre a maneira com a qual o tradutor percebe-se quanto sujeito tomado pela pulsão de traduzir, ou seja, sua tarefa como tradutor, e a maneira como ele retém o discurso ambiente sobre o traduzir (normas). (BERMAN, 1995, p.74)<sup>21</sup>

O outro aspecto que se faz necessário apontar é a maneira pela qual a tradução se apresenta na paratradução, buscando extrair disso determinados efeitos e intenções que se agregam à própria tradução. Segundo Frías (2010), se apoiando ao conceito de paratexto empreendido por Genette, paratradução se distingue de paratexto, ela afirma que: “se os paratextos apresentam os textos, as paratraduções apresentam as traduções.” (FRÍAS, 2010, p 292), logo podemos assim dizer que, paratraduções são os elementos adicionados a obra traduzida que estão ausentes no original, ou melhor, os elementos adicionados sobretudo pelo tradutor. Ao diferir *paratraduções* de paratextos, Frías, nos aponta a seguinte definição:

Retomando quase palavra por palavra do que disse Genette para definir o paratexto, eu diria que a paratradução é a zona de transmissão e de transação de toda troca transcultural, o lugar decisivo para o sucesso ou fracasso de todo processo de mediação cultural. Do ponto de vista puramente espacial, a paratradução se situa na periferia de todo texto a ser traduzido ou de todo texto traduzido, pois, trata-se de um limite, de um vestíbulo de uma zona indecisa, de uma zona intermediária entre o dentro e o fora, de uma franja, de uma margem entre tradução e o fora da tradução. A paratradução está sempre no limite da tradução, lá onde o tradutor é um agente [...] (FRÍAS, 2010, p. 293 - tradução nossa)<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Texto original: « Conception » et perception qui ne sont pas purement personnelles, puisque le traducteur est effectivement marqué par tout un discours historique, social, littéraire, idéologique sur la traduction (et l’écriture littéraire) La position traductive est, pour ainsi dire, le « compromis » entre la manière dont le traducteur perçoit en tant que sujet pris par la pulsion de traduire, la tâche de la traduction, et la manière dont il a « internalisé » le discours ambiant sur le traduire (« les normes »).

<sup>22</sup> Texto original: « Conception » et perception qui ne sont pas purement personnelles, puisque le traducteur est effectivement marqué par tout un discours historique, social, littéraire, idéologique sur la traduction (et l’écriture littéraire) La position traductive est, pour ainsi dire, le « compromis » entre la manière dont le traducteur perçoit en tant que sujet pris par la pulsion de traduire, la tâche de la traduction, et la manière dont il a « internalisé » le discours ambiant sur le traduire (« les normes »).

Ainda segundo Frias (2010), o tradutor, no papel de agente *primário* da atividade tradutória, se encontra em uma linha limítrofe na qual o ‘sujeito traduzinte’, para fazer uso das palavras do autor, está situado na fronteira entre duas línguas, sendo tanto a porta de entrada como de saída entre as duas culturas envolvidas. Em outras palavras, o tradutor inaugura uma zona de contato pela transferência de significado:

Sujeito à margem, o tradutor é o limiar entre o familiar e o estrangeiro, o entre de um espaço intermediário sempre situado entre [...] e, como um ponto, possibilita a passagem entre uma margem e outra. Ele une e separa ao mesmo tempo. (FRÍAS, 2010, p. 309)<sup>23</sup>.

Neste sentido, retornamos ao lugar da tradutora-editora diante da recepção do PMA, na medida em que entendemos que as discussões empreendidas por Frias (2010), especialmente ao que se refere aos elementos acrescentados sobretudo pelo tradutor à obra original, isto é, as paratraduções, no caso do nosso trabalho, tem-se a total responsabilidade atrelada à Paula, pelo fato de sua dupla atribuição, tradutora e editora.

A tradutora Paula Anacaona, ou seja, Paula Salnot, nasceu em 21 de julho de 1977 em Paris, na França. Paula é filha de pai venezuelano e mãe francesa oriunda de Langlade (Gard), região sul da França. O princípio de sua admiração e interesse pela cultura e língua brasileira foi herdado de sua tia, ao fazer menção ao seu contato com o território brasileira e sua a escolha pelo Brasil, Paula relata,

Na verdade foi um pouco por acaso. Às vezes, as pessoas dizem que tinha que acontecer e outras pessoas dizem que eu fui brasileira em uma vida passada. Eu acho que eu estava procurando o meu lugar, que na França eu não achava. Viajei de mochilão para a América do Sul toda e eu gostei muito do México, fui para a Venezuela, mas não me identifiquei. Quando eu cheguei ao Brasil, eu me senti em casa. Então eu acredito que fui brasileira em uma vida passada. (ANACAONA, 2018, s/p)<sup>24</sup>

A tradutora afirma ainda que foi a partir de suas “idas e vindas”, para usar assim as palavras de Anacoana, que começou então seu percurso no processo de aprendizagem da língua portuguesa. Todavia, foi em umas de suas vindas ao Brasil, que a tradutora conhece a escritora brasileira Heloneida Sturdart, e dá início a sua experiência como tradutora de obras brasileiras, Anacaona fez a seguinte declaração,

Comecei a ser tradutora técnica. Numa viagem ao Brasil, conheci, por acaso, em um restaurante em Paraty, três mulheres de aproximadamente 70 anos, que ao perceberem

---

<sup>23</sup> Texto original: *Sujet en marge, o tradutor est le seuil entre le familier et l'étranger, l'entre-deux d'un espace intermédiaire situé toujours entre [...] et, comme un point, il rend possible le passage entre une rive et l'autre. Il unit et sépare en même temps.*

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2018/11/paula-anacaona-a-francesa-que-encontrou-se-com-dandara/>. Acesso: 18 de julho de 2023.

que éramos estrangeiros começaram a conversar conosco. Quando falei que era tradutora, uma delas falou que era escritora, mas eu disse que não traduzia livros. Ela me convidou pra conhecer o seu escritório, no Rio de Janeiro, para me dar os seus livros. Eu li esses livros e realmente adorei. Justamente nessa época tinha períodos onde eu não tinha trabalho, então comecei a traduzir esses livros, e foi assim que começou. Essa escritora é Heloneida Studart, ela não é muito conhecida, mas seus livros são muito bons, traduzi quatro livros dela para uma editora. Daí, comecei a pensar que seria melhor se eu tivesse minha editora e montei a Anacaona quatro ou cinco anos depois. (AJALA, 2013, p. 58)

Para além de sua prática tradutória, Paula Anacoana é fundadora da Éditions Anacaona. É também escritora e, em 2016, publicou uma adaptação para o público juvenil das histórias de Jorge Amado e Maria Bonita (*Jorge Amado, un écrivain sur les terres du cacao e Maria Bonita, une femme parmi les bandits*, ambos pela editora A dos d'âne, na coleção *Des graines et des guides*), *Tatou* (2018) pelas Éditions Anacaona, nesta obra a autora busca falar do lugar da mulher negra na França e no Brasil, com a qual foi finalista do prêmio *Hors Concours de lycées*. Em 2019 lançou o *1492 Anacaona l'insurgée des Caraïbes* e no final deste mesmo ano publicou um álbum juvenil, *Gaïa will change the world*, no ano seguinte, em 2020, Paula publica o romance *Solitude la flamboya*, seguindo o mesmo tema abordado em suas obras anteriores, que traz como discussão central a luta e insurgência da mulher, *Solitude la flamboya* é baseada na história de uma heroína, Solidão, que luta contra a escravidão em Guadalupe. Sua obra mais recente é *Maria Brandao, nos pas viennent de loin* publicada em 2023, nesse romance a autora busca traçar os caminhos trilhados por Maria Brandão, uma mulher negra que viveu no Brasil no início do século XX e que se empenhou na luta racial, atuando em particular no Nordeste no Brasil, Bahia. Essas quatro últimas obras foram lançadas pela Éditions Anacaona.

Por conseguinte, no catálogo<sup>25</sup>, que pode ser encontrado no site da editora em questão, nos deparamos com traduções de diversos escritores brasileiros dentro da temática racial tanto textos filosóficos quanto literários, nas seguintes coleções: Terra, Urbana e Époque. A *Collection Terra* é composta por autores já mencionados acima, como Conceição Evaristo, José Lins do Rego, Jarid Arraes, Maria Valeria Rezende, Raimundo Carrero e Rachel de Queiroz. A *Collection Urbana* traz escritores como Ferréz, Rodrigo Ciriaco, Plínio Marcos, Marcelino Freire, Fernando Molica e Luiz Carlos Soares. A *Collection Époque*, por sua vez, apresenta as obras traduzidas para o francês dos seguintes escritores, Ana Paula Maia, Marçal Aquino, João

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.anacaona.fr/wp-content/uploads/Catalogue-hiver-2022-Anacaona.pdf>. Acesso: julho de 2023

Anzanello Carrascoza, Henrique Rodrigues, Helena Parente Cunha e, notadamente, Djamila Ribeiro.

No que consiste mais especificamente a sua atuação como tradutora, em 2005, suas atividades iniciam após encontrar-se com a escritora e militante feminista brasileira Heloneida Studart que a convidou para traduzir seus livros para língua francesa. Paula traduziu, em parceria com a tradutora Ino Riou, os seguintes romances de Heloneida Studart pela Les Allusifs edições: *La cantique de meméia* (2005), *Les huit cahiers* (2005), *Le bourreau* (2007); as obras: *Depuis que la samba est samba* (2014) de Paulo Lins pela editora Asphatte Éditions e a coleção *Le tour du monde* de Flávia Lins e Silva entre 2016 e 2017 pela editora Bayard Jeunesse. Paula já traduziu mais de 50 livros tanto para sua editora como em outras casas editoriais.

No tocante a sua *tradução assumida*, entendendo o termo segundo a conceituação de Toury (1995), que é “aquela em que todos os enunciados são apresentados ou vistos como estando dentro da cultura-alvo” (*apud* TORRES, 2011, p.18), e levando em consideração as questões paratextuais suprarreferidas, nos deteremos à análise do posfácio da tradutora para o livro analisado neste trabalho. O texto do posfácio não tem como cerne questionar sua tradução, tampouco identificar as escolhas de tradução e suas implicações, tem, entretanto, o objetivo de atentar o/a leitor/a francês/a as questões empreendidas por Djamila Ribeiro, de modo a propor uma *autoflexão* sobre o tema em solo francês. Dessa forma, vale evocar Genette ao referir-se ao lugar do elemento paratextual como “lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem ou mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente” (2009, p. 10).

A Éditions Anacaona foi fundada em 2009 pela editora e tradutora Paula Anacaona, o nome “Anacaona” advém de uma homenagem a rainha e guerreira que viveu no Haïti durante o século XV, que se tornou símbolo de resistência contra a colonização, é com base nisso que a escritora adota como nome de sua editora, que simbolicamente vem representar e se apoiar em um ponto de vista decolonial, feminista e antirracista<sup>26</sup>, nome este que substituiu o sobrenome do registro a que, após a criação de sua editora ela passou a assinar, em suas obras autorais e nas traduções, como Paula Anacoana e não mais como Paula Salnot, como assinalava nas obras traduzidas por ela da autora brasileira Studart para o francês entre os anos 2005 e 2007.

---

<sup>26</sup> Disponível em <<<https://www.youtube.co,5m/watch?v=4vKagnvuXZo>>>. Acesso: julho de 2023.

A tradutora acrescenta ainda, “eu achei que era um belo exemplo, uma bela metáfora ao imperialismo no sentido amplo do termo e notadamente e a todos os *best sellers* americanos que podemos encontrar várias estantes das livrarias”(ANACAONA, 2019, s/p). A tradutora endossa que a criação de sua editora veio graças ao seu contato com a literatura brasileira, que foi mediante a essacomunicabilidade que a editora pôde enxergar nos livros brasileiros, seja de cunho filosófico ou literário, discussões de tema políticos urgentes, como é o caso do feminismo negro e da luta hegemônica contra a supremacia eurocêntrica nas epistemologias do sul. Desse modo, Anacaona empenhou-se em dar importância a reflexão contidas nos textos brasileiros pelo viés da tradução, a tradutora prossegue afirmando que em detrimento da escassez de livros brasileiros com essa temática nas livrarias francesas, encontrou nesse modo seu “pequeno nicho”, usando as palavras da tradutora, para que as obras brasileiras *pudessem atravessar o Atlântico Negro*<sup>27</sup>.

Ademais, a editora tem como objetivo estabelecer um liame entre Brasil e França na partilha de discussões centradas na situação socioeconômica, racial e de gênero, que despontaram, nas palavras da tradutora, com “um pequeno projeto de levar obras alternativas às livrarias do seu país” (GUEDES, 2015, s/p.)”. Isto posto, seu trabalho editorial tem como cerne a propagação de autores periféricos, ou seja, dos que compõem o eixo literário que está à margem.

Pensando na incumbência de uma tradução, a partir do lugar do tradutor, ou seja, de Anacaona, observando o que foi sucintamente descrito, nos é propenso afirmar que a tradutora-editora enquadra-se no âmbito das tradutoras afrodiaspóricas. Portanto, antes de desenvolvermos essa reflexão, é importante explicitar ao leitor sobre esse conceito afrodiaspórico, que é uma resposta, uma reação contra o genocídio e a migração forçada dos povos africanos que, submetidos a essa condição pelo projeto colonial, ficaram na iminência de se perderem no caminho e de terem afundado inteiramente no alto mar suas próprias histórias, expressões e, até mesmo, um espaço tempo próprio para habitarem, tudo isso em benefício de um mundo pensado exclusivamente para satisfazer aos anseios do homem branco. Desse modo, o afrodiaspórico surge como a tentativa de ser uma reação moderna a essa condição construída historicamente. A esse respeito, as palavras de Denise Carroca mostram-se bastante elucidativas ao afirmar que:

A noção de ‘afrodiáspora’, portanto, na medida de seus deslocamentos e ressignificações politicamente estratégicas, carrega consigo a força, não apenas espacial do deslocamento territorial em forma de *inter* narrativo (no contraditório

<sup>27</sup> Disponível em <<<https://www.youtube.com/watch?v=4vKagnvuXZo>>>. Acesso: julho de 2023

entre escravidão-liberdade); mas também movimenta o eixo do tempo em chave mítico-cíclica, que faz girar noções lineares e causalistas eurocêntricas de passado e presente que construíram ‘a’ história oficial e legível, articulando paradigmas importantes das contraculturas negras da modernidade. (CARRASCOSA, 2017, p. 64)

É nesse sentido que, ainda segundo Carrascosa: “o tempo-espaço da linguagem é a arena de luta” (*Ibid.*, p. 65) afrodiaspórica, pela qual se expressaria uma força que destituiria e reconstituiria territórios, sem, no entanto, manter alguma relação nostálgica com o “passado mítico africano” (*cf.*, CARRASCOSA, 2017, p.65) e, portanto, buscando projetar-se como uma potência contemporânea, que viria a reelaborar, ou melhor, a fazer justiça ao papel subalterno que foi relegado pela história ocidental aos povos negros. Logo, levando em conta que esse conceito se funda a partir da linguagem, pela linguagem e na linguagem, a tradução interlinguística desponta, levando em consideração que a afrodiásporia é um fenômeno ocorrido em diferentes povos e culturas, como o lugar em que seria possível encontrar uma zona de força onde, outrora desintegrada, viria a, segundo Carrascosa:

[...] ligar os pontos de uma constelação de assinaturas negras fortes que produzem luminescência visibilizadora do Atlântico Negro e que demandam o desenvolvimento de uma escuta atenta para suas produções, que nos soam cada vez mais como uivos noturnos de uma matilha dispersa de corpostenazes que se reclamam e, cada vez mais, desejam encontros que ampliem a sua potência de (re)agir (CARRASCOSA, 2017, p. 67).

A tradução afrodiaspórica, portanto, emana “não como compartimento de sentidos traduzíveis por equivalência” (*Ibid.*, p.69), mas como que “na cena mesma dos atos de fala a depender de suas contingências.” Pois, como bem coloca Carrascosa:

A tarefa desse tradutor se processa, ao mesmo tempo, em a) o sujeito da tradução em sua relação erótica com o texto a traduzir, relação de amor em que o texto literário constitui dimensão de sua própria intimidade e b) a abertura do eu para o outro da cultura, através da linguagem, dimensão coletiva com a qual o tradutor produzirá uma comunidade por vir. Essas duas instâncias fazem acoplar-se o privado e o público de forma a fazer funcionar dentro e o fora do sujeito tradutor a partir de uma dobradiça que me interessa pensar como “função-tradutor” (CARRASCOSA, 2011, p. 69).

Então, é dentro desses objetivos que Paula Anacaona compõe sua tradução do *Pequeno Manual Antirracista*, para fazer aparecer o Atlântico Negro em si, através de sua singularidade e do que Carrascosa compreende como:

[...] agência de sujeitos que, por força de sua intimidade com a dor e a potência subversiva que tais regimes engendram, movimentam um repertório de traços afrodiaspóricos e se deixam afetar amorosamente pelas vozes e textualidades de escritores e escritoras do Atlântico Negro (CARRASCOSA, 2017, p. 73).

Desse modo, nota-se que a preocupação da tradução não é somente tornar mais acessível a obra de Djamilia Ribeiro para a recepção francesa, mas é também de assumir uma

responsabilidade ideológica, de reparação história e de insurreição; cuja tradução pode contribuir ao atuar diretamente na comunicação e na transmissão de conhecimento, por meio da qual seria possível reverter o epistemicídio e vir a fazer ecoar as vozes afrodiáspóricas. É nesse sentido que Carrascosa vai considerar a tradução afrodiáspórica performática, segundo ela: “uma produção performativa da existência”, com vistas a considerar as experiências vividas pelos sujeitos em voga no processo de tradução, buscando assim instaurar uma relação de alteridade com o outro. A esse respeito, Carrascosa elucida:

Tal performance subjetiva produz formas éticas e estéticas de produção de experiência subjetiva neste limite transnacional e translinguístico, potentes para lidar com memórias coletivas traumáticas da escravidão, na medida de uma possibilidade de reescrevê-las no âmbito da vivência pessoal e da memória individual. Nesse sentido, a tradução negra de textos afrodiáspóricos como tradução *escrivivente* pode ser pensada como performance de emancipação pessoal e coletiva (CARRASCOSA, 2017, p.24).

Sendo assim, a tradução de Anacaona tem como objetivo introduzir ao leitor francês o que Carrascosa chama de vetor de força da afrodiásporicidade, ao definir o que compõe a tarefa do tradutor afrodiáspórico:

Para que alguém se possa investir nessa tarefa intensamente mobilizadora, não é difícil entender que precise estar fortemente afetado pelo vetor de forçada afrodiásporicidade em sua experiência subjetiva; seja em seu próprio corpo, que carrega nas cores e nos traços a forma e a força da negritude; seja em seu desejo de uma experiência ética do social, que passe necessariamente pelo diálogo amoroso com um “eu” da cultura que se apresenta como força constitutiva de seu próprio outro. (CARRASCOSA, 2017, p. 72)

Desse modo, notamos que a tradução propõe uma ‘zona limítrofe’ entre o sujeito a traduzir por meio de suas experiências e o movimento de luta racial e feminista que emana nas comunidades afro-diaspóricas.

### 3.3 FRANÇOISE VERGÈS, FEMINISMOS EM PARATRADUÇÕES DECOLONIAIS.

Como contruímos o silêncio?

Do que ele é feito?

O que ele constrói?

Françoise Vergès

É de muita relevância a voz presente da pensadora Françoise Vergès na composição do prefácio de *Petit manuel antirraciste et féministe* e isso fica evidente, também, na página de apresentação da obra encontrada no site da editora Éditions Anacaona, que enfatiza este

paratexto: “Uma especificidade dessa versão francesa! Françoise Vergès (autora do notável *Um feminismo decolonial*)”<sup>28</sup>. Do mesmo modo, como ênfase dada a participação da filósofa na atribuição de prefaciadora do PMA na edição francesa. É possível encontrar tal prefácio na íntegra no site da editora.

Então, nesse momento buscaremos apresentar a filósofa, Françoise Vergès; a escritora nasceu em 1952, em Paris, é politóloga, historiadora e militante feminista francesa reconhecida mundialmente. Vergès provém de uma família com grande reputação na Ilha da Reunião (La Réunion), que é um departamento francês ultramarino, alguns membros da família Vergès eram bastante conhecidos, sobretudo nas causas políticas e sociais. Ainda durante sua infância, a escritora foi apresentada ao comunismo e ao feminismo. Seu pai foi um dos fundadores do Partido Comunista da Reunião e por conflitos políticos teve de se exilar entre os anos de 1964 a 1966. Durante sua adolescência ao ingressar no ensino médio, Françoise Vergès deixa a ilha para ir fazer seu bacharelado na Argélia aos 16 anos (*cf.*, VÈRGES, 2020, s/p).

Logo após seu exame do ensino médio, o Baccalauréat<sup>29</sup>, Françoise Vergès acaba chegando à França onde vive em comunidade com trabalhadores e trabalhadoras da Reunião, Índias Ocidentais e França. Na oportunidade, a escritora participou como integrante dos movimentos feministas vigentes na época. No entanto, no início dos anos 80, a convite de uma amiga e também motivada pela falta de emprego, Vergès foi aos Estados Unidos, onde viveu por praticamente 13 anos (*cf.*, VÈRGES, 2020, s/p)<sup>30</sup>. Lá, a escritora deu início aos seus estudos e compôs grande parte de sua formação acadêmica, formando-se como cientista política e historiadora, especialista em estudos pós-coloniais, possuindo graduação em Ciências Políticas e Estudos Feministas na San Diego State University (1989) e PhD em teoria política pela Berkeley University of California (1995).

Assim, durante sua vida acadêmica se dedicou e se debruçou sobre as questões voltadas ao abolicionismo, à psiquiatria colonial e pós-colonial, à memória da escravidão, aos processos de creolização no oceano Índico e às novas formas de colonização e de racialização. Françoise Vergès tem bastante protagonismo no pensamento e na defesa de um feminismo antipatriarcal, anticolonial e anticapitalista, buscando assim fazer do feminismo negro uma

<sup>28</sup> Texto original: Une spécificité à cette version française! Françoise Vergès (autrice du remarquable *Un féminisme décolonial*).

<sup>29</sup> O baccalauréat permite o acesso ao ensino superior na França, exame feito pelos estudantes ao final do ensino médio (como o Enem no Brasil).

<sup>30</sup> Disponível em: <https://la1ere.francetvinfo.fr/francoise-verges-pour-moi-c-etait-une-chance-de-porter-ce-nom-maparole-901198.html>. Acesso: julho de 2023.

teoria radical contra essa ordem hegemônica vigente. Vergès tem como sua obra de maior importância *Um feminismo decolonial*, publicado no Brasil em 2020, pela Ubu editora, com tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. Nesta obra a autora propõe uma discussão centrada nos vínculos entre patriarcado, racismo, colonialismo e capitalismo.

A escritora apresenta um vasto número de publicações, entre seus principais escritos estão: *Monstros e Revolucionários. Romance familiar colonial e métissage* (1999), *Abolir a escravidão: uma utopia colonial: as ambigüidades de uma política humanitária* (2001), *Raízes e rotas da unidade reunionesa* (2003), *Negro eu sou, Negro eu permanecerei* (2005) - entrevistas com Aimé Césaire, de quem Françoise Vergès e sua família eram bem próximos - *A República Colonial. Ensaio sobre uma utopia* (2006), *Memória acorrentada: questões sobre a escravidão* (2006), *De Escravo a Cidadão* (2006), *A Colonização francesa* (2007), *Negro, negreiro, tráfico de negros* (2007), *O mundo indioceânico, séculos V-XV* (2009), *Rupturas postcoloniais* (2010), *O homem predador* (2011), *O ventre das mulheres* (2017), *Decolonizemos as artes* (2018), *Um feminismo decolonial* (2019), *Uma teoria feminista da violência* (2020), *Da violência colonial no espaço público* (2021), *Programa de desordem absoluta: decolonizar o museu* (2023).

Françoise Vergès foi editora no jornal *Des femmes en mouvement* entre os anos de 1979 a 1983, editou a coletânea “Mulheres em luta de todos os países”, publicada pela *Des femmes*, de 1981 a 1983, importante revista feminista fundada em Paris pela ativista Antoinette Fouque. Entre os anos de 2009 a 2012, presidiu o comitê nacional francês de preservação da memória e da história da escravidão. Entre 2014 e 2018, foi titular do programa *Global South(s) no Collège d'études mondiales da Fondation Maison des Sciences de l'Homme*. Em 2013 organizou uma exposição no museu do Louvre, Paris, chamada *O escravo no Louvre: uma humanidade invisível*, entre outras discussões a exposição era voltada para a mesma temática, a escravidão.

Como dito de modo resumido anteriormente, Vergès tem como cerne de sua discussão o movimento de descolonização e a relação dada entre o feminismo e o ‘feminismo decolonial’, em detrimento do desconhecimento do que se está em evidência na história colonial e racial negra frente à constituição dos pensamentos e dos valores feministas contemporâneos.

Em 20 de novembro de 2019, alguns meses após o lançamento da primeira edição de *Petit Manuel Antiraciste et féministe*, a escritora participou de um encontro juntamente com a editora e tradutora Paula Anacaona, Djamilia Ribeiro, Joice Berth e Gerty Dambury, organizado pela Autres Brésils (Associação criada em 2002 com o intuito de disseminar a cultura brasileira na França) e pela Éditions Anacaona, no Centro Internacional de Cultura Popular (CICP), em

Paris. Por conseguinte, como justificativa da obra de Djamila Ribeiro ter sido prefaciada por Vergès, a Éditions Anacaona ratifica da seguinte maneira:

Procurando construir pontes entre nossas lutas dos dois lados do Atlântico, o que seria melhor do que aproximar o corpo intelectual sobre esse tema do lado brasileiro e do lado francês? Além do prefácio, Françoise Vergès nos aconselhou grandemente a redigir uma bibliografia francesa. Para um feminismo verdadeiramente transnacional que se enriquece de todas as reflexões<sup>31</sup> (ANACAONA, 2020, s/p).<sup>31</sup>

Antes de avançarmos, retomemos rapidamente ao conceito de paratexto chamado tradicionalmente de prefácio. Designado por Genette, prefácio seria, então, de forma geral, o texto que viria antes ou depois do texto principal e que teria, por sua vez, uma diversidade de terminologia, pois, como explica o autor, o prefácio: “tem por função principal garantir ao texto uma boa leitura” (*Ibid.*, p. 176), “consiste em situar o texto apresentado no conjunto da obra do seu autor” (*Ibid.*, p. 235), além de servir a questões mais práticas, tais como, declaração de intenção, indicações de contexto e ordem de leitura. No entanto, a função elementar para nossa discussão é a de recomendação que, segundo Genette, é dada por um escritor mais consagrado, ou melhor, “se for uma tradução, um autor mais conhecido no país importador” (*Ibid.*, p.236). No tocante a esta última atribuição dada ao prefaciador, podemos claramente relacioná-la ao lugar que ocupa Vergès no *Petit manuel antiraciste et féministe*. É de extrema relevância salientar que, o prefácio de Vergès ocupa, na edição francesa, este lugar de destaque.

Em seu prefácio intitulado “*Pour une pédagogie féministe et antiraciste*”, a autora discorre explicitamente a respeito da importância da obra de Ribeiro em resposta a questões pragmáticas perante o racismo, dando destaque ao formato de manual proposto pela escritora e sua eficácia em relação a implicações inerentes ao racismo. Vergès justifica a pertinência dada ao *Pequeno manual*, enfatizando a ausência de textos nesse formato em solo francês, considerando a existência anterior de textos similares que, entretanto, eram restritos a determinados grupos:

Na França, tais manuais existiram, mas o retorno de um racismo viral defendido pelo mais alto nível de dirigentes políticos, de jornalistas, de intelectuais, ou então a negação do racismo por trás de um ‘eu não sou racista’, tornam urgente a publicação desse tipo de manual.<sup>32</sup> (VERGÈS, 2020, s/p).

---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.anacaona.fr/boutique/petit-manuel-antiraciste-et-feministe/>. Acesso em 5 de janeiro de 2023.

Texto original: Cherchant à construire des ponts entre nos luttes des deux côtés de l’Atlantique, quoi de mieux que de rassembler le corpus intellectuel sur ce thème côté brésilien et côté français? En plus de la préface, Françoise Vergès nous a grandement conseillé pour rédiger une bibliographie française. Pour un féminisme véritablement transnational, qui s’enrichit de toutes les réflexions

<sup>32</sup> Texto original: En France, de tels manuels ont existé mais le retour d’un racisme virulent défendu au plus haut niveau de dirigeants politiques, de journalistes, d’intellectuel.le.s, ou bien le déni du racisme derrière un « je suis pas raciste », rendent pressante la publication de ce genre de manuel.

Um outro indicativo apontado por Vergès mediante a publicação do *Petit manuel antiraciste et féministe*, seria o incentivo a publicações de manuais semelhantes na França, a autora enfatiza o seguinte:

A publicação do *Pequeno manual* de Djamila Ribeiro encoraja a publicação de manuais semelhantes na França, que levam a história de seu império colonial, mas também seu imperialismo, racismo e neocolonialismo atuais<sup>33</sup> (VERGÈS, 2020, s/p).

Sendo assim, fazendo jus ao reconhecimento do lugar privilegiado de prefaciadora, e estabelecendo uma relação entre escritora e público-leitor, Vergès aponta a inter-relação entre os seus pensamentos e os de Ribeiro, essencialmente no que diz respeito ao pensamento decolonizado e ao liame com a discussão antirracista empreendida pela teórica brasileira. A escritora adiciona assim duas notas de rodapé em seu prefácio, as duas de caráter explicativo e informativo, mas que também evidenciam um maior envolvimento por parte da pensadora.

---

<sup>33</sup> Texto original: La publication de ce *Petit manuel* de Djamila Ribeiro encourage la publication de manuels similaires en France, qui tiennent compte de l'histoire de son empire colonial, mais aussi de son impérialisme, racisme et néocolonialisme présents.

#### 4. PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA: REFLEXÕES ENTRE LÍNGUAS

Sabemos que é o paratexto o que materializa o texto, transformando-o em coisa concreta no mundo, tangível. É também nesse momento que o autor acaba dividindo a responsabilidade sobre a obra com o editor, que, inclusive, muitas vezes é quem fará as determinações. Essa divisão de trabalho e as decisões a serem tomadas são motivadas pelo público, pelo tempo e pelo espaço em que o texto se lança, imprimindo assim em todo paratexto um caráter extremamente ideológico, fazendo com que os caracteres sejam já carregados de intenções que visam determinada recepção, o que por si quer dizer que não só uma definição anterior dessa recepção foi assumida, como também significa que, no fundo, quem dita o encaminhamento do texto, os objetivos e os caminhos a serem seguidos pela obra traduzida é, de fato, a recepção.

Como bem distingue Genette (2009, p. 16), não é à toa que, por exemplo, há paratexto que se dirige mais ao público em geral, outros aos leitores do texto, outros aos críticos e outros aos livreiros. O paratexto se funda para servir ao texto, mas isso não acontece de modo impune, pois novos significados e direcionamentos são agregados a ele, prossegue Genette afirmando que,

Contudo esse texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para *apresentá-lo*, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para *torná-lo presente*, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro (GENETTE, 2009, p. 9 - *grifos do autor*).

É tendo isso em vista que buscaremos nos elementos paratextuais – capa, folhade rosto, prefácio, notas de rodapé, posfácio, entrevistas e palestras – do livro *Pequeno Manual Antirracista*, traduzido e editado por Anacaona, o que de imediato expõe uma verticalidade nas decisões editoriais da obra em francês, ainda mais se considerarmos que a tradução é uma nova autoria.

Além de tudo que fora suscitado, o livro também contém vários elementos que visam discutir mais a respeito do processo de tradução da obra, para os quais, em 2004, foi criado o conceito de paratradução, por Yuste Frías, que o define da seguinte maneira:

Geralmente, sua função é de informar sobre as atividades do processo tradutório, sobre o que elas representam no sistema literário de chegada e sobre o que concerne a natureza subjetiva do tradutor, as relações de poderes a partir da filosofia, das

correntes teóricas, da antropologia que estão entrelaçadas na difusão e na recepção das traduções (SALES, 2014, p. 56).

Ao bojo desse trabalho toca ainda questões relacionadas às particularidades da recepção que, no nosso caso, pertence ao solo francês, lugar em que a tradução da obra se lançou. Assim, é preciso anotar que essa relação, historicamente, se faz pela colonização, desvelando dela os papéis que foram atribuídos aos sujeitos, seu modo de operação, para que o Atlântico Negro, de onde provém, inclusive, o pensamento de Djamila e a tradução de Anacaona, possa propor verdadeiramente um outro horizonte, onde as palavras outrora amordaçadas, possam agora expressar o turbilhão de sentidos que estão em jogo nessa travessia, conforme Carrascosa:

Se entendemos que os enunciados e discursos produzidos pelos textos da diáspora negra performam uma comunicabilidade de experiências entre seus diversos pontos, a tradutora negra funciona como aquela pessoa que traz consigo a possibilidade de enxergar, sentir, pensar a diferença intercultural dessas experiências exatamente ali onde superam as barreiras linguísticas, em pontos de conectividade inscritos nos corpos e subjetividades de quem as traduz. (CARRASCOSA, 2017, p. 27)

Assim, a tradução decolonial nos dará o arcabouço para analisarmos a tradução para além de uma questão puramente semiótica, percebendo-a também como fruto ideológico, para que seja possível expor de que modo esse sistema opressivo recebe essa desestruturação, assim como quais são os processos para que essa desestrutura se mantenha em solo francês. Dito isso, partir desses pontos dará espessura a nossa análise, circunscrevendo-a numa posição em que será possível fazer algumas conjecturas em torno de determinadas decisões tomadas pela Anacaona.

#### 4.1 POR UMA CRÍTICA PRODUTIVA DO PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA

Publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 2019, o *Pequeno manual antirracista* de Djamila Ribeiro adentra, com a tradução de Paula Anacaona, em solo francês em maio do ano seguinte, pela Éditions Anacaona, tendo, em 2021, uma segunda edição do livro pela mesma editora.

Nossa análise se constituirá de, no primeiro momento, tratar das questões concernentes aos elementos paratextuais da obra, tais como: prefácio, notas, referências bibliográficas, capa, título da obra, nome da autora, da editora e da coleção; contracapa, folha de rosto, ficha catalográfica, sumário; em resumo, como afirma Torres (2011), trataremos dos componentes morfológicos da obra.

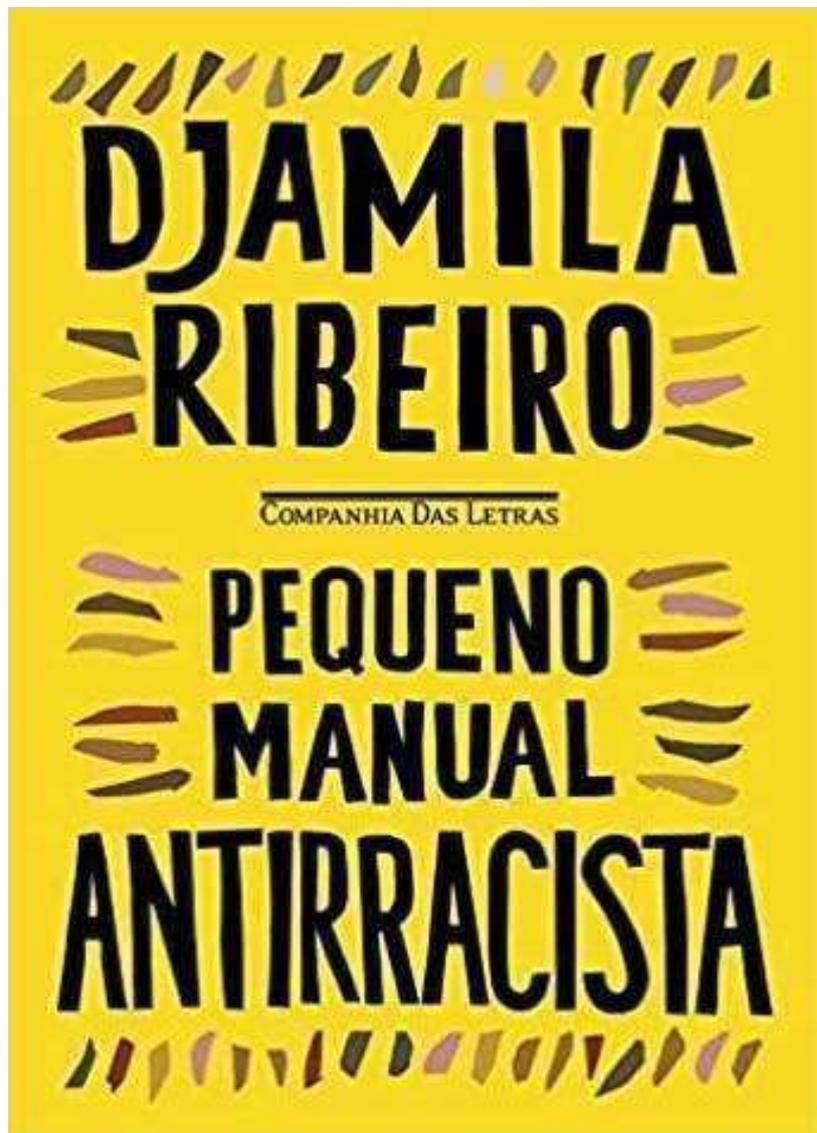
A nível de ilustração com o material que trabalharemos, segue nas capas uma parte desses componentes:

**Figura 3: Capa da edição francesa**



**Fonte:** Éditions Anacaona, 2020

**Figura 4: Capa da edição brasileira**



**Fonte:** Companhia das letras, 2019

No que consiste a capa, podemos notar a inserção de novos elementos tanto iconográficos como textuais - referente ao elemento adicionado ao título, et *fémíniste*, faremos uma análise minuciosa posteriormente - ambas edições trazem o nome da autora, todavia, na edição brasileira o nome da autora é apresentado em letras garrafais na parte superior da capa, sendo a primeira informação textual dada ao leitor. Em sua tradução, para além da autoria, consta também a fotografia em preto e branco da autora, disposta ao centro e ocupando um espaço de prestígio na capa, o que proporciona ao público uma concepção prévia de que se trata de um livro escrito por uma mulher negra. Abaixo da fotografia temos letras cursivas e pequenas com o nome de Djamila Ribeiro, e, subsequentemente, encontra-se grafada a informação com

o nome da autora do prefácio. Na contracapa, temos informações biográficas sobre a autora e a reiteração do prefácio, de Françoise Vèrges, com a citação de um trecho. É adicionada também a menção feita pelo jornal *Carta Capital* sobre a obra.

É apenas na folha de rosto da edição francesa que o público terá conhecimento da tradutora, Paula Anacaona, podemos constatar com isso que se trata de uma tradução assumida (*cf.*, TORRES, 2011, p.17), apesar dessa informação não ser dada ao público desde seu primeiro contato com a obra, que se dá pela capa. A esse respeito, faz-se necessário colocarmos algumas questões quanto ao lugar da tradutora, que nesse caso em particular, é tradutora e também dona da *Éditions Anacaona*, ou seja, possui uma dupla responsabilidade na recepção do PMA, o que nos leva a mensurar que teria então maior poder de decisão, notadamente ao que compete aos elementos ligados a edição da obra. Segundo Genette (2009), na zona do peritexto editorial na qual a capa se insere, as decisões de quais elementos devem ser inseridos ou apagados é de responsabilidade do editor, sendo assim, se tratando da *Éditions Anacaona*, está sob a incumbência de Paula Anacaona. Entretanto, como vimos, são os nomes de Françoise Vèrges como prefaciadora da obra e de Djamilia Ribeiro que ganham notoriedade e espaço na capa.

Ao consultar o catálogo da editora<sup>34</sup> para ter acesso às obras traduzidas por Anacaona, nota-se que existe um padrão editorial, cuja tradução é assumida apenas na folha de rosto das obras apresentadas pela editora. Essa decisão nos traz inquietações diante da análise do *Pequeno Manual Antirracista*, não apenas pelo poder que Anacaona concentra sobre a apresentação e, conseqüentemente, sobre a recepção da obra, mas sobretudo pela proposta ideológica defendida pela tradutora/editora. Outro aspecto a ser mencionado é a referência à cultura de origem, que não aparece na primeira capa da edição francesa de 2020, mas somente na folha de rosto, que é acompanhada pela nota “*Traduit du brésilien par Paula Anacaona*”, optando assim por considerar o próprio território do texto de partida, que não mais está atrelado a Europa, em particular a Portugal (*cf.*, TORRES, 2011, p.26), como efeito disso, omitindo que a língua de partida é o idioma português.

Na ficha catalográfica obteremos as informações no que consiste as menções legais da edição (GENETTE, 2009, p. 34), foi a partir desses elementos que nos foi possível identificar o número de edições do *Petit Manuel Antiraciste et féministe*, a segunda por sua vez com tradução nos moldes da escrita inclusiva, como podemos observar:

---

<sup>34</sup> <https://www.anacaona.fr/wp-content/uploads/Catalogue-hiver-2022-Anacaona.pdf> . Acesso: julho de 2023

**Figura 5: Ficha catalográfica 2ª edição**

Titre original : *Pequeno Manual antirracista* ©2019, Editora

© 2021, Editions Anacaona pour la traduction française en écriture inclusive.

Photo de couverture : © Lucas Lima

ISBN : 978-2-490297-06-1

**Fonte:** Éditions Anacaona, 2020

Para uma melhor visualização da composição da edição do *Pequeno Manual Antirracista* (2019) e de sua edição francesa, *Petit Manuel Antiraciste et Féministe* (2020), mediante os pontos em discussão concernentes aos elementos paratextuais, temos o seguinte quadro:

Quadro 1- Índice no texto de partida e na tradução na ordem que são apresentados

Pequeno manual antirracista (2019) Companhia das letras	Petit manuel antiraciste et féministe (2020;2021) Éditions Anacaona
Sumário	Table des matières
Ø	Prefácio de Françoise Vergès
Introdução	Introduction
Informe-se sobre o racismo	Informez-vous sur le racisme
Enxergue a negritude	Regardez la négritude en face
Reconheça os privilégios da branquitude	Reconnaissez les privilèges de la blancheur
Perceba o racismo internalizado em você	Percevez le racisme internalisé en chacun
Apoie políticas educacionais afirmativas	Soutenez les politiques éducatives affirmatives

Transforme seu ambiente de trabalho	Transformez votre environnement de travail
Leia autores negros	Lisez des auteur·e·s noir·e·s.
Questione a cultura que você consome	Questionnez la culture que vous consommez
Conheça seus desejos e afetos	Connaissez vos désirs et affects.
Combata a violência racial	Combattez la violence raciale.
Sejamos todos antirracistas	Soyons tous antiracistes
Referências bibliográficas	Références bibliographiques de Djamilia Ribeiro ( <i>na tradução esse é o último tópico do livro</i> )
Sobre a autora	Sur l'autrice
Sobre os autores negros citados	Sur les auteur·e·s noir·e·s cité·e·s
Créditos	Ø
Ø	Et en France?
Ø	Les mouvements et collectifs, Les essais, Les documentaires, La fiction. ( <i>Referências bibliográficas concedidas por Paula Anacaona e Françoise Vèrges</i> )

Dando seguimento a nossa análise, nos debruçaremos sobre os elementos peritextuais e/ou discurso de acompanhamento. Vale salientar que nos deteremos apenas nas notas inseridas pela tradutora, com a pretensão de apontar os caminhos e decisões tomadas em seu processo tradutório. As notas de rodapé no processo tradutório além de fornecerem informações sobre o conteúdo do texto, elas servem também ao tradutor como ferramenta, na maioria dos casos, essencial para expor os jogos e as decisões linguísticas tomadas na transposição de uma língua a outra e para propor soluções no decorrer do processo de tradução de um texto.

No tocante às notas, Genette (2009) distingue-as de acordo com a autoria delas, as que mais são de nosso interesse são classificadas pelo teórico como *autorais* ou *alógrafas*. A primeira, como o nome sugere, são as notas do próprio autor do texto; a segunda, são as notas produzidas pelos tradutores. Genette distingue-as da seguinte maneira: “Alógrafas autênticas, todas as notas de editores nas edições mais ou menos críticas, ou as notas de tradutores” (GENETTE, 2009, p. 284). Contudo, quanto às escolhas e interferências paratextuais na

tradução do texto fonte, convém estritamente as decisões do corpo editorial, como assegura Santos,

Contudo, a escolha pela correção do texto-fonte, ou então a indicação do ocorrido em nota de rodapé, parte do projeto tradutório de cada um, em diálogo com os editores, os quais são parcialmente responsáveis pela concessão desse espaço periférico privilegiado que constitui a nota de rodapé. (SANTOS, 2019, p.170)

Ao referir-se sobre o uso de notas, Paula afirma que as insere quando *sente* a necessidade de acordo com a cultura de chegada, quanto ao critério do uso de notas a tradutora faz a seguinte afirmação,

Eu não estabeleci critérios antes de começar, quando achava que o francês não ia entender, perceber a emoção, a situação, eu pensava na nota de rodapé. E depois, acho que apaguei uma ou duas. Eu não planejo muito, faço as coisas quando chegam. Tem gente que 61 pensa muito antes e que depois, quando faz, já faz direto. Eu faço muito rápido e depois eu volto, às vezes mudo algumas coisas. (AJALA, 2013, p.60)

Ademais, como já temos conhecimento, Paula Anacaoana assume em suas traduções uma dupla responsabilidade, o que reverbera prontamente em suas escolhas, tendo em vista que no âmbito paratextual nem sempre as escolhas são feitas pelo tradutor, como, por exemplo, a disposição na qual serão inseridas suas notas ou até mesmo se estas serão inseridas na edição da obra. Com isso, parece-nos ser possível afirmar, em nosso caso, que a tradutora e editora tem total autonomia em suas escolhas frente ao texto de partida, tanto nas deliberações incumbidas à triagem editorial, com tarefa de apresentar o texto de partida e de torná-lo presente na cultura de chegada.

A obra traduzida do *Pequeno Manual Antirracista* apresenta trinta e seis notas que são de autoria da tradutora, todavia, apenas doze dentre elas estão sinalizadas coma indicação *N.d.T.* (nota do tradutor/a). O que pode dar a entender ao leitor que a maioria das notas apresentadas no texto são da própria autora da obra, Djamila Ribeiro.

Outra importante observação a se fazer é que as notas de Ribeiro são deslocadas do apêndice, na obra original, para o corpo do texto traduzido como notas de rodapé. Acompanhando-as, há as notas da tradutora que, por falta de identificação, impossibilitam de diversas maneiras, ao leitor, de poder fazer distinção entre as notas da escritora e as da tradutora. Acrescentamos ainda que todas as trinta e seis notas da tradutora, sejam elas com indicação de autoria ou não, apresentam um caráter informativo e explicativo; ora para contextualizar o leitor sobre questões sociais ou históricas; ora para ofertar ao leitor referências bibliográficas sobre o tema abordado no texto, como veremos logo no decorrer de nossa reflexão. Essas inserções, remoções ou deslocamentos feitos por Anacaona nos são

significativos na medida em que viabilizam a compreensão sobre a tradução, e, naturalmente, de sua recepção.

No que se refere a sua função, as doze notas assinaladas por Anacaona tem como finalidade dar ao leitor informações elucidativas de cunho histórico, social e cultural pertencentes à nacionalidade da autora. Também se faz importante destacar que não há nenhuma nota explicativa quanto às escolhas linguísticas feitas pela tradutora. Vejamos como exemplo a nota explicativa para definir a palavra quilombo, na página 11: “Antigo campo de escravos fugitivos”<sup>35</sup>. Essa nota também possui proximidade com a nota da página 67, na qual a tradutora explicita que:

No Brasil, o turbante carrega todo um significado para o movimento negro, como valorização da estética e da cultura dos antepassados. Do ponto de vista político, simboliza a resistência cultural dos descendentes de africanos e africanas escravizados e escravizadas no Brasil. Por fim, ele desempenha um papel importante nos cultos de origem africana, como o candomblé.<sup>36</sup>

Em outro momento é dado ao leitor uma informação referente ao contexto político e social, em que claramente temos a *mão* e opinião pessoal da tradutora, a saber, a nota da página 45:

As escolas públicas no Brasil têm um nível muito inferior comparado com o de escolas particulares, e assim se preparam muito mal para os vestibulares das melhores universidades, que são públicas. Resumindo, *não há lógica, você tem de ir a uma escola de ensino fundamental e médio privada para depois acessar ao ensino superior público.*<sup>37</sup> (grifo nosso)

Quanto às notas não assinaladas pela tradutora, será crucial dar atenção a uma análise voltada para a paratradução, tendo em vista o que Sales define: “A paratradução tem como objetivo principal trazer informações sobre o conteúdo da tradução, geralmente apresentando a natureza subjetiva do trabalho tradutório” (p. 56).

Nos casos em que iremos analisar, a tradutora não se reserva somente a acrescentar ou subtrair algum elemento paratextual, mas ela modifica e realoca informações inseridas no texto, deslocando assim partes do texto para a nota de rodapé, configurando dessa forma uma paratradução. Este movimento demonstra uma certa tensão na recepção do PMA, pois, na

---

<sup>35</sup> Texto original: Camp d’anciens esclavagisés fugitifs.

<sup>36</sup> Texto original: Au Brésil, le turban revêt toute une signification pour le mouvement Noir, comme mise en valeur de l’esthétique et de la culture des ancêtres. D’un point de vue politique, il symbolise la résistance culturelle des descendants d’Africains esclavagisés du Brésil. Enfin, il joue un rôle important dans les cultes d’origine africaine comme le candomblé.

<sup>37</sup> Texto original: Les écoles publiques au Brésil sont d’un niveau nettement inférieur aux écoles privées, et préparent très mal aux concours d’entrée aux meilleures universités, qui, elles, sont publiques. En bref, cherchez la logique, il faut aller dans une école primaire et secondaire privée pour accéder ensuite à l’enseignement supérieur public. (N.d.T.)

ocasião, a tradutora opta por transferir o foco da informação contida no texto de partida, para uma outra instância no texto, informação essa que corre o risco de ser extraviada pelo leitor.

Tomamos como exemplo as seguintes notas:

Quadro 2- Elementos de paratradução

	<b>Texto de partida - corpo do texto</b>	<b>Texto de chegada – nota de rodapé</b>
Exemplo 1	Um bom exemplo dessa atitude está numa pesquisa do Datafolha realizada em 1995, que mostrou que 89% dos brasileiros admitiam existir preconceito de cor no Brasil, mas 90% se identificavam como não racistas. <i>Na época, a pesquisa foi considerada a maior sobre o tema, entrevistando 5081 pessoas maiores de dezesseis anos, em 121 cidades, de todas as unidades da federação. (p. 21)</i>	À l'époque, cette enquête avait été considérée comme la plus importante sur le thème: 5081 personnes de plus de seize ans avaient été interrogées, dans 121 villes, réparties dans toutes les régions du pays. (p.22)
Exemplo 2	A relevância da obra está em romper com uma tradição que legitimava o racismo científico – teorias biologizantes formuladas no século XIX que preconizavam uma suposta inferioridade natural do negro como forma de justificar a escravidão nas Américas -, <i>tal como apresentado nas obras de Nina Rodrigues, por exemplo. (p.21)</i>	Il est vrai que cette oeuvre s'inscrivait à sa sortie (1933) dans une rupture avec le racisme scientifique – théories biologisantes formulées au XX <sup>e</sup> siècle et affirmant la supposée infériorité naturelle du Noir, afin de justifier l'esclavage aux Amériques. (p.21)
Exemplo 3	O primeiro exemplo, <i>Tião Macalé, foi um personagem do conhecido programa humorístico Os Trapalhões, interpretado pelo ator negro Augusto Temístocles da Silva Costa. Macalé era retratado sem</i>	Personnage du programme humoristique Os Trapalhões (diffusé du milieu des années 1960 jusqu'aux années 1990), interprété par l'acteur noir Augusto Temístocles da Silva Costa. (p.71)

	a maioria dos dentes, pois a feiura do personagem seria responsável pelo efeito cômico, Segundo Moreira. Mais recentemente Adelaide, personagem do programa Zorra Total interpretado pelo ator Rodrigo Sant'Anna, seguia o mesmo modelo cômico de Macalé. (p. 74)	
Exemplo 4	(Ausente no texto de partida)	Pour plus d'informations sur ce sujet, lire Rodney William. L'appropriation culturelle. Paris: éditions Anacaona, 2020. (p.68)
Exemplo 5	(Ausente no texto de partida)	Gilberto Freyre. Maîtres et esclaves : la formation de la société brésilienne. Paris: Gallimard, 1952. (p.20)
Exemplo 6	(Ausente no texto de partida)	Instituto Terra, trabalho e cidadania. Mulheres em Prisão: Enfrentando a (in)visibilidade das mulheres submetidas à justiça criminal, 2019. (p.91)

Nos casos das notas de rodapé aludidas acima – exemplos 1, 2 e 3 -, apontam nitidamente para uma ruptura com o texto original, pois por meio da remoção de certo enxerto do texto, ele passa a ser um paratexto com caráter informativo. Já nos exemplos 4, 5 e 6, nos deparamos com informações acrescidas pela tradutora, com o intuito de dar ao leitor francófono mais um suporte referencial sobre o tema em discussão, contextualizando-o sobre as questões empreendidas por Ribeiro, com intuito assim de despertar interesse pelo pensamento de autores e autoras negras, preocupação essa que foi permanente na tradução de Anacaona, como foi possível constatar nas notas citadas, assim como no posfácio, nas referências bibliográficas organizadas em conjunto com Vèrges e em suas entrevistas essa preocupação se torna incidente.

O posfácio da tradutora, por sua vez, não tem sua autoria assinalada no texto, não foi possível encontrar nenhum registro de seu nome. Todavia, ocupando o lugar de tradutora/editora, seu texto busca incitar a reflexão do tema a começar pelo título *Et en France?*

A tradutora faz a seguinte exortação: “Não trata-se somente de olhar para os outros países. *Na França também, sejamos antirracistas e feministas!* E isso começa em nossas bibliotecas, em nossas telas, etc.” (ANACAONA, 2019, p. 111, *grifo nosso*)<sup>38</sup> Um outro aspecto atrelado ao posfácio da tradutora é o de propagação de outros autores que tratam do mesmo tema, dando assim um aparato bibliográfico ao leitor acerca da temática. Desse modo, o posfácio da tradutora cumpre concomitantemente o papel de prefácio-manifesto como prevê Genette, que, “pode, enfim, militar a favor de uma causa mais ampla do que a de um gênero literário.” (2009, p.202). Abramos parênteses para explicitar a definição empregada por Genette a tudo que diz respeito ao prefácio, o autor adota a ideia de que o prefácio é “TODA ESPÉCIE de texto liminar (preliminar ou pós-liminar) que consiste num discurso a propósito do texto que segue ou que antecede” (*Ibid.*, p. 145), e por conseguinte “o posfácio será considerado uma variedade de prefácio” (*Ibid.*, p.145).

Eis então o fundamento pelo qual atrelamos o conceito de prefácio–manifesto à análise da apresentação do posfácio de Paula Anacaona.

Como mencionado anteriormente, outro elemento que destacamos na obra é no que consiste o elemento paratextual título. Isto posto, pretendemos analisar a alteração de *Pequeno Manual Antirracista* para *Petit Manuel Antiraciste et Féministe*, o quanto esse acréscimo visa seduzir outro público alvo, e assim assume uma recepção. No entanto, antes, devemos definir que título é, segundo Genette, “conjunto de signos linguísticos [...] que podem figurar na abertura de um texto para designá-lo, para indicar seu conteúdo global e para atrair o público visado.” (GENETTE, 2009, p. 73). A partir disso, o autor esclarece que um título pode indicar também uma forma (Odes, Elegias, Sonetos) e até mesmo aparecer junto com o conteúdo. Assim, o autor acaba propondo abrir espaço na segunda função, dividindo-a em título temático, título remático ou genérico e ainda misto.

Ainda tendo como base Genette, um título pode se dar de diferentes modos, podendo, inclusive, escapar do desejo e da decisão do próprio autor (*cf.*, GENETTE, 2009, p. 60), o que não foi o caso de Djamila Ribeiro:

Já a tradução francesa da obra leva o nome de *Pequeno Manual Antirracista e Feminista* (2021). *A editora francesa, Paula Anacaona, já tinha previsto o alcance emancipatório do gênero na obra e o incluiu ao título.* Na minha opinião, esta foi uma decisão acertada: sou uma escritora feminista negra e esta perspectiva está presente no texto. O meu olhar surge da encruzilhada de opressões que posicionam grupos sociais femininos num lugar comum de falta de oportunidades e destinos impostos (RIBEIRO, 2022, s/p – *grifo nosso*).

---

<sup>38</sup> Texto original: Il ne s’agit pas seulement de regarder les autres pays. En France aussi, soyons antiracistes et féministe! Et cela commence dans nos bibliothèques, sur nos écrans, etc.

Um título pode até mesmo ser modificado postumamente, na posteridade, conforme o fluxo da recepção. Evidenciamos esses dois modos para expor que intitular se faz na relação entre autor, editor (edição) e público, o acréscimo *et féministe* no final do *Pequeno Manual Antirracista* mobiliza justamente essa tríade.

Enfatizamos, no entanto, segundo Genette: “É que o principal agente da mudança do título talvez não seja nem o autor, nem mesmo o editor, mas o público, e mais precisamente o público póstumo, ainda e muito bem denominado a posteridade.” (GENETTE, 2009, p. 68)

A partir do que foi elencado, pretendemos pensar nesse público que agiu, através do acréscimo feito pela edição e da complacência de Ribeiro, na mudança de título conferida na tradução. Além disso, com relação ainda ao título, é importante pontuar que, no livro em português, a palavra *antirracista* aparece na capa do livro em uma fonte maior, já no francês o título possui o mesmo tamanho em todas as palavras. Antes o que dava ênfase ao título temático (antirracista), em detrimento do título remático (pequeno manual), acabou, na tradução francesa, tirando essa posição de destaque da palavra antirracista, como também foi adicionado um segundo tema que, em todo livro, só possui protagonismo – mesmo assim inseparável da negritude – em um capítulo de doze, que é no tópico: *Conheça Seu Desejo e Afeto*.

Considerando também que a palavra feminismo, durante o texto, aparece três vezes, e antirracismo vinte e uma. Desse modo, se um manual tem o objetivo de descrever e ensinar o “passo a passo” para executar ou realizar corretamente determinada ação, desse modo podemos considerar que o segundo tema adicionado acaba não se cumprindo na forma, no título remático: “*Pequeno Manual*”. A admissão de Ribeiro ao título em francês não muda nada disso, muito menos sua justificativa de ser uma “escritora negra”.

Se faz preciso pensar que público é esse da tradução e o que agrega na recepção esse acréscimo, mesmo tendo ele uma clara dissonância com o título remático. Em uma entrevista, Djamila Ribeiro diz, respondendo sobre o que pensava da recepção de seu texto em francês, a autora declarou, “fico em choque pelo fato da questão racial ser um tabu na França (cf., RIBEIRO, 2020), a fala de Ribeiro aponta, assim, que há uma demanda francesa para o tema antirracismo, assim como há uma certa *antirrecepção* ao ter tal tema como tabu. Já em outro momento, dessa vez em uma entrevista com a tradutora, Paula afirma que o público francês foi percebendo a importância da discussão racial, e desse modo começaram a voltar para si e questionar: “*e nós, e aqui na França?*”. Essa fala revela que a discussão antirracista pouco se desenvolveu e participou da história política e cultural francesa – ao contrário do feminismo, que tem como um dos maiores expoentes Simone de Beauvoir, de tal modo, que nas indicações

de autores negros e de trabalhos que trata do antirracismo, apenas sete publicações são citadas – sendo que a maioria trata do feminismo sem passar pela questão da negritude – e elas são tão recentes que a mais antiga é de 2006.

Então, é possível sustentar a hipótese de, havendo uma *antirrecepção* para o tema do antirracismo, foi preciso adicionar um segundo tema ao título, como meio de seduzir o público francês e de superar o tabu, atingindo assim, não necessariamente a leitura do texto, mas ao menos sua maior circulação, como bem descreve Genette:

[...] se o destinatário do texto é o leitor, o destinatário do título é o público nosentido que acabo de precisar, ou, melhor, de ampliar. O título é dirigido paramuito mais gente que, por um meio ou por outro, recebe e transmite e, desse modo, participa de sua circulação. Isso porque, se o texto é um objeto de leitura, o título, como aliás o nome do autor, é um objeto de circulação – ou, se se preferir, um tema de conversação (GENETTE, 2009, p. 72).

Assim, é possível observar que a adição do segundo tema não se dá para o benefício da tradução, nem diz respeito a uma leitura mais singular e construtiva do texto. Ela acontece para atingir maior circulação no público alvo e, assim, buscar superar a *antirrecepção* francesa sobre o tema antirracismo.

Em um evento organizado pela editora Anacaona, em novembro de 2019, a Soirée "*Décolonisons le féminisme!*", disponível no canal da editora no Youtube, a tradutora endossa o porquê aceitou o desafio de traduzir as obras de Ribeiro, ao afirmar: “Quero levar esse debate para a França porque percebi que todos os livros sobre feminismo que eu poderia ler eram livros feministas europeus ou livros feministas afro-americanos”<sup>39</sup> (ANACAONA, 2021, s/p).

Como prova de que a decisão da tradutora foi certa, no que consiste a maior circulação do manual e, por consequência, de sua temática antirracista, elencamos alguns epitextos que constata a acolhida da obra de Ribeiro no contexto de recepção francófona do *Pequeno Manual*. Encontramos no site da própria editora, numa aba intitulada “*Les Editions Anacaona Dans La Presse*”, entrevistas e podcasts concedidos pela escritora brasileira, organizadas tanto pela Éditions Anacaona como por outros sites, tais como: a entrevista de Djamila com a tradutora Paula Anacaona, “*Djamila Ribeiro : Féminisme et antiracisme*” (2020), uma crônica do *Pequeno manual antirracista* na revista *Ballast* (2020), um vídeo no canal TV5Mondeinfo, disponível no Youtube, sobre o *Pequeno Manual antirracista*, intitulado *Chronique Africultures* :

---

<sup>39</sup> Texto original: J’ai envie d’emmener ce débat en France parce que je me suis rendu compte que tous les livres sur le féminisme que je pourrais lire c’était soit de livre des féministes européenne ou soit de livre des féministe afroaméricaine

*Petit manuel antiraciste et féministe* (2020), podemos encontrar ainda em outros sites as seguintes matérias: a) matéria do site *autres brésils: Djamila Ribeiro présente le Petit manuel antiraciste et féministe* em 2020, b) matéria na página do site “*Nouveaux Espaces Latins*”: Découvrir ou redécouvrir « *Petit manuel antiraciste et féministe* » de Djamila Ribeiro publicada em 2020, c) matéria na página do site *Madinin’art critique culturelles de Martinique: Petit manuel antiraciste et féministe*, de Djamila Ribeiro, publicada em 2020, entre outras.

Diante da breve relação acima esboçada, nos é pertinente reafirmar que, a partir das traduções, percebemos uma maior visibilidade no contexto francófono das obras de Djamila Ribeiro, o que leva, simultaneamente, junto às traduções, as discussões empreendidas pela autora referente ao racismo e feminismos brasileiros para os espaços francófonos, em especial, a recepção francesa.

#### 4.2 TRADUZINDO GÊNEROS: A LINGUAGEM INCLUSIVA COMO POLÍTICA DAS TRADUÇÕES

Na esteira de nossa discussão, daremos destaque a mais um elemento que em nossa pesquisa mostrou-se relevante para identificar as implicações da tradução e retradução do livro de Djamila, dessa forma, buscamos mostrar, através dos elementos paratextuais e de paratraduções que traçaram um liame com a recepção do PMA na França, a trajetória feita pela tradutora-editora e, aberto o caminho, vamos procurar entender como se dá a segunda edição do PMA em escrita inclusiva. Como dito anteriormente, até o atual momento o PMA conta com duas edições da tradução. Na segunda edição, por sua vez, consta na folha de rosto o seguinte adendo: “Éditions Anacaona pour *la traduction française en écriture inclusive*”. Como podemos constatar nas imagens abaixo:

**Figura 6: Ficha catalográfica da 1ª edição do PMA**

Titre original : *Pequeno Manual antirracista* ©2019, Editora Companhia das Letras.  
 © 2020, Editions Anacaona pour la traduction française.  
 Photo de couverture : © Lucas Lima  
 ISBN : 978-2-490297-06-1

**Fonte:** Éditions Anacaona, 2020

**Figura 7: Ficha catalográfica da 2ª edição do PMA**

Titre original : *Pequeno Manual antirracista* ©2019, Editora Companhia das Letras.

© 2020, Editions Anacaona pour la traduction française.

© 2021, Editions Anacaona pour la traduction française en écriture inclusive.

Photo de couverture : © Lucas Lima

ISBN : 978-2-490297-06-1

**Fonte:** Éditions Anacaona, 2020

Pelo que se pode conferir no site da editora, houve uma reedição desse livro em escrita inclusiva, que também é conhecida como não sexista e por ter como objetivo viabilizar a comunicação sem que haja segregação de gênero. As edições foram publicadas na seguinte ordem, a primeira de 2020 e a segunda de 2021, sendo essa última em escrita inclusiva o que nos convém aqui designá-las como, respectivamente, tradução e retradução. De acordo com Berman, é somente após a primeira apresentação de uma tradução, hesitante e ‘turva’, que surge uma tradução finalizada (*cf.*, BERMAN, 1990, p. 1), e que após a primeira tradução de um texto todos os outros serão considerados como uma retradução. São diversos os fatores e as motivações das quais surgem uma retradução, a que, segundo Berman, a fundamentação substancial para tais razões ainda são suspicazes e, em seguida, o autor dá ênfase ao fator envelhecimento de uma tradução.

Tomando como ponto de reflexão o fato de uma tradução poder ser sincrônica, isto é, a tradução pode se sujeitar a um dado período do tempo, atendendo assim às exigências linguísticas e sociais de uma determinada cultura e época. É diante, portanto, dessas particularidades que o ato de traduzir é dinâmico e se produz em constante processo de mudança, sendo, de certa maneira, ditada pelo que se impõe em cada época, sendo possível afirmar que uma tradução ou retradução envelhecem, como destaca Albrecht: “Uma tradução pode parecer ‘velha’, simplesmente pelo fato de não corresponder mais a noção de ‘tradução’ de uma certa época” (ALBRECHT, 2011, p. 21), para tanto, outras retraduições surgirão para rejuvenescer a tradução do texto. Berman (1990) distingue dois fatores que constituem a problemática da retradução, *déffailance* e *kairós*, do qual o primeiro diz respeito a “falha” da

tradução, ou seja, a retradução tem como objetivo reparar as possíveis falhas da tradução anterior; já o segundo faz referência ao tempo de existência de uma tradução, em que estando fora de seu tempo e não podendo mais atender a sua própria época em virtude da passagem do tempo, a retradução deve tomar seu lugar. Nesse sentido, Lombez escreve:

De uma retradução a outra lê-se toda a distância da passagem do tempo, das convenções que evoluem, da língua que se transforma, dos gostos e das práticas de escrita que se modificam... No entanto, o dilema do tradutor (ser fiel ao ‘espírito’ ou a ‘letra’ do texto estrangeiro) permanece lhe sendo o mesmo.<sup>40</sup> (LOMBEZ, 2011, p.9 - tradução nossa)

No que diz respeito ao PMA, temos então na retradução, em escrita inclusiva, como já mencionado, uma retradução. A partir de uma linguagem *courante*, a tradutora e editora Paula Anacaona modifica e ajusta a tradução para uma linguagem cujo uso é ainda distinto e bastante recente. Nesse caso, adotando as reflexões bermanianas, a razão para tal retradução é a de reparar e de modificar a primeira, a esses propósitos Berman destaca: “A retradução surge da necessidade não certamente de suprimir, mas de reduzir, mais ou menos, a falha original.” (BERMAN, 1990, p.3). No entanto, se faz importante notar que as duas edições da Anacaona possuem apenas a diferença de um ano, ou seja, aqui a retradução não aparece simplesmente como umareadequação à época, já que uma mudança de época não acontece de um ano para o outro, mas para atender as exigências ou até mesmo sondar a aceitação da linguagem inclusiva pelo público de chegada.

Retomando a questão central desse tópico, a tradução em linguagem inclusiva, na França, segundo o *Manuel D’écriture Inclusive* (Manual de escrita inclusiva) editado e publicado em 2016 pela *Mots-Clés*, redigido por Raphaël Haddad e Carline Baric, a sistematização da escrita inclusiva se dá pela inserção do *poit médian* (.), para que o gênero feminino seja alocado simultaneamente nos casos em que as palavras de gênero masculino atribuem uma função de representação genérica. Contudo, existem outras formas de representação dos elementos de escrita inclusiva para contemplação de outros gêneros além do binarismo entre masculino e feminino. Vejamos alguns exemplos da disposição de alguns elementos que compõem a escrita inclusiva, de acordo com o *Guia da gramática neutra e inclusiva* (2021):

---

<sup>40</sup> Texto original: D’une retraduction à l’autre se lit toute la distance du temps qui passe, des convenances qui évoluent, de la langue qui se transforme, des goûts et pratiques d’écriture que si modifient. Pour autant, le dileme du traducteur (être fidèle à l’‘esprit’ ou à la ‘lettre’ du texte étranger) reste, lui, toujours le même.

### Figura 8: Pronomes possessivos - escrita inclusiva

Pronoms possessifs

Masculin: mien/tien/sien  
 Féminin: mienne/tienne/sienne  
 Neutre: miem  
 Inclusif: mien-ne [mien-n]  
 Exemple: Lia professeur-e là-bas est lia mien-ne.

*Pour le pluriel, il faut ajouter un s.*

**Fonte:** Guide de grammaire neutre et inclusive, 2021

### Figura 9: Pronomes demonstrativos - escrita inclusiva

Pronoms démonstratifs

Masculin: celui, ceux  
 Féminin: celle, celles  
 Neutre: cille, ceus  
 Inclusif: cellui, ceuxx, ceuxes [ceuze]  
 Exemple: Je m'adresse à toustes ceuxx qui sont intéressée-s à rencontrer cellui qui les représente.

**Fonte:** Guide de grammaire neutre et inclusive, 2021

### Figura 10: Pronomes pessoais - escrita inclusiva

Pronoms personnels

Masculin: il  
 Féminin: elle  
 Non-binaire: iel, ille, alternance de pronoms, aucun pronom, etc.  
 Exemple: lel s'en va à l'épicerie.

*Il existe plusieurs pronoms non-binaires. lel et ille sont les plus populaires au Québec actuellement.*

**Fonte:** Guide de grammaire neutre et inclusive, 2021

### Figura 11: Feminização de nomes - escrita inclusiva

Certains autres caractères sont par ailleurs aussi utilisés, soit le tiret (-), le point (.) ou l'apostrophe ('). Certaines personnes vont aussi utiliser la majuscule.

Exemples de ces diverses variations:

intéressé-e  
intéressé-e  
intéressé.e  
intéressé'e  
intéresséE

**Fonte:** Guide de grammaire neutre et inclusive, 2021

Na retradução de PMA apontada como “tradução francesa em escrita inclusiva”, para além da adição do *point médian* (.), o que também a caracteriza como escrita inclusiva, isto é, o que traz explicitamente o uso e distinção entre os gêneros feminino e masculino, é a tradução fazer uso de outros elementos gramaticais, como por exemplo, a invenção de novos pronomes para indicar o sujeito dentro de outro gênero, que incluam de igual modo os diferentes gêneros ou grupos, fazendo assim com que a língua não seja regida pelo binarismo.

Vejam os alguns exemplos comparando alguns excertos da primeira e da segunda edição do PMA, importante ressaltar que em todo o texto as inserções/mudanças apresentadas quanto a tradução, são predominantemente as que estão relacionadas aos pronomes demonstrativos e a feminização:

Quadro 3- Quadro comparativo (escrita standard e escrita inclusiva)

1ª edição - escrita <i>standard</i>	2ª edição - escrita inclusiva
Noir et qui ai toujours débattu de ces questions à la maison, percevoir ces nuances est encore complexe et dynamique, alors pour ceux qui ont peu ou pas réfléchi sur ce thème [...]. Il implique de percevoir que même ceux qui cherchent activement à avoir une conscience raciale ont déjà probablement fait subir des violences à des groupes opprimés. (p.12)	Noir et qui ai toujours débattu de ces questions à la maison, percevoir ces nuances est encore complexe et dynamique, alors pour <i>celleux</i> qui ont peu ou pas réfléchi sur ce thème [...]. Il implique de percevoir que même <i>celleux</i> qui cherchent activement à avoir une conscience raciale ont déjà probablement fait subir des violences à des groupes opprimés. (p.12)

De nombreux <i>Brésiliens</i> pensent que [...]. (p.15)	De nombreux <i>Brésilien.nes</i> pensent que [...]. (p.15)
Je précise que les hommes et les femmes <i>noirs</i> ne sont pas les <i>seules</i> victimes de l'oppression structurelle [...]. (p.17)	Je précise que les hommes et les femmes <i>noir-es</i> ne sont pas les <i>seul-es</i> victimes de l'oppression structurelle [...].(p.17)
Mais il convient de lire Gilberto Freyre de façon critique, à contre-sens de <i>ceux</i> qui , dupés par la naturalisation du métissage forcé pendant la période coloniale[...].(p.21)	Mais il convient de lire Gilberto Freyre de façon critique, à contre-sens de <i>celleux</i> qui, dupé-es par la naturalisation du métissage forcé pendant la période coloniale [...]. (p.21)
Sans compter tous ceux, nombreux, que je ne connais pas encore. (p.65)	Sans compter toutes <i>celleux</i> , nombreux·ses, que je ne connais pas encore. (p. 65)
Les <i>Noirs</i> représentent 55,8% de la population brésilienne, mais 71,5% des personnes assassinées. Entre 2006 et 2016, le taux d'homicides d'individus <i>non-noirs</i> ( <i>Blancs</i> , Jaunes ou Autochtones, selon les classifications du recensement brésilien) a diminué de 6,8% tandis que sur la même période le taux d'homicides de la population noire a augmenté de 23,1%. (p. 87)	Les <i>Noir-es</i> représentent 55,8% de la population brésilienne, mais 71,5% des personnes assassinées. Entre 2006 et 2016, le taux d'homicides d'individus <i>non-noirs</i> ( <i>Blanc.hes</i> , Jaunes ou Autochtones, selon les classifications du recensement brésilien) a diminué de 6,8% tandis que sur la même période le taux d'homicides de la population noire a augmenté de 23,1%. (p. 87)
Cependant, je regrette que le Brésil soit aussi le pays où meurent le plus de <i>policiers</i> . La majorité d'entre eux viennent de la classe populaire, très souvent des mêmes quartiers que les jeunes <i>Noirs</i> qui sont <i>assassinés</i> . (p.94)	Cependant, je regrette que le Brésil soit aussi le pays où meurent le plus de <i>policier-es</i> . La majorité d'entre elleux viennent de la classe populaire, très souvent des mêmes quartiers que les jeunes <i>Noir-es</i> qui sont <i>assassiné-es</i> .(p.94)

É importante notar também que, embora a tradutora-editora não tenha anunciado na primeira edição a inserção de elementos que fazem parte da escrita inclusiva no tocante a distinção entre feminino e masculino, ela se utiliza deles, por exemplo, nos títulos dos capítulos. Por exemplo, os capítulos que no texto original são apresentados como *Leia autores negros* e *Sobre os autores negros citados*, nas duas edições francesas, mesmo na primeira que a tradução esperada é o francês corrente, ainda assim os capítulos foram traduzidos da seguinte forma:

*Lisez des auteur·es noir·es e Sur les auteur·e·s noir·e·s cité·e·s*. Dessarte, com base nas escolhas feitas pela tradutora-editora, parece-nos possível afirmar que, Anacoana tem a intenção de abarcar um público específico, de pessoas que estão situadas à margem e que demonstram um maior interesse pela discussão apresentada no PMA e pela linguagem inclusiva presente na tradução, tal situação nos dá mais indício para apontar o meio no qual a obra de Ribeiro circula em solo francês.

Arelado ao encargo de Anacoana como editora, os recursos por ela utilizados na tradução pode ser visto de duas maneiras: 1) no sentido de apresentação ao leitor de um outro mundo linguístico, pode-se considerar como um marco histórico da editora, demarcando sua identidade; 2) Apresenta um jogo mercadológico, disposto pelo jogo de sedução ao fornecer ao leitor um tipo de escrita que tem seu lugar assegurado nas discussões sócio-políticas no país, em particular, na diferenciação gramatical de gênero feminino e masculino proposta pela linguagem inclusiva. A esses apontamentos, outro dado que nos chamou atenção e que nos serve de análise, é o fato da retradução do PMA ser a única obra das Éditions Anacoana marcada por esse tipo de linguagem, as demais obras de Ribeiro são traduzidas em escrita stard, inclusive sua obra que foi lançada depois do PMA em parceria com a pensadora Nadia Yala, *Dialogue transatlantique: perspectives de la pensée féministe noire et des diasporas africaines* (2021).

Dessarte, o PMA é acompanhado por questões pertencentes às políticas linguísticas que, de acordo com Calvet (2003), o Estado intervém diretamente com o intuito de ‘construir’ e de ‘preservar’ a identidade nacional. Essas decisões estão sujeitas aos meios de comunicação, igrejas, sociedades literárias ou científicas, que possam servir como ferramenta na padronização da língua. Quanto a atuação do Estado nas relações estabelecidas na sociedade pelo viés das políticas linguísticas, Calvet afirma:

Quando o Estado toma a decisão de intervir nesse domínio, a língua é afixada e não ser lida pela maioria das pessoas (isso depende, evidentemente do grau de alfabetização da população), mas ela é percebida, entretanto, como o que ela é: uma língua escrita; e sua presença simboliza, logicamente, uma escolha política (CALVET, 2003, p. 74).

No caso da França, o autor irá destacar que sempre se tratou de um país conservador quanto ao seu sistema linguístico, raras foram as vezes que tiveram intervenções na língua francesa após o estabelecimento das políticas linguísticas no país. (*cf.*, CALVET, 2003, p. 93). Ainda segundo o autor, para que tal movimento fosse efetuado, a França dispôs-se de inúmeros meios de contação concernentes às mudanças linguísticas, nas palavras do autor,

Para defender sua língua, a França dispõe de estruturas antigas (como a Academia Francesa) e de outras mais recentes (como a Delegação Geral para a Língua Francesa)

e intervém essencialmente no domínio da terminologia. Essas intervenções se manifestam principalmente por textos legislativos, decretos e leis. (CALVET, 2003, p.93)

Os desdobramentos e as tensões existentes ao que tange a língua, as quais intervenções e decisões devem ser tomadas, são nitidamente aplicáveis ao processo de implementação da linguagem inclusiva numa determinada sociedade. Isso pode ser observado num levantamento preliminar que fizemos, onde figura várias tensões e divergências tanto no meio acadêmico como entre o público em geral, por meio de opiniões jornalísticas.

Podemos atestar, por exemplo, nas manchetes de dois dos maiores jornais da França, notadamente, *Le figaro* e *Le monde*, o primeiro é tradicionalmente associado à direita francesa, já tendo publicado diversas matérias sobre o assunto: “*Como ser uma nação “una” se a língua nos divide até o coração de sua grafia?*”<sup>41</sup> (2017), “*Para academia, a escrita inclusiva é um perigo mortal.*”<sup>42</sup> (2017), “*A leitura está ameaçada na França? O pesquisador Marc Lambron responde*”<sup>43</sup> (2021). Já nas manchetes que compete ao *Le monde* temos: “*Igualdade mulheres-homens: a escrita dita ‘inclusiva’, o assunto que divide.*”<sup>44</sup> (2017), “*A academia coloca-se em alerta contra o ‘perigo mortal’ da escrita inclusiva*”<sup>45</sup> (2017), “*A escrita inclusiva ou a longa busca de uma língua igualitária*”<sup>46</sup> (2021).

No meio acadêmico o embate se dá em igual modo, trabalhos como o do linguista e professor universitário Jean Szlamowiz, que publicou o livro *O sexo e a língua: Pequena gramática de gênero francês, na qual estudamos a escrita inclusiva, a feminização e outras estratégias militantes convencionais*<sup>47</sup> (2018), textos do linguista François Rastier *Escrita inclusiva e a exclusão da cultura*<sup>48</sup> (2020), *Retóricas reacionárias e antifeminismo na França: a controvérsia da escrita inclusiva*<sup>49</sup> (2021) da pesquisadora da Universidade de Montréal, Héloïsa Michaud, e as produções da pesquisadora Julie Abbou, como por exemplo: *Quem tem medo da escrita inclusiva? Entre o delírio escatológico e o medo da emasculação*<sup>50</sup> (2018). A

---

<sup>41</sup> Texto original: Comment être une nation “une” si la langue nous divise jusqu’au cœur de sa graphie?

<sup>42</sup> Texto original: Pour l’Académie, l’écriture inclusive est un péril mortel.

<sup>43</sup> Texto original: La lecture est-elle menacée en France? L’académicien Marc Lambron répond.

<sup>44</sup> Texto original: Egalité femmes-hommes : l’écriture dite « inclusive », sujet qui divise.

<sup>45</sup> Texto original: L’Académie française met en garde contre le « péril mortel » de l’écriture inclusive.

<sup>46</sup> Texto original: L’écriture inclusive ou la longue quête d’une langue égalitaire.

<sup>47</sup> Texto original: Le Sexe et la Langue: Petite grammaire du genre en français, où l’on étudie écriture inclusive, féminisation et autres stratégies militantes de la bien-pensance.

<sup>48</sup> Texto original: Écriture inclusive et exclusion de la culture.

<sup>49</sup> Texto original: Rhétoriques réactionnaires et antiféminisme en France: la controverse de l’écriture inclusive

<sup>50</sup> Texto original: Qui a peur de l’écriture inclusive? Entre délire escatologique et peur d’emasculación.

essa lista podemos também tomar como exemplo a pesquisa e as reflexões levantadas pela linguista e professora de ciências da linguagem na Universidade de Sorbonne (Paris-3), Danièle Manesse, *O feminino e o masculino na língua*<sup>51</sup> (2019), *Os grandes desvios da escrita inclusiva, Entre o amor da língua e o amor do eu, eu, eu*<sup>52</sup> (2021) e *Contra a escrita inclusiva*<sup>53</sup> (2021), neste último texto a linguista contesta fortemente a ideia de aderir a linguagem inclusiva como um idioma nacional, em particular a sua modalidade escrita, fazendo a seguinte afirmação:

Os guias de escrita inclusiva, mediante muitíssimas variantes [Elmiger, 2021], dizem respeito a propostas escritas para escrita inclusiva que afetam a totalidade da língua: gramática e as relações entre unidades, morfologia, ortografia, enfim; portanto, o material, o sistema da linguagem escrita. Assim, o ponto médio mutila a palavra, trazendo à tona letras isoladas (les étudiant·e·s élu·e·s); corta os radicais (“les voleu·r·se·s”); destrói a relação entre o escrito e o oral: eu não “digo” o que está escrito (MANESSE, 2021, p.170 - tradução nossa)<sup>54</sup>.

Trabalhos como o da linguista Marina Yaguello, tendo como destaque o livro *Les mots et les femmes* (1978), reforçam e atestam que as questões/tensões ligadas as políticas linguísticas na França advém de longa data, a linguista, por sua vez, dedicou-se a estudar as bases da língua francesa, em seu aspecto morfológico e sintático a fim de evocar “as circunstâncias históricas que forjou o gênero em francês com base em uma oposição binária [...]” (YAGUELLO, 2014, p.11 - tradução nossa)<sup>55</sup>. No prefácio à edição de seu livro *Les mots ont un sexe* (2014), Yaguello ao discorrer sobre o sexismo linguístico faz o seguinte apontamento “Parece-me que hoje em dia o número de formas femininas pouco atestadas ou violentamente condenadas pela Academia francesa e pelos falantes, os mais conservadores obtiveram bons progressos na aceitabilidade.” Porém, a autora continua a apontar a existência e persistência do problema.

Em outubro de 2017 a Academia francesa emite uma nota, declarando que a escrita inclusiva é uma ameaça a língua francesa e que tornaria a vida tanto de professores quanto de leitores um caos, por apresentar inconsistência, beirando a ilegibilidade. Sua nota é ainda mais incisiva ao fazer a seguinte declaração,

Mais do que qualquer outra instituição, a Academia francesa é sensível às evoluções

<sup>51</sup> Texto original: Le féminin et le masculin dans la langue.

<sup>52</sup> Texto original: Les grands écarts de l’écriture inclusive, Entre l’amour de la langue et l’amour de moi, moi, moi

<sup>53</sup> Texto original: Contre l’écriture inclusive

<sup>54</sup> Texto original: Les guides de l’écriture inclusive, sous de très nombreuses variantes [Elmiger, 2021], concernent les propositions écrites de l’écriture inclusive qui touchent à la totalité de la langue: la grammaire et les relations entre unités, la morphologie, l’orthographe, enfin; donc le matériau, le système de la langue écrite. Ainsi le point médian charcute le mot, faisant surgir des lettres isolées, (les étudiant·e·s élu·e·s); il découpe les radicaux (« les voleu·r·se·s »); il détruit la relation entre l’écrit et l’oral : je ne « dis » pas ce qui est écrit

<sup>55</sup> Texto original: les circonstances historiques qui ont forgé le genre en français sur la base d’une opposition binaire [...].

e inovações da linguagem, pois sua missão é codificá-las. *Nesta ocasião, é mais como garantidora do futuro do que como guardiã da norma lança-se um grito de alarme: face a esta aberração “inclusiva”, a língua francesa está agora em perigo mortal, pelo qual a nossa nação é agora responsável perante as gerações futuras* (ACADEMIA FRANCESA, 2017, s/p - grifo nosso).<sup>56</sup>

Após este episódio, em 2019, a Academia lança uma nova portaria, na ocasião aderindo a feminização dos nomes das profissões e encargos que eram dirigidos, majoritariamente por homens, portanto, a Academia pensando nos lugares que as mulheres vêm ocupando e o desejo destas de terem uma profissão que corresponda linguisticamente com o seu gênero, a Academia decide adotar a reflexão de gênero em determinadas palavras, para que haja distinção também na língua escrita/oral dos lugares ocupados por essas mulheres. Academia francesa fez então, a seguinte declaração,

*No início do século XXI, todos os países do mundo, e em particular a França e outros países total ou parcialmente francófonos, vivem uma evolução rápida e geral no lugar ocupado pelas mulheres na sociedade, na carreira profissional que abre cabe-lhes as profissões e funções a que acedem sem que o nome correspondente à sua atividade e a sua função responda plenamente a esta nova situação. Isto resulta numa expectativa por parte de um número crescente de mulheres, que desejam ver a profissão ou cargo que exercem com um nome feminino, e que aspiram ver preenchida o que consideram ser uma lacuna na linguagem.* (ACADEMIA FRANCESA, 2019, s/p - grifo nosso)

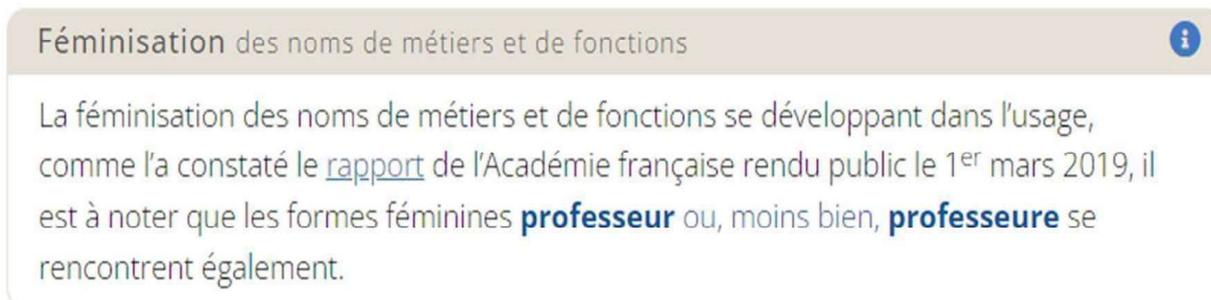
A informação sobre as mudanças quanto a feminização de algumas palavras é dada ao falante de língua em sua busca no dicionário online da Academia francesa, como podemos observar abaixo nos exemplos de busca dos verbetes professeur e medicin, vale notar que diferente da palavra professor, a palavra médico não apresenta mudanças no que diz respeito a feminização:

---

<sup>56</sup> Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/actualites/declaration-de-lacademie-francaise-sur-lecriture-dite-inclusive>. Acesso: julho de 2023.

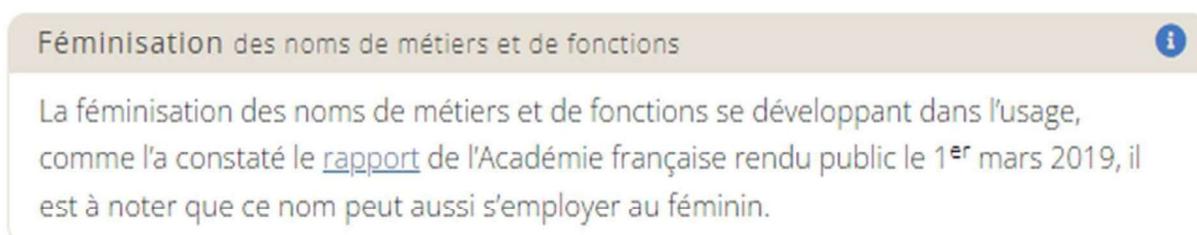
Texto original: Plus que toute autre institution, l'Académie française est sensible aux évolutions et aux innovations de la langue, puisqu'elle a pour mission de les codifier. En cette occasion, c'est moins en gardienne de la norme qu'en garante de l'avenir qu'elle lance un cri d'alarme: devant cette aberration « inclusive », la langue française se trouve désormais en péril mortel, ce dont notre nation est dès aujourd'hui comptable devant les générations futures.

**Figura 12: Verbetes do dicionário da Academia francesa - *professeur*- 9ª edição**



Fonte: Dictionnaire de l'Académie française, 9e édition, 2023

**Figura 13: Verbetes do dicionário da Academia francesa -*médecin*- 9ª edição**



Fonte: Dictionnaire de l'Académie française, 9e édition, 2023

Contudo, contraditoriamente ao que foi descrito acima, no ano de 2021 a Academia francesa manifesta-se mais uma vez através de uma carta aberta sobre a escrita inclusiva, todavia, salientando a repulsa por parte da Academia aos novos elementos de linguagem, como bem podemos confirmar nos trechos abaixo:

*Ao defender uma reforma ortográfica imediata e totalizante, os promotores da escrita inclusiva violam os ritmos de evolução da língua segundo uma injunção brutal, arbitrária e desconcertada, que ignora a ecologia do verbo. [...]*

*Um espartilho doutrinário pretende, assim, reger a prática dos escritores, mutilando a respiração e a lógica da linguagem.[...]*

*A escrita inclusiva ofende a democracia da linguagem.[...]*

*A escrita inclusiva perturba as práticas de aprendizagem e transmissão da língua francesa [...].*

*Ao focar a atenção na obsessão pelo gênero, restringe a relação com a linguagem ao inibir uma expressão mais ampla do pensamento. Longe de suscitar o apoio da maioria dos contemporâneos, surge como domínio reservado de uma elite, alheia às dificuldades encontradas no dia-a-dia de professoras e utentes do sistema escolar. (ACADEMIA FRANCESA, 2021, s/p - grifo nosso)<sup>57</sup>*

<sup>57</sup>Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/actualites/lettre-ouverte-sur-lecriture-inclusive#:~:text=L%C3%A9criture%20inclusive%20offusque%20la,la%20dysphasie%20ou%20l'apr%20axie.>

De acordo com o levantamento rapidamente esboçado acima, nos é permitido notar o conflito que a língua/cultura francesa apresenta frente à escrita inclusiva, e ao que aponta está longe de acabar. Todavia, o que não se pode mascarar é a necessidade da imersão de políticas linguísticas que estejam comprometidas em viabilizar a inserção e propagação da escrita inclusiva no meio social. Diante desse contexto, a tradução é considerada um instrumento que assegura a inclusão e disseminação das causas sociais, no nosso caso em particular, no que diz respeito à escrita inclusiva.

Com o recente processo de reconfiguração da escrita em prol de incluir e representar a todos os falantes, sucintamente descrito acima, observar-se esforços para descrever e instrumentalizar a língua, tendo como base a criação de instrumentos linguísticos, como manuais e gramáticas, dando possibilidades de ambientação além de instruir os falantes acerca das mudanças linguísticas. Esses instrumentos têm efeitos decisivos sobre a percepção das línguas e as práticas linguísticas humanas. Acrescente-se a isso o objetivo declarado de constituição de uma identidade linguística e cultural. Realizado um breve levantamento de pesquisa sobre a quantidade de manuais, guias e gramáticas voltados para escrita/linguagem inclusiva, foram encontrados mais *15 documentos publicados* entre 2017 e 2022, em diversos países de língua francesa, dentre, citamos: *Petit guide d'écriture inclusive* (Departamento de emprego e da segura social – Neuchâtel/ Suiça -2020), *Guide de rédaction inclusive du cvm* (Colégio de Ensino Geral e Profissional – CÉGEP - Montréal/ Candá -2020), *Inclusivement Guide d'écriture pour toutes et tous* (Universidade de Montréal/ Canadá – 2019), *Manuel d'écriture inclusive* (Mots-clés, Paris/ França -2017;2019), *Guide pour la rédaction inclusive* (Universidade de Laval / Candá -2020), *Petit guide pour une écriture respectueuse du genre* (Réseau fédéral Diversité – Bélgica -2022), *Grammaire neutre* (É fondation emmerge – Canadá - 2022).

O que podemos observar a partir dos instrumentos que foram listados acima é a

---

Acesso: julho de 2023

Trecho original: En prônant une réforme immédiate et totalisante de la graphie, les promoteurs de l'écriture inclusive violentent les rythmes d'évolution du langage selon une injonction brutale, arbitraire et non concertée, qui méconnaît l'écologie du verbe.[...]

Un corset doctrinal prétend ainsi régir la pratique des scripteurs, mutilant les respirations et la logique de la langue.[...]

L'écriture inclusive offusque la démocratie du langage.[...]

L'écriture inclusive trouble les pratiques d'apprentissage et de transmission de la langue française [...] En focalisant l'attention sur l'obsession du genre, elle restreint le rapport à la langue en inhibant une expression plus ample de la pensée. Bien loin de susciter l'adhésion d'une majorité de contemporains, elle apparaît comme le domaine réservé d'une élite, inconsciente des difficultés rencontrées au quotidien par les pédagogues et les usagers du système scolaire

existência de um esforço, que se torna, simultaneamente, uma técnica pedagógica de aprendizagem de uma modalidade escrita, visto que a criação desses instrumentos servem para dar aparatos linguísticos aos falantes, em um ato de inclusão, diferentemente do que aconteceu, por exemplo, com a colonização, na medida em que o colonizador impôs seus regimes e regras linguísticas, mediante uma relação política na qual a língua exerceu um papel central enquanto elemento fundador de identidade, nesse caso, no contexto da colonização, não caberia a palavra fundador, e sim uma imposição de uma identidade específica, com interesses capitalistas. O movimento em prol de uma escrita inclusiva, ao que nos é permitido afirmar, oferece uma relação de troca e de reconhecimento das singularidades das comunidades envolvidas, promovendo uma reparação histórica do epistemicídio para o qual fomos empurrados.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como discussão central a tradução e a recepção em solo francês do livro *Pequeno Manual Antirracista*, de Djamília Ribeiro, obra publicada no Brasil, em 2019, pela Companhia das Letras. Desse modo, buscamos mostrar, pelo viés da tradução, os desdobramentos causados pela travessia transatlântica da obra da escritora brasileira. Para tanto, recorreremos aos elementos que envolveram a obra em sua chegada à França e a acompanharam em sua publicação pela Éditions Anacaona, a fim de empreender a análise dos elementos paratextuais e de paratradução do PMA, além de estender a discussão para o papel do tradutor enquanto mediador de línguas e de culturas e para o tipo de tradução exigido pelo PMA – aqui, trabalhamos com os conceitos de tradução decolonial e afrodiaspórica.

Com tais propósitos, esta pesquisa apresentou a seguinte configuração: no primeiro capítulo, dedicamo-nos à apresentação do contexto histórico no qual a obra está inserida; no segundo capítulo, tivemos como objetivo estabelecer uma discussão teórica acerca dos elementos paratextuais e de paratradução, estendendo a discussão também para as contribuições teóricas de autores e autoras que se dedicam aos estudos de uma tradução que vai além dos limites textuais, isto é, que atrelam suas reflexões aos fatores sociais e políticos; por fim, no terceiro capítulo, nos debruçamos sobre a análise das paratraduções e paratextos identificados no PMA, que nos proporcionaram a obtenção de respostas acerca das escolhas feitas pela tradutora-editora Anacaona e das implicações de tais escolhas na recepção da obra analisada.

No primeiro momento, por meio de um modesto resumo histórico, apresentamos as teóricas das quais Ribeiro é herdeira, de modo a iluminar a herança que a autora traz consigo no tocante ao lugar da mulher negra na sociedade e ao racismo – a respeito dessa herança, gostaríamos de salientar que Djamília Ribeiro apresenta uma linha de pensamento que tem fortes laços com as teorias feministas norte-americanas, mas que não se restringe às discussões destas, uma vez que a presença de autoras negras brasileiras também é uma constante em seus trabalhos. Tal herança, como enfatizamos no primeiro capítulo, é frequentemente evocada por Djamília Ribeiro em suas falas ao destacar a importância de conhecer, ler e traduzir os pensamentos de suas antecessoras, bem como de autoras contemporâneas que discorrem sobre a tríade – gênero, classe e raça –, no Brasil, a exemplo da pensadora Carla Akotirene.

Outro ponto importante que nos foi possível perceber e apontar é o apagamento

epistemológico dessas mulheres, pois comumente as reflexões oriundas do Sul global são apagadas das discussões teóricas a níveis internacionais – e quando não são silenciadas, estas discussões circulam à margem no mercado editorial. No tocante a essa reflexão, pudemos refletir sobre o movimento de apagamento epistêmico tratado por Ribeiro com a discussão empreendida por Grada Kilomba na obra *Memórias da plantação* (2019), notadamente com a reflexão que esta faz ao jogar luz sobre a intrínseca relação entre poder e conhecimento, demonstrando assim a razão pela qual autores e autoras negras têm suas reflexões jogadas ao ostracismo nos diversos campos do conhecimento, e aqui, nos é de suma importância reforçar o papel político e social que a tradução exercer para difusão epistemológica de tais autoras e autores.

Ainda segundo a autora, os “conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial” (KILOMBA, 2019, p. 50). Kilomba salienta ainda a efetiva produção de conhecimento que é engendrada nos espaços contra hegemônicos, mas que são impossibilitados de circularem nos centros acadêmicos e invisibilizados de toda forma, isto é, inviabilizados seja pela dificuldade de circulação, seja pela falta de incentivo às discussões sobre essas temáticas. Desse modo, a autora adverte: “portanto, o que temos na academia não é uma verdade objetiva científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder de ‘raça’.” (KILOMBA, 2019, p. 53).

Buscando demonstrar como se deu a entrada do PMA em solo francês, o segundo capítulo nos serviu como esteio para entender os elementos que nos possibilitaram apontar os desdobramentos de tal recepção. Assim sendo, nos amparamos nas teorias dos Estudos da Tradução que tratam da relação entre tradução e culturas. Para entender como o PMA chegou às mãos do leitor francês, utilizamos as reflexões de Genette sobre paratextos, pois, em suas palavras: “o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores” (GENETTE, 2009, p. 9). De igual modo, trouxemos as contribuições de Frías (2010) com intuito de entender os elementos concernentes às paratraduções adicionadas pela tradutora-editora Anacoana e de compreender as implicações das escolhas da tradutora-editora na composição da tradução em língua francesa.

Diante do caráter apresentado pela obra, fez-se necessário recorrer às teorias da tradução cujas discussões estão para além das questões inerentes ao texto de chegada. Assim, invocamos os pensamentos de Gisèle Sapiro e Johan Heilbron, Zohar, Carrascosa, com o propósito de entender o papel da tradução dentro das instâncias socioculturais. No caso da tríade – gênero, classe e raça –, tais teorias nos permitiram extrapolar o que seria do campo das subjetividades,

uma vez que questões como feminismo negro e epistemicídio foram primordiais durante o processo tradutório e recepção da obra.

Mediante as razões e os pensamentos elencados acima, apontamentos e percepções nos foram possíveis de elencar durante o desenvolvimento dessa pesquisa. Logo, caminhando para vias de fato de nossas considerações finais, apresentaremos ao leitor de forma sequencial os olhares que nos foram possíveis apreender ao mirar a travessia transatlântica do *Pequeno Manual Antirracista* da afro-brasileira Djamilia Ribeiro, proporcionado pela tradução diaspórica feita por Anacaona.

Para chegar às nossas conclusões, uma série de questionamentos foram necessários, porém não obtivemos respostas para todas as perguntas. Contudo, podemos afirmar que, as possíveis reflexões oferecidas por essa pesquisa têm sua devida importância aos Estudos da Tradução, pois, como inúmeras vezes foi suscitado, nos é fundamental considerar a tradução como um ponto essencial nas relações entre culturas distintas, no qual ela se configura por seu caráter múltiplo: político, sociológico e cultural, como foi o caso da tradução do PMA.

Começamos com nossas considerações acerca da tradutora-editora Anacaona, dessa sua dupla função, que nos possibilitou a fazer apontamentos acerca da tradução por ela proposta. Anacaona, que é também o nome dado a sua editora, é uma referência a uma guerreira haitiana que lutou contra a colonização, eis então uma das razões pela qual Paula tomou a decisão de não apenas nomear sua editora, mas também de se auto-nomear “como um ato de resistência” (cf. ANACAONA, 2020, s/p), afirma ela. Vendo por essa perspectiva, o ato da tradutora-editora se enquadra nas ações de resistência decolonial.

A este ato de resistência, adicionamos o movimento por parte da tradutora-editora de decidir retraduzir o PMA em escrita inclusiva, mesmo diante dos transtornos que o movimento de instituição da escrita inclusiva enfrenta – acerca desse tópico, nos foi possível constatar a resistência quanto as questões estritamente ligadas às políticas linguísticas na França, ratificando dessa forma o forte conservadorismo que ainda impera diante das propostas de intervenções para língua francesa, seja para adesão da feminização seja para inserção de elementos pertencentes à escrita inclusiva. Adicionamos também que tais desdobramentos e tensões existentes, em torno da escrita inclusiva, não se limitam apenas ao território francês, como foi evidenciado no terceiro capítulo deste trabalho, uma vez que diversos países presenciaram e ainda presenciam tais tensões em torno desse assunto. No entanto, não coube a essa pesquisa o desenvolvimento dessa discussão e por isso não a abordaremos com mais profundidade, mas a mencionando por ser relevante ao exemplificar o que discutimos a respeito

da Política Linguística.

Paula, considerando mais especificamente seu trabalho como editora, vai relatar que uma das motivações que a levou a essa decisão de traduzir o pensamento de Djamila Ribeiro foi perceber uma escassez nas bibliotecas francesas de livros voltados para a questão de raça, gênero e classe, ratificando que tais questões quando debatidas eram evocadas através do pensamento de filosofas norte-americanas, com isso, ela enfatiza não somente a urgência e a evidente necessidade de aprofundar esses temas, ela também percebe um público carente de discussão teórica sobre o racismo, falta essa que a Éditions Anacoana procura ocupar. Inclusive, segundo a editora, um dos propósitos da criação de sua instituição foi traduzir e difundir a literatura brasileira, ou seja, trazer para um lugar proeminente autoras e autores provenientes do Sul global.

Retornando a tradutora-editora, sua decisão quanto à modalidade escrita na retradução do PMA e a escolha da autora do prefácio, Françoise Vergès, nos conduziu a levantar dois apontamentos: 1) Sua intenção de atrair o leitor por meio de estratégias mercadológicas, a saber, trazendo uma escritora francófona reconhecida por seu papel nas discussões sobre gênero e raça e escolhendo o uso de uma modalidade escrita que está em pauta nas discussões sócio-políticas – gênero, raça e classe e 2) proporcionar ao leitor francês a oportunidade de se informar e conhecer a escrita inclusiva.

No terceiro capítulo também analisamos com minúcia o título e suas categorias, investigando através disso o acréscimo que houve ao título do livro de Djamila Ribeiro em francês, que acabou recebendo a adição de et féministe: *Petit Manuel Antiraciste et féministe*. Através dessa análise pudemos chegar na concepção de que esse acréscimo se deu para atingir um público que tem no feminismo um tema consolidado em sua cultura, em detrimento das questões raciais, que na França pouco tem ressonância.

Outra questão curiosa a respeito de suas decisões foi a referência à tradutora do livro que tanto na primeira quanto na segunda edição irá aparecer apenas na folha de rosto e ficha catalográfica. O que nos leva a concluir que, sendo a ela atribuída toda e qualquer decisão editorial, a tradutora-editora promove sua invisibilidade, em detrimento da menção que a prefaciadora ganha na capa, que, como vimos tem notória contribuição filosófica e política acerca do tema central apresentado no PMA. Desse modo, a “visibilidade” de Anacoana foi colocada em jogo de igual modo nos elementos de paratraduções, suas notas não assinaladas, o que conduz o leitor a deduzir que tais notas são de autoria da escritora do livro.

Com isso, trazer à tona a relevância da tradução de obras não literárias, sobretudo, das

obras oriundas do Sul global, nos mostrou que é possível haver uma troca de experiências, pensando aqui no conceito de tradução performática promovido por Carrascosa, visto que “os textos da diáspora negra performam uma comunicabilidade de experiências entre seus diversos pontos [...]” (CARRASCOSA, 2017, p.17), estabelecendo um diálogo com o que foi proposto por Berman, ao discorrer sobre a ética da tradução, ou seja, de apresentar esse *outro* estrangeiro em sua totalidade sobretudo no que consiste a sua cultura e ideologia, ser *fidel* ao texto, a transmissão de pensamento, como sustenta o autor “*abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua*” (BERMAN, 1991, p.97)

A tradução do PMA é de certo uma porta de entrada pela qual outras escritoras poderão passar e propagar o pensamento filosófico acerca das questões de gênero, raça e classe, a partir de suas experiências, suas perspectivas, apartando-se da imposição epistemológica eurocentrada – uma porta que pode servir de mão dupla e que possibilite a circulação da produção teórica de mais obras de mulheres afro-brasileiras que farão a travessia através da tradução afrodiaspórica.

Portanto, como foi esboçado logo no início desse trabalho, esta pesquisa nos deu a oportunidade de: 1) atestar o interesse de países de expressão francesa na produção teórica brasileira, na medida em que tanto a tradutora-editora, a Paula Anacaona, quanto a responsável pelo posfácio e Françoise Vergès, ratificaram publicamente a importância da temática do PMA. A primeira faz isso ao falar abertamente, em entrevistas, acerca da relevância da produção de conhecimento desenvolvido por pensadores e pensadoras brasileiras, enquanto a segunda, em seu prefácio, ratifica que a publicação do PMA, “encoraja a publicação de manuais semelhantes na França, que levam a história de seu império colonial, mas também seu imperialismo, racismo e neocolonialismo atuais.” (VERGÈS, 2020, s/p); 2) evidenciar o impacto das traduções de Djamilia Ribeiro para a construção de narrativas contra hegemônicas; 3) mostrar que, pelo viés da tradução, a propagação e o desenvolvimento de reflexões antirracistas a nível internacional são possíveis.

À vista de tudo isso, chegamos à conclusão de que promover e difundir a tradução afrodiaspórica é um processo necessário para reconfigurar as relações de poder e conhecimento constituídas pelo domínio do saber do Norte global, enquanto transitamos entre a linha tênue de margem e centro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEDÉMIE FRANÇAISE. *Déclaration de l'Académie française sur l'écriture dite "inclusive"*. 2017. Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/actualites/declaration-de-lacademie-francaise-sur-lecriture-dite-inclusive>. Acesso em: 11 de junho de 2023.

ACEDÉMIE FRANÇAISE. *Lettre ouverte sur l'écriture inclusive*. 2019. Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/actualites/lettre-ouverte-sur-lecriture-inclusive>. Acesso em: 11 de junho de 2023.

AUROUX, S. A revolução tecnológica da gramatização. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1992.

BORGES, Rosane da Silva. *Sueli Carneiro*. São Paulo, SP: Selo Negro, 2009.

BERMAN, Antoine. *A letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2 ed. Tubarão: Copiat. 1991.

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica - Heder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humbolt, Shleiermacher, Holderlin*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, EDUSC, 2002.

BERMAN, Antoine. *La retraduction comme espace de la traduction*. In: Palimpsestes. N. 4. Presses Sorbonne Nouvelle, Paris: 1990. Disponível em: <http://palimpsestes.revues.org/596>. Acesso em: 18 mar 2023.

BERMAN, Antoine. Traduction spécialisée et traduction littéraire. Actes du Colloque International. La Tilv éditeur. Paris, 21 et 22/03/1991.

CASTRO RAMÍREZ, Nayelli. Traduzir a filosofia para além da filosofia: Assinaturas, acontecimentos, contextos. Tradução de Clarissa Prado Marini e Ana Alethéa Osório. *Belas Infieis*, v. 7, n. 2, p. 97-114, 31 dez. 2018. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/18285>.

CALVET, Jean Louis. *As Políticas Linguísticas*. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

CARRASCOSA, Denise (org.). *Traduzindo o atlântico negro: cartas náuticas afrodiáspóricas para travessias literárias*. Salvador, BA: Ogum's Toques Negros, 2017.

ÉDITIONS ANACAONA. *Soirée "Décolonisons le féminisme!" avec F. Vergès, D. Ribeiro, J. Berth et G. Dambury*. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ESiSaH4d1fI>. Acesso em: 08 jan. 2023.

ÉDITIONS ANACAONA. *Djamila Ribeiro lance le "Dialogue transatlantique"*. 2021.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TFKNM7d5Csl&t=337s>. Acesso em: 08 jan. 2023.

ÉDITIONS ANACAONA. *Djamila Ribeiro: Féminisme et antiracisme*. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AZasmChyHyQ> Acesso em: 08 jan. 2023.

ÉDITIONS ANACAONA. *Le féminisme noir: Djamila Ribeiro publiée en français*. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L0rgSVm1LZg> . Acesso em: 08 jan. 2023.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1999. *La posición de la literatura traducida en el polisistema literario*. Traducción de Montserrat Iglesias Santos revisada por el autor. En *Teoría de los Polisistemas, Estudio introductorio, compilación de textos y bibliografía* por Montserrat Iglesias Santos. [Bibliotheca Philologica, Serie Lecturas] Madrid: Arco, pp. 223-231.

FRATESCHI, Yara. *A filosofia prática de Sueli Carneiro*. In: *Dispositivo de Racialidade: A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

FRIAS, José Yuste. *Paratradução: a tradução das margens, à margem da tradução*. Delta, vol. 31, n.spe, pp 317-347. 2015.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: AteliêEditorial, 2009.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos*. LIMA, Márcia; RIOS, Flávia (org.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2020.

GUEDES, D. *Conheça a Anacaona, a editora francesa especializada em literatura brasileira*. Jornal do Comercio online. Cultura. Publicado em 10/05/2015. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2015/05/10/conheca-a-anacaona-a-editora-francesa-especializada-em-literatura-brasileira-180437.php>. Acesso em: 06 jan. 2023.

HADDAD Raphaël (org.); BARIC, Carline. *Manuel d'écriture inclusive*. Paris: Mots-Clés, 2016.

HEILBRON, Johan; SAPIRO, Gisèle. *Por uma sociologia da tradução: balanço e perspectivas*. Tradução de Marta Pragana Dantas. In: *Graphos*. João Pessoa. v. 11, n. 2, 2009. p. 13-28.

JACOB, Paula. *Djamila Ribeiro: afeto, ancestralidade e cura*. Claudia, São Paulo, 8, julho, 2020. Cultura, Ensaio&Entrevistas. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/cultura/djamila-ribeiro-afeto-ancestralidade-cura/>. Acesso em: 08 fev. 2023

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano* Rio de

Janeiro: Cobogó, 2019.

LAMBERT, José. *Literaturas, traduções e (des)colonização*, tradução de Marcia A. P. Martins & Paulo Henrique Britto, In *Literatura & Tradução: Textos selecionados de José Lambert*, Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres & Walter Costa (org.), Rio de Janeiro, 7Letras, 2011.

LOMBEZ, Christine (org.). *Retraductions: de la renaissance au XXI siècle*. Nantes: Éditions Nouvelles Cécile Default, 2011.

MANESS, Danièle. *Contre l'écriture inclusive*. In: *Travail, genre et sociétés*, vol. 47, no. 1, 2022, pp. 169-172.

MARINI, Clarissa Prado. *Tradução de Tradutologia Francesa no Brasil: da História da Tradução à Tradução Comentada de L'Âge de la traduction de Antoine Berman*. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2019.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez*. São Paulo, SP: Selo Negro, 2010.,  
RÈGLES DE GRAMMAIRE NEUTRE ET INCLUSIVE. Québec :Divergenres, 2021.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* .1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

RIBEIRO, Djamila.. *Petit Manuel Antiraciste et féministe*. Tradução de Paula Anacaona. 1. ed. Paris: Éditions Anacaona, 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Petit Manuel Antiraciste et féministe*. Tradução de Paula Anacaona. 2. ed. Paris: Éditions Anacaona, 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Feminismos decoloniais – Françoise Vergès e Djamila Ribeiro*. Ubu editora, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7FtkC1leDr8>. Acesso em: 08 jul 2023.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Prefácios e notas do tradutor: tensão e acolhimento na relação com outro*. Revista Brasileira de Tradutores: Tradução & Comunicação. n 20, 2010, 47-59.

SALES, Kall Lyws Barroso. *No limiar da tradução: paratextos e paratraduções de Le Gone du Chaâba de Azouz Begag*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 2014.

SANTANA, Bianca. *Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SANTOS, Sheila Maria dos. *As notas de rodapé e a visibilidade do tradutor na tradução brasileira da recherche de Proust*. Revista Da Anpoll, 1(50), 165–175, 2019.

SOUSA, Germana Henrique. Prefácio. In: TORRES, Marie- H elene Catharine. Traduzir o Brasil literário. Tubarão: Copiart. Copiart. 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TORRES, Marie- H elene Catharine. *Traduzir o Brasil literário*. Tubarão: Copiart. Copiart. 2011.

V RGES, Françoise. *Um Feminismo Decolonial*. São Paulo: Ubu, 2020.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. *Rela es raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez (1970-1990)*. Disserta o (Mestrado em História Comparada). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006